

Alexandra Maria Lourenço Dias

A Novela Gráfica como Género Literário

ANEXOS

PORTO
2012

Anexo 1

Eddie Campbell's (Revised) *Graphic Novel Manifesto*

There is so much disagreement (among ourselves) and misunderstanding (on the part of the public) around the subject of the graphic novel that it's high time a set of principles were laid down.

1. "Graphic novel" is a disagreeable term, but we will use it anyway on the understanding that graphic does not mean anything to do with graphics and that novel does not mean anything to do with novels. (In the same way that "Impressionism" is not really an applicable term; in fact it was first used as an insult and then adopted in a spirit of defiance.)

2. Since we are not in any way referring to the traditional literary novel, we do not hold that the graphic novel should be of the supposed same dimensions or physical weight. Thus subsidiary terms such as "novella" and "novelette" are of no use here and will only serve to confuse onlookers as to our goal (see below), causing them to think we are creating an illustrated version of standard literaturae when in fact we have bigger fish to fry; that is, we are forging a whole new art which will not be bound by the arbitrary rules of an old one.

3. "Graphic novel" signifies a movement rather than a form. Thus we may refer to "antecedents" of the graphic novel, such as Lynd Ward's woodcut novels but we are not interested in applying the name retroactively.

4. While the graphic novelist regards his various antecedents as geniuses and prophets without whose work he could not have envisioned his own, he does not want to be obliged to stand in line behind William Hogarth's *Rake's Progress* every time he obtains a piece of publicity for himself or the art in general.

5. Since the term signifies a movement, or an ongoing event, rather than a form, there is nothing to be gained by defining it or "measuring" it. It is approximately thirty years old, though the concept and name had been bandied about for at least ten years earlier. As it is still growing it will in all probability have changed its nature by this time next year.

6. The goal of the graphic novelist is to take the form of the comic book, which has become an embarrassment, and raise it to a more ambitious and meaningful level. This normally involves expanding its size, but we should avoid getting into arguments about permissible size. If an artist offers a set of short stories as his new graphic novel, (as Eisner did with *A Contract with God*) we should not descend to quibbling. We should only ask whether his new graphic novel is a good or bad set of short stories. If he or she uses characters that appear in another place, such as Jimmy Corrigan's various appearances outside of the core book, or Gilbert Hernandez' etc. or even characters that we do not want to allow into our "secret society," we shall not dismiss them on this account. If his book no longer looks anything like comic books we should not quibble as to that either. We should only ask whether it increases the sum total of human wisdom.

7. The term graphic novel shall not be taken to indicate a trade format (such as "trade paperback" or "hardcover" or "prestige format"). It can be in unpublished manuscript form, or serialized in parts. The important thing is the intent, even if the intent arrives after the original publication.

8. The graphic novelists' subject is all of existence, including their own life. He or she disdains "genre fiction" and all its ugly clichés, though they try to keep an open mind. They are particularly resentful of the notion, still prevalent in many places, and not without reason, that the comic book is a sub-genre of science fiction or heroic fantasy.

9. Graphic novelists would never think of using the term graphic novel when speaking among their fellows. They would normally just refer to their "latest book" or their "work in progress" or "that old potboiler" or even "comic" etc. The term is to be used as an emblem or an old flag that is brought out for the call to battle or when mumbling an enquiry as to the location of a certain section in an unfamiliar bookstore. Publishers may use the term over and over until it means even less than the nothing it means already.

Furthermore, graphic novelists are well aware that the next wave of cartoonists will choose to work in the smallest possible forms and will ridicule us all for our pomposity.

10. The graphic novelist reserves the right to deny any or all of the above if it means a quick sale¹.

¹ «Eddie Campbell's Graphic Novel Manifesto», in <http://wasaaak.blogspot.pt/2006/02/eddie-campbells-revised-graphic-novel.html>

Anexo 2

Miguel Rocha, *As Pombinhas do Sr. Leitão*

Miguel Rocha



as pombinhas do sr. Leitão



balei**a**zul

Para os fins convenientes, cumpro-me e tenho a honra de
informar V. Exa do seguinte:

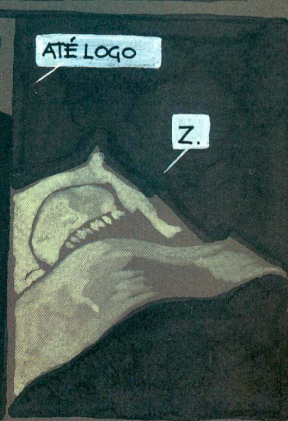
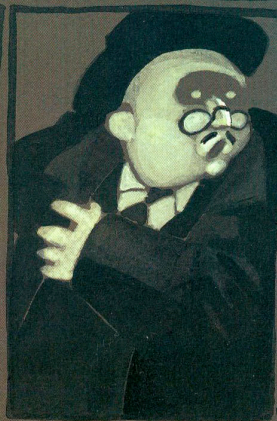
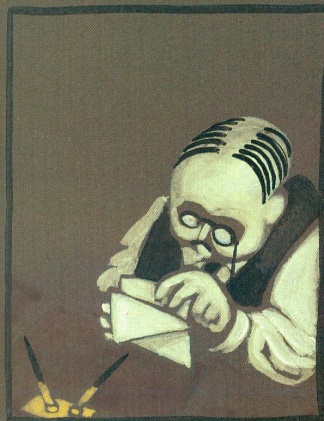
Chegou a dias a esta paróquia de São Eulália uma rapariga
da qual se desconhecem os antecedentes.

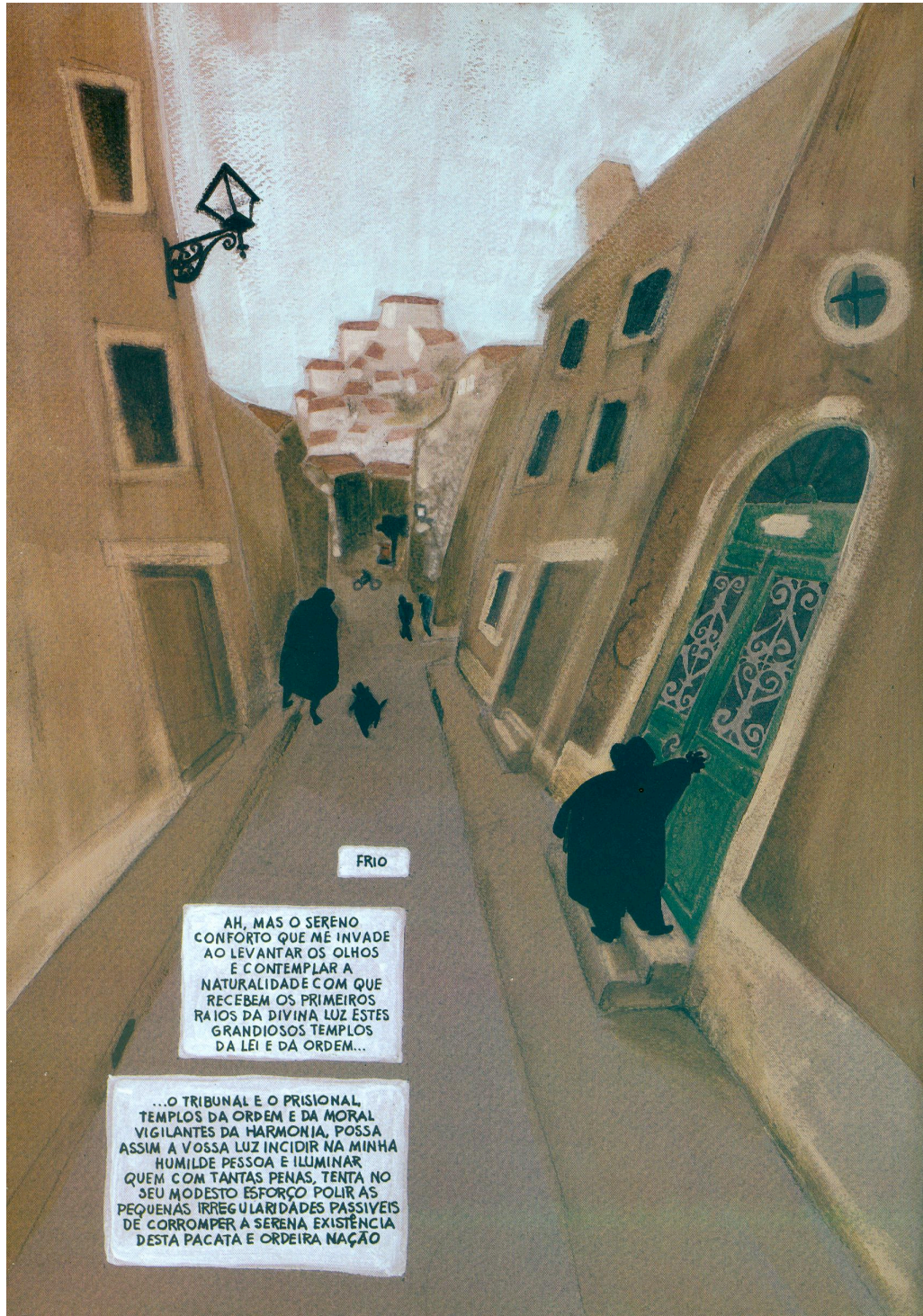
O sr. Padre Plácido, vicário desta paróquia não entregou esta
rapariga às autoridades como era seu dever mas antes a entregou aos
cuidados de um comerciante local.

O sr. Mário Alvarenga, proprietário da leitaria "O cantinho do
Pão e do Vinho", cita R. da Mexeriqueira n.º 3 r/c, açoitou esta rapariga
na sua casa.

Sem pertencer pôr em causa a consagração do espírito cari-
tativo do evangelho é com indignação que vejo o sr. Padre Plácido
introduzir no estável seio de uma família esta pessoa, sabe-se-lá
capaz das mais insuspeitas perversões.

Permito-me sugerir que seja feita discreta investigação às
origens desta rapariga assim como ao Sr. Padre Plácido.





Frio

AH, MAS O SERENO
CONFORTO QUE ME INVADE
AO LEVANTAR OS OLHOS
E CONTEMPLAR A
NATURALIDADE COM QUE
RECEBEM OS PRIMEIROS
RAIOS DA DIVINA LUZ ESTES
GRANDIOSOS TEMPLOS
DA LEI E DA ORDEM...

...O TRIBUNAL E O PRISIONAL,
TEMPLOS DA ORDEM E DA MORAL
VIGILANTES DA HARMONIA, POSSA
ASSIM A VOSSA LUZ INCIDIR NA MINHA
HUMILDE PESSOA E ILUMINAR
QUEM COM TANTAS PENAS, TENTA NO
SEU MODESTO ESFORÇO POLIR AS
PEQUENAS IRREGULARIDADES PASSIVEIS
DE CORROMPER A SERENA EXISTÊNCIA
DESTA PACATA E ORDEIRA NAÇÃO



Como já tive o prazer e a honra de informar V. Exa. Tenho vindo a recetar e arquivar

de toda a imprensa diária distribuída na capital as provas de um esforço de desestabilização da



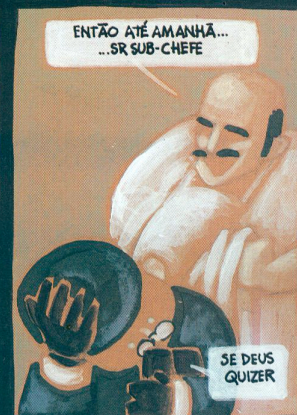
harmonia familiar por parte desta imprensa. São estas provas, que tenho à disposição de V.Exs.



imagens de pormenores anatómicos femininos, introduzidos da mais insidiosa maneira e



.. Totalmente fora de contexto.





Sem pretender pôr em causa a quimérica tarefa dos paladinos da comissão

UMA TAREFA IMENSA...

INTERMINÁVEL

conséria, não compreendo a permissividade das autoridades para estas atitudes desviciadas

ARRUMADA

da viciosa imprensa.









ANDA,
ANDA

TIRA OS SAPATOS
ANTES DE ENTRAR

TEMOS ESSE HÁBITO
CÁ EM CASA

JOU EU...
VOLTEI
TROUXE UMA
RAPARIGA PARA
AJUDAR...

É... NO... ÚLTIMO...

BOA TARDE!
ONDE É QUE
DESENCANTOU
ESTINHA?

Ó Ó FILHA

AGORA TRÁZ AS SUAS
RAMEIRAS PARA CASA?

Ó FILHA QUEM A OUVISSE...
É AQUELA POBRE DE QUEM
LHE FALEI... E SOSSEGADA E
TRABALHADORA QUE EU VI...

BEM SEI O QUE ACONTECE
AS RAPARIGAS SOSSEGADAS
E TRABALHADORAS
CÁ EM CASA

AINDA ESSA HISTÓRIA... MAS
SE JÁ PASSOU TANTO TEMPO...

VELHO PORCO



Com a sabedoria de homem vivido atrevo-me a pensar, e perdoe-me mais esta



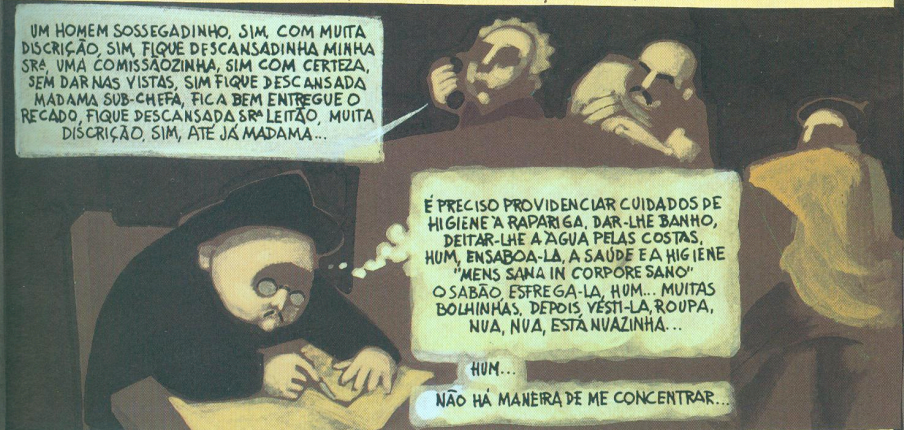
ousadia, que sendo a nossa gente tão valorosa de sangue, sangue que corre espesso



e voluntarioso, seja esta permissividade das autoridades o processo pelo qual esta gente



possa manter entretidas as suas fantasias evitando que as ocupem com outros assuntos



para os quais não têm a competência.

Para os fins convenientes



A Bem da Nação



© Seu Aze, Admor., e amr., sou de V.S.A

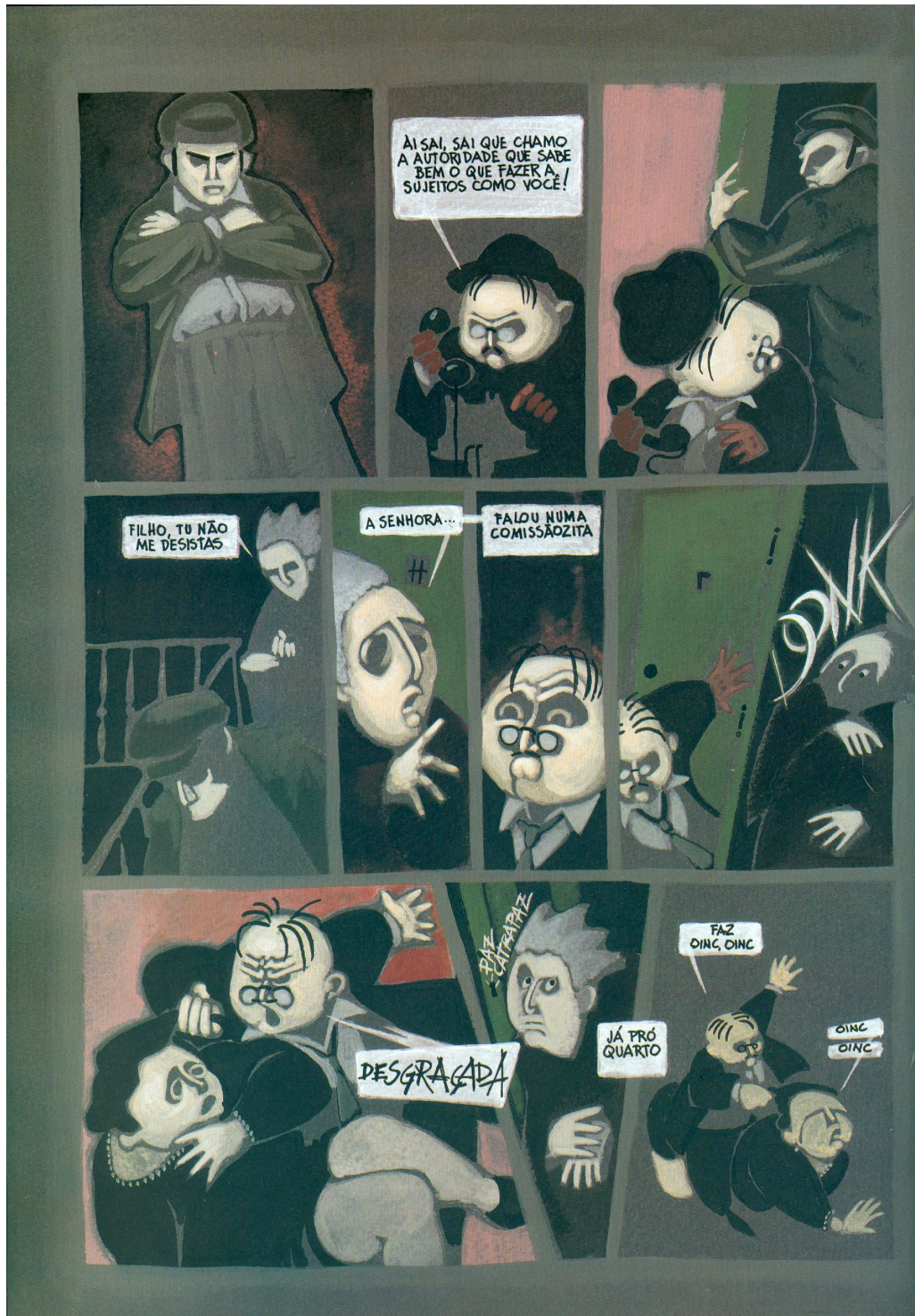


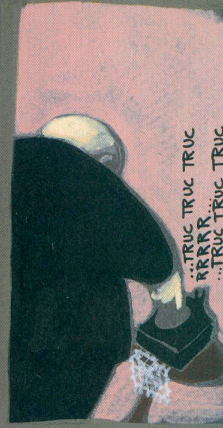
Abilio da Silva Jucato



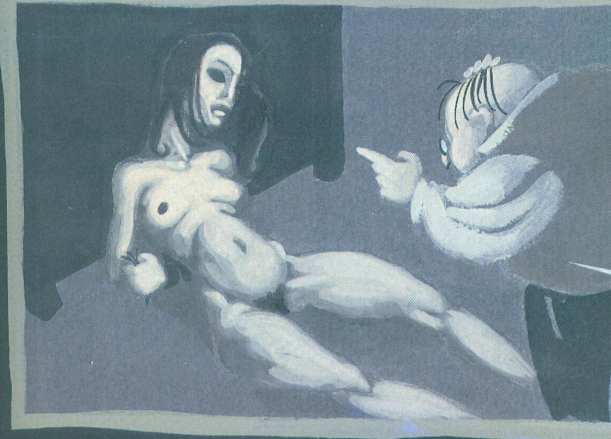
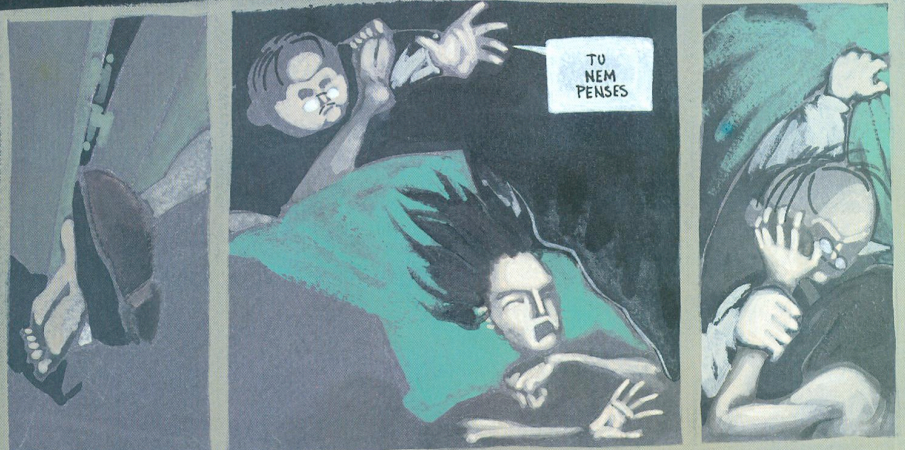












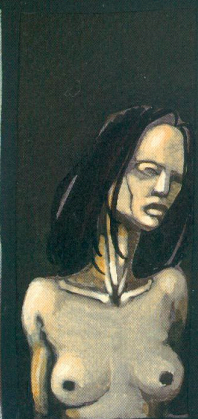
E ONDE É QUE TU PENSAVAS QUE IAS ? MAL AGRADECIDA... QUERES VOLTAR PARA A RUA É? ANDAR POR AÍ A VAGABUNDAR... AOS CAÍDOS, NAS MÃOS DESTA E DAQUELE E AQUI UMA PESSOA A TENTAR AJUDAR... HUM... NÃO FOSSSE EU, TU AINDA IAS PARAR ERA À MITRA, QUE É UM SÍTIO PARA PESSOAS COMO TU... E NÃO IAS GOSTAR DE LA ESTAR... HUM... DISSO PODES TER TU A CERTEZA... UMA PESSOA TENTA SER BOA PARA VOCÊS E É ASSIM QUE AGRADECEM... HUM... EU SOU O TEU AMIGO, TROUKE-TE PARA UMA BOA CASA ONDE PODES TER A TUA VIDA SOSSEGADA DESDE QUE FAÇAS O QUE TE MANDAM... SEM REBELDIAS... HUM... SEM LEVANTAR CABELO... PORQUE SENÃO... MITRA CONTIGO, QUEM NÃO É CAPAZ DE ENTENDER AS REGRAS NÃO PODE ESTAR JUNTO DAQUELES QUE AS RESPEITAM...



INSISTEM EM NÃO
COMPREENDER O QUE
É PARA O BEM DELES



SE NÃO TE
PORTAS BEM
VOU MESMO TER
DE PARTICIPAR
DE TI!
COMPREENDES?



OLHA QUE
O FAÇO...
HUM...
EXISTE UMA
COISA
CHAMADA
ORDEM, QUEM
ESTÁ FORA
APAGA-SE!
COMPREENDES?



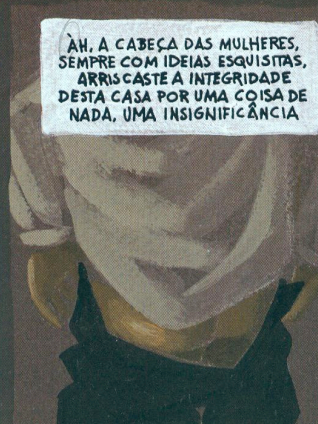
FECHADINHA É
QUE FICAS BEM



ESTÁS A CHORAR MINHA
TONTA, ENTÃO QUERIAS
FAZER UM PROSTIBULO SEM
AS LICENÇAS... TONTA...



PORQUE É QUE O FOSTE FAZER? FOI POR CIÚME MINHA TONTINHA? FOI ISSO NÃO FOI? TONTINHA... ...DEITA-TE



ÀH, A CABEÇA DAS MULHERES, SEMPRE COM IDEIAS ESQUISITAS, ARRISCASTE A INTEGRIDADE DESTA CASA POR UMA COISA DE NADA, UMA INSIGNIFICÂNCIA



E SEM AS LICENSAS, EU NEM ACREDITO, LOUCURAS... MAS EU SEREI DIGNO DO TEU AMOR... TIRA AS CUECAS



DE COSTAS

FUJA



... A GUARDA

FUJAM... PELOS FUNDOS...

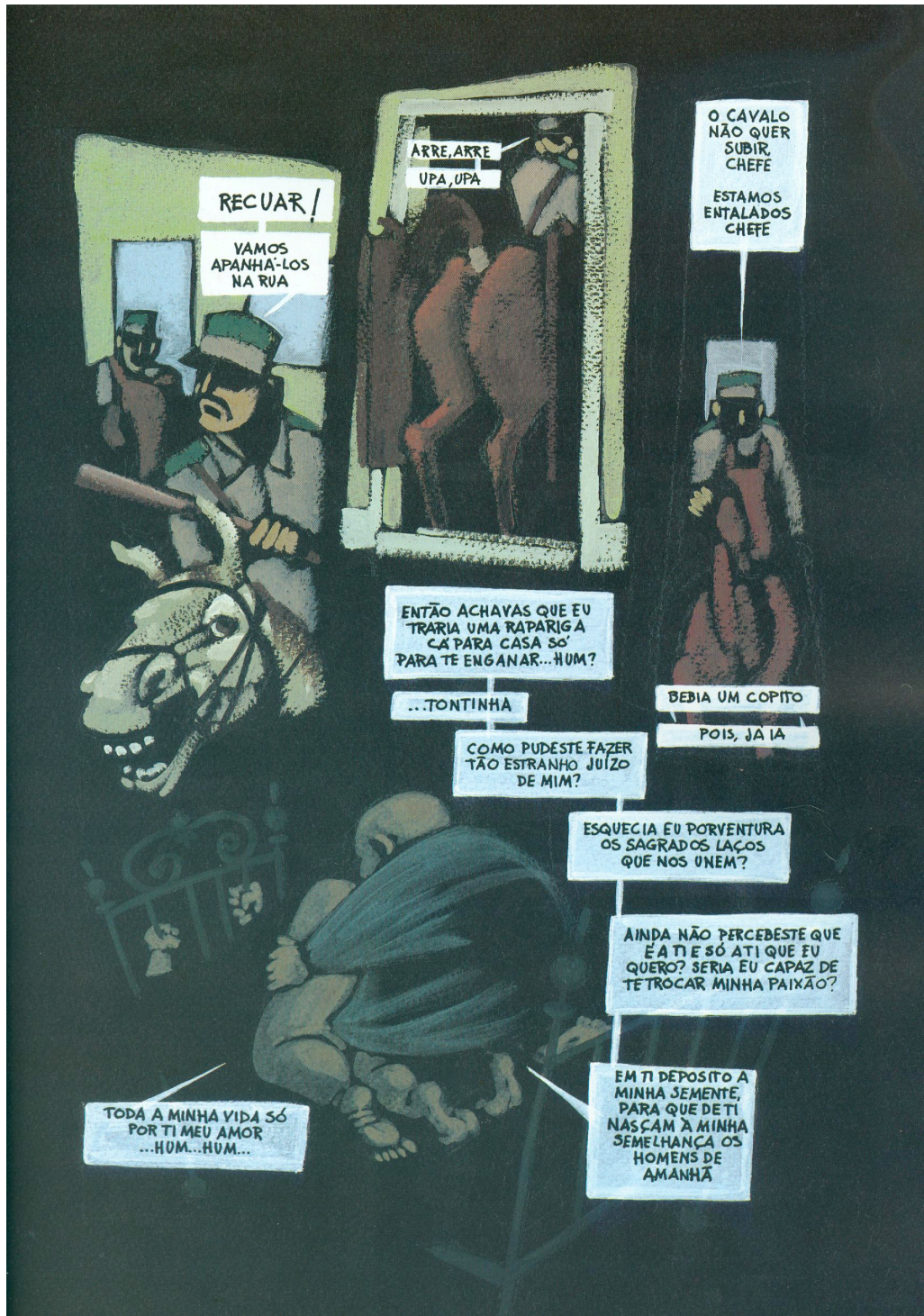
A GARGA

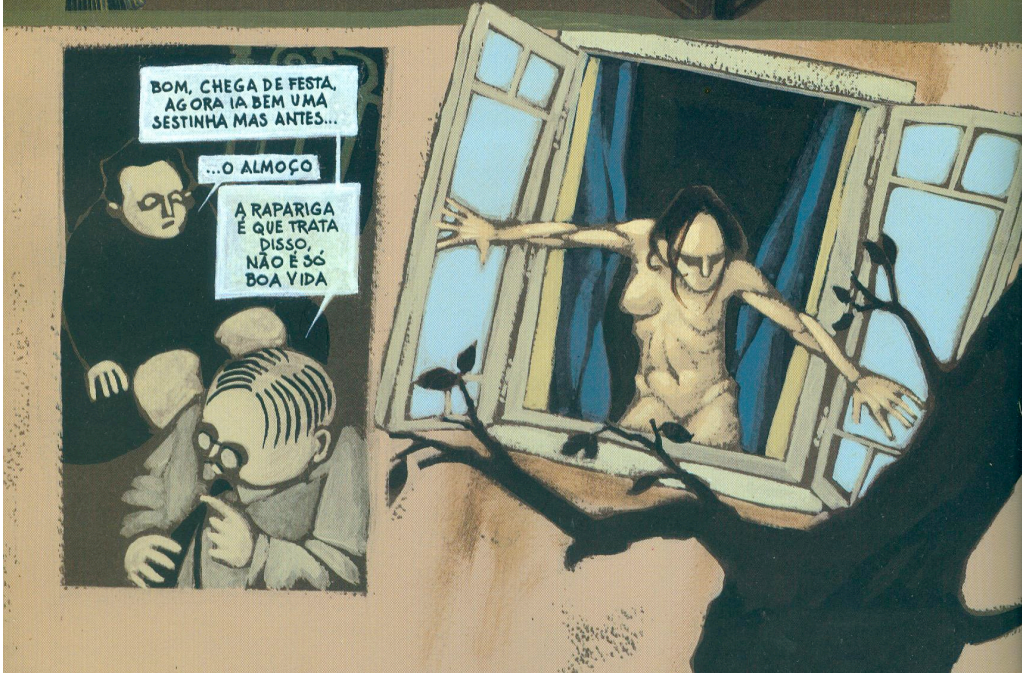
BATER

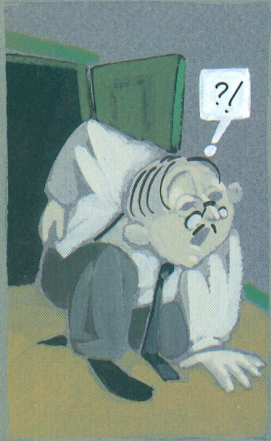
BATER

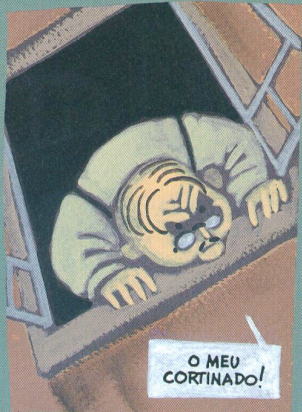
CHEFE, NÃO ESTÁ COM NINGUÉM, CHEFE

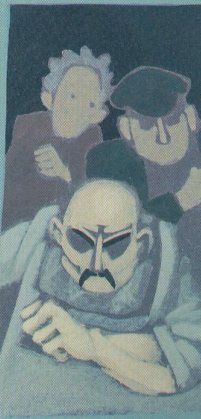
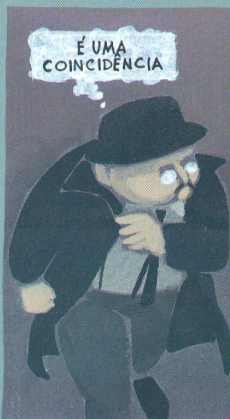
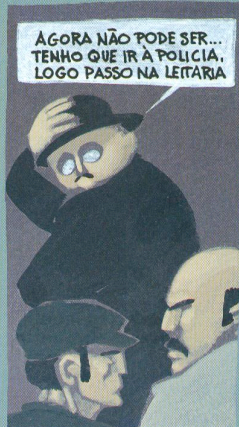
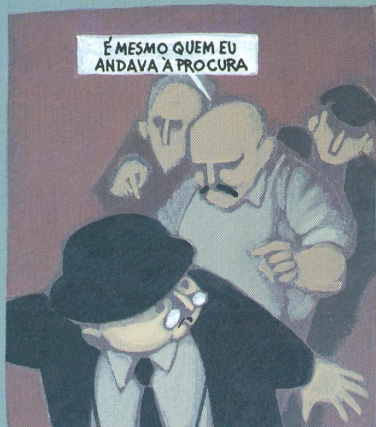
BATER





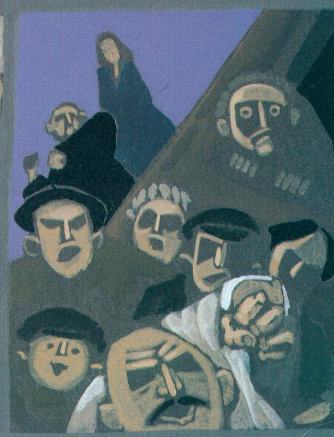
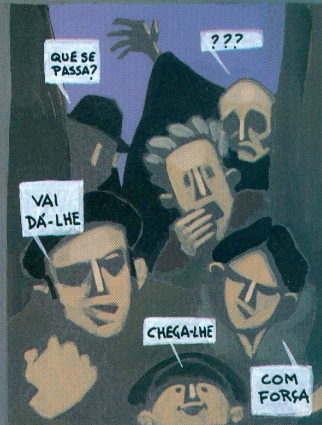






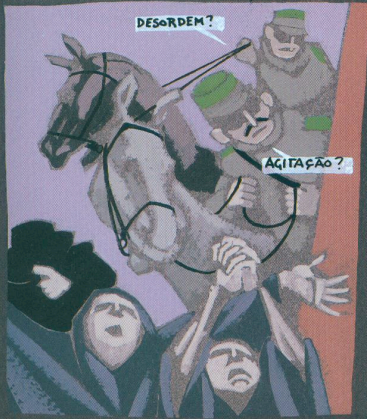


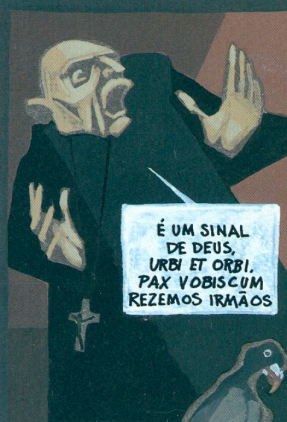
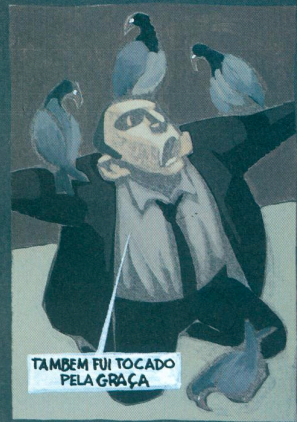
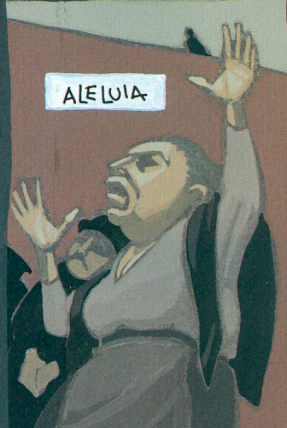


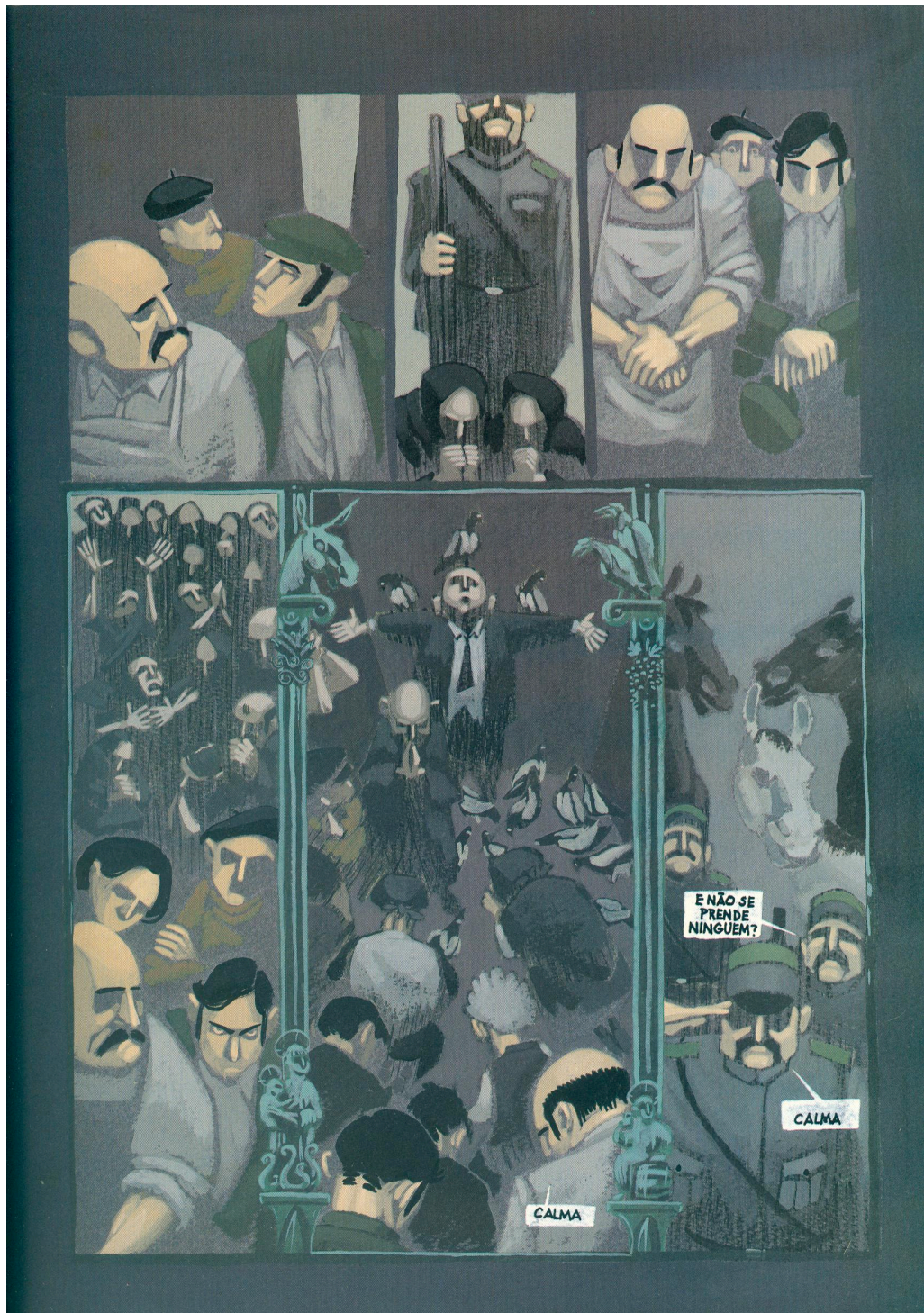
















**...e no alto da colina,
ao lado da igreja, a escola.**

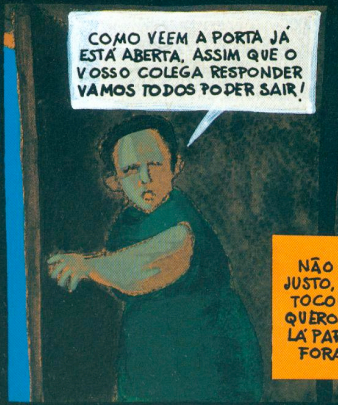




VOCÊ AÍ AO FUNDO, O CAREQUINHA... VENHA AO QUADRO

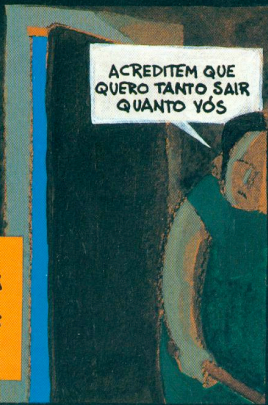
TODOS OS DIAS, MESMO ANTES DO TOQUE, PARECE QUE É BRUXA

CHEGA À FRENTE

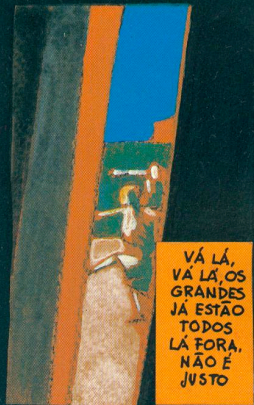


COMO VEEM A PORTA JÁ ESTÁ ABERTA, ASSIM QUE O VOSSO COLEGA RESPONDER VAMOS TODOS PODER SAIR!

NÃO É JUSTO, JÁ TOCOU, QUERO IR LÁ PARA FORA



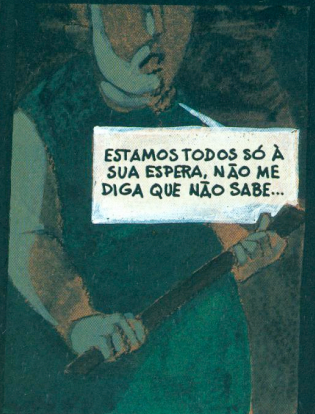
ACREDITEM QUE QUERO TANTO SAIR QUANTO VÓS



VÁ LÁ, VÁ LÁ, OS GRANDES JÁ ESTÃO TODOS LÁ FORA, NÃO É JUSTO



PARA VER SE ESTEVE COM ATENÇÃO...



ESTAMOS TODOS SÓ À SUA ESPERA, NÃO ME DIGA QUE NÃO SABE...



TÁ VISTO QUE NÃO SABE, ESSE NEM O NOME DO PAI SABE QUANTO MAIS OS NOMES DOS REIS DA PRIMEIRA DINASTIA E POR ORDEM... VAIS LEVAR TANTAS LÁ FORA...





HOJE NÃO HÁ MAIS AULAS, QUE SORTE. HEM, MEUS MALANDRÊCOS, IDES FICAR COM A TARDE TODA PARA A BRINCADEIRA, MAS PARA ISSO IDES FICAR AQUI SOSSEGADINHOS E A MEDIDA QUE FOREM SENDO CHAMADOS VINDES TER COM A SRª PROFESSORA QUE VÓS CORTARA OS CABELOS, DEPOIS SOSSEGADINHOS, E CALADINHOS JA PODEIS IR BRINCAR

É A TOSQUIA... OS GRANDES NÃO GOSTAM NADA, EU TAMBEM NÃO! ENTÃO O MEU IRMÃO JOAQUIM, JÁ ESTÁ CÁ COM UMA CARA...



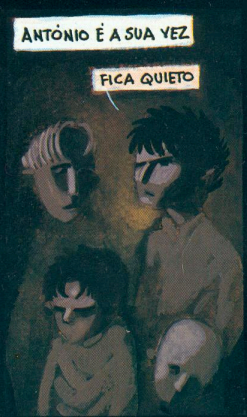
VÓS IDE-VOS PARA O PÁTIO BRINCAR, É UM MENINO EXEMPLAR, VÊ-SE QUE TEM A CABECITA LIMPA



CARLOS É A SUA VEZ



ANTÔNIO...



ANTÔNIO É A SUA VEZ

FICA QUIETO

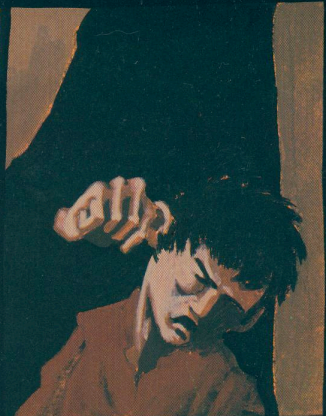


ANTÔNIO O MENINO É SURDO?

AO MEU IRMÃO É A MIM, A NOSSA MÃE É QUE NOS CORTA O CABELO!



SR. PADRE ESTE SEU ALUNO PARECE PRECISAR DE UMAS NOÇÕES DE DISCIPLINA... COM A SUA LICENÇA...





E DEPOIS, E DEPOIS EU IA
BATER NAQUELA BRUXA
MAS O PADRE AGARROU-ME
E PÓS-ME LA FORA



E O QUIM CHAMOU-LHE NOMES
E, E, SE ELA QUERIA PORRADA E
ELA FOI BUSCAR UMA RÉGUA
QUE ERA DE FERRO...



E DEPOIS FECHARAM O QUIM
NA SALA, A CHAVE, E
FOMOS TODOS A PROCURA
DA RÉGUA E NÃO SE VIA
NADA QUE AS ERVAS
ESTAO MUITO GRANDES
POR TRAS DA IGREJA

A PROFESSORA DIZIA
QUE IA BATER MAIS NO QUIM,
QUE ERA UMA LIÇÃO PARA
TODOS VERMOS, E O PADRE
FALOU COM ELA, E ELA
DESATOU A CHORAR QUE O
QUIM IA APRENDER QUE
AQUILO NÃO FICAVA ASSIM
E A RÉGUA E QUE NUNCA
MAIS APARECEU...



E DEPOIS A MÁQUINA DO
CABELO TAMBEM DESAPARECEU



O QUM FUGIU,
ENSINOU-ME A MIM
E AO JOÃO A SAIR
DA SALA E FUGIU

QUE ALI JÁ LHE
ENSINARAM TUDO,
QUE VAI PARA
O CARVÃO

E EU É QUE FICO,
QUE ALGUEM TEM
DE FICAR PARA
AS LETRAS E OS
NUMEROS...

Anexo 3

Miguel Rocha, *Eduarda*

Miguel Rocha

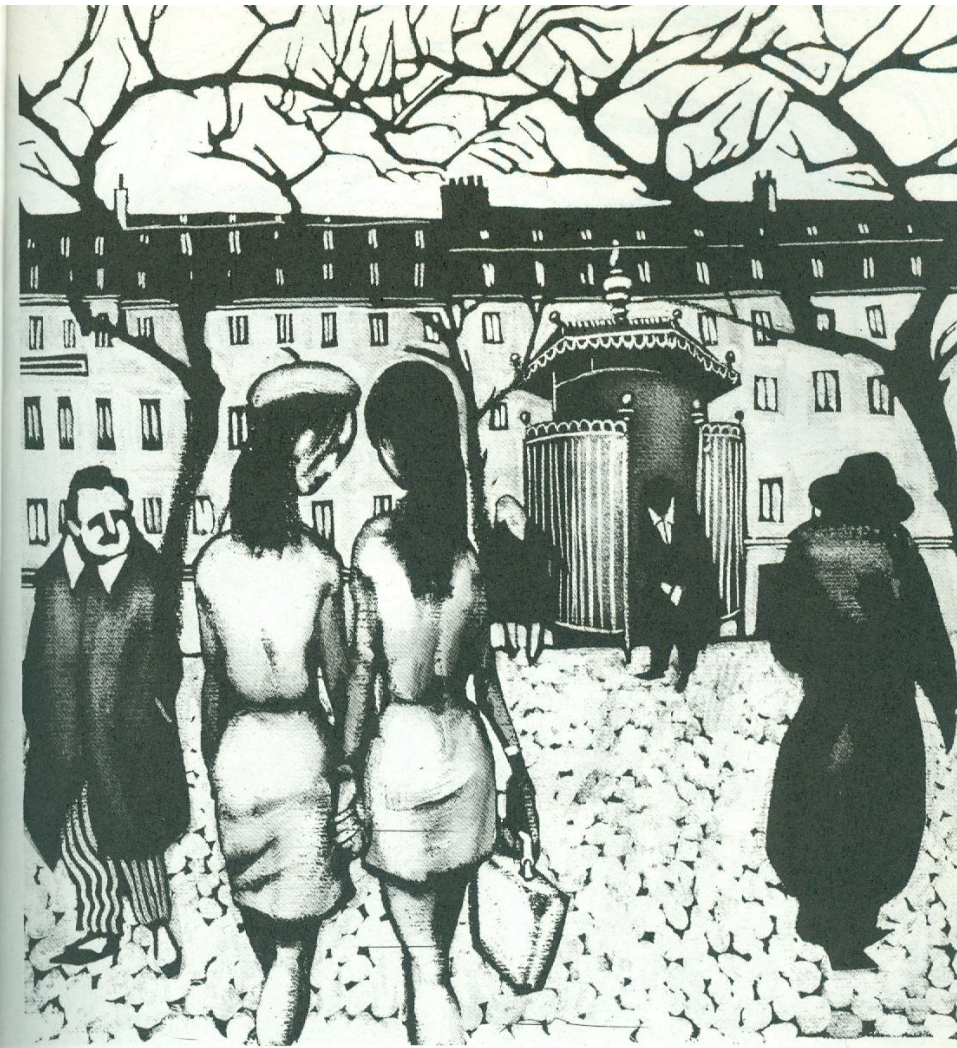
Eduarda



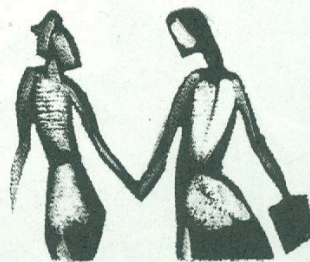
Francisco Oliveira
traduziu,
Miguel Rocha
adaptou para
Banda Desenhada,
Madame Eduarda
de George Bataille.



Edições Polvo
Bedeteca de Lisboa



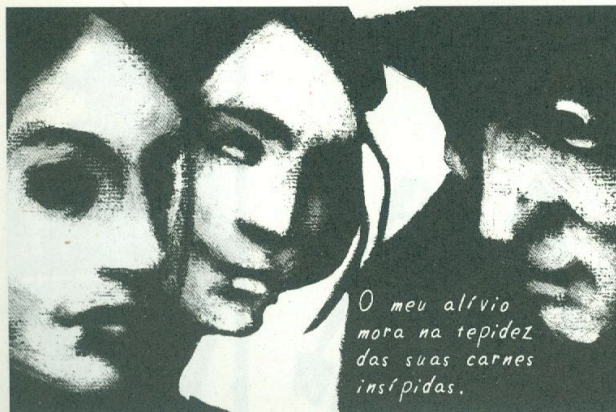
*Estes momentos
dão-me vômitos.*





*Uma angústia,
obscena e excitante,
transtorna-me.*

*Tenho que me
despir ou então
despir as raparigas...*

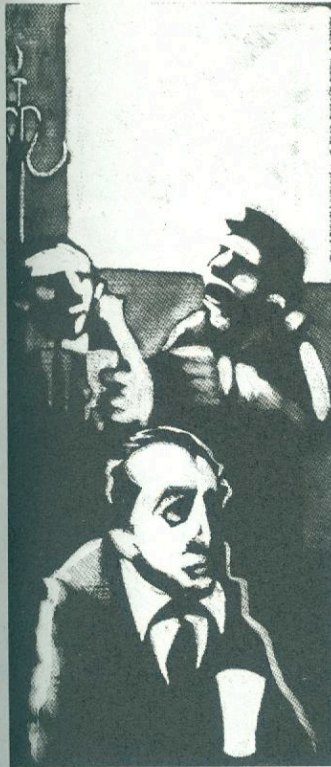


*O meu alívio
mora na tepidez
das suas carnes
instpidas.*



*Recorro
a um
meio
mais
pobre.*

Vou andando...



...de balcão...

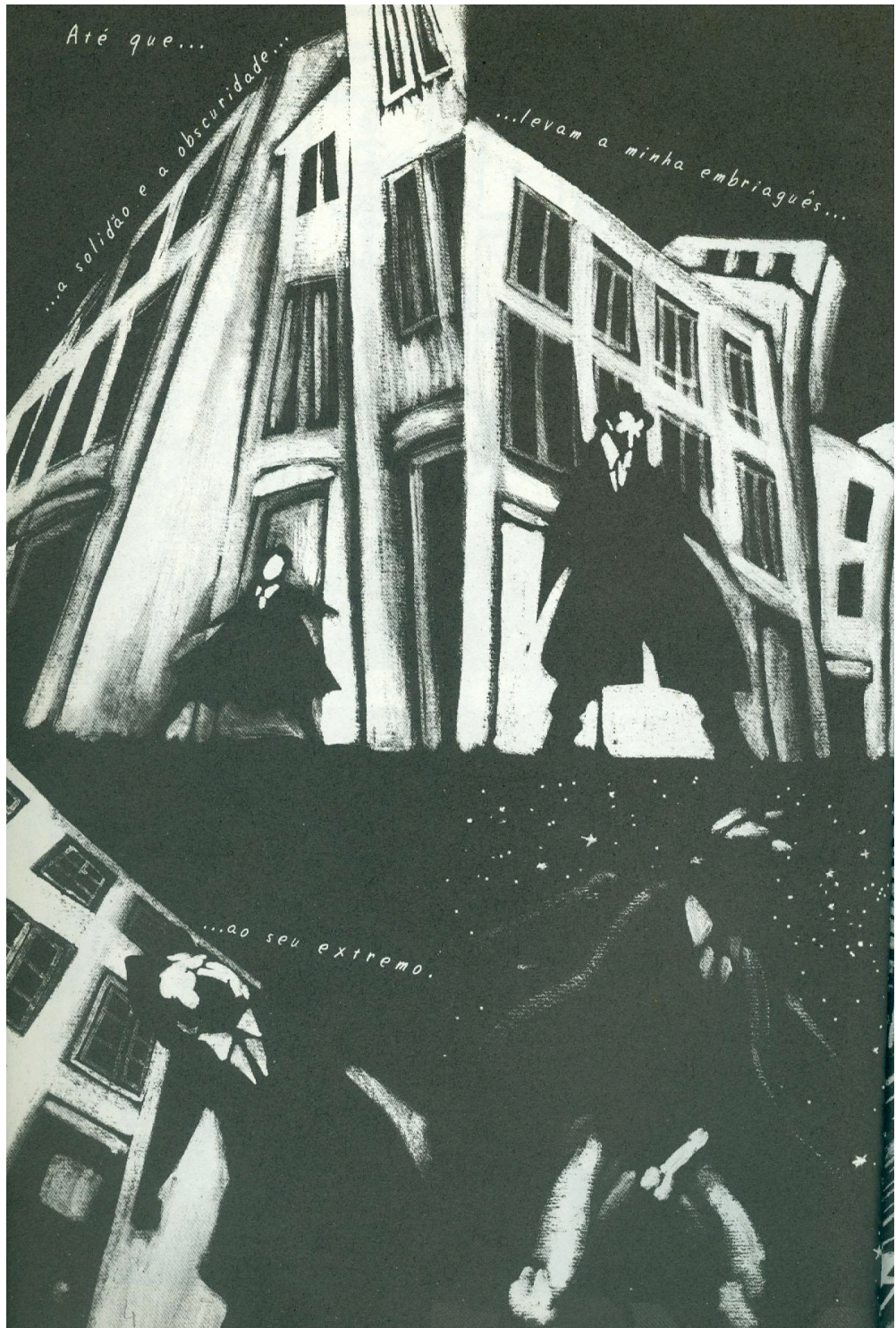
...em balcão...

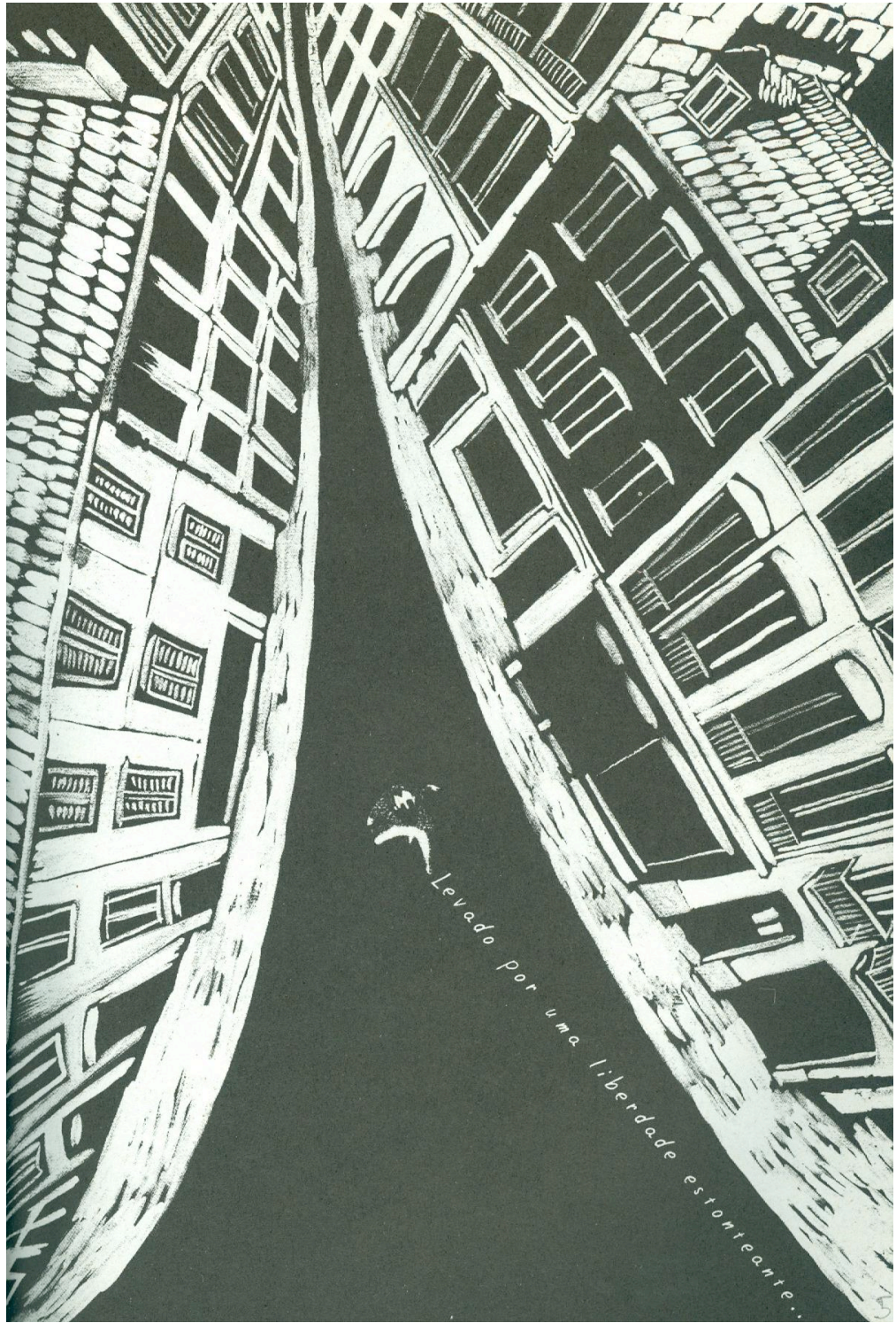


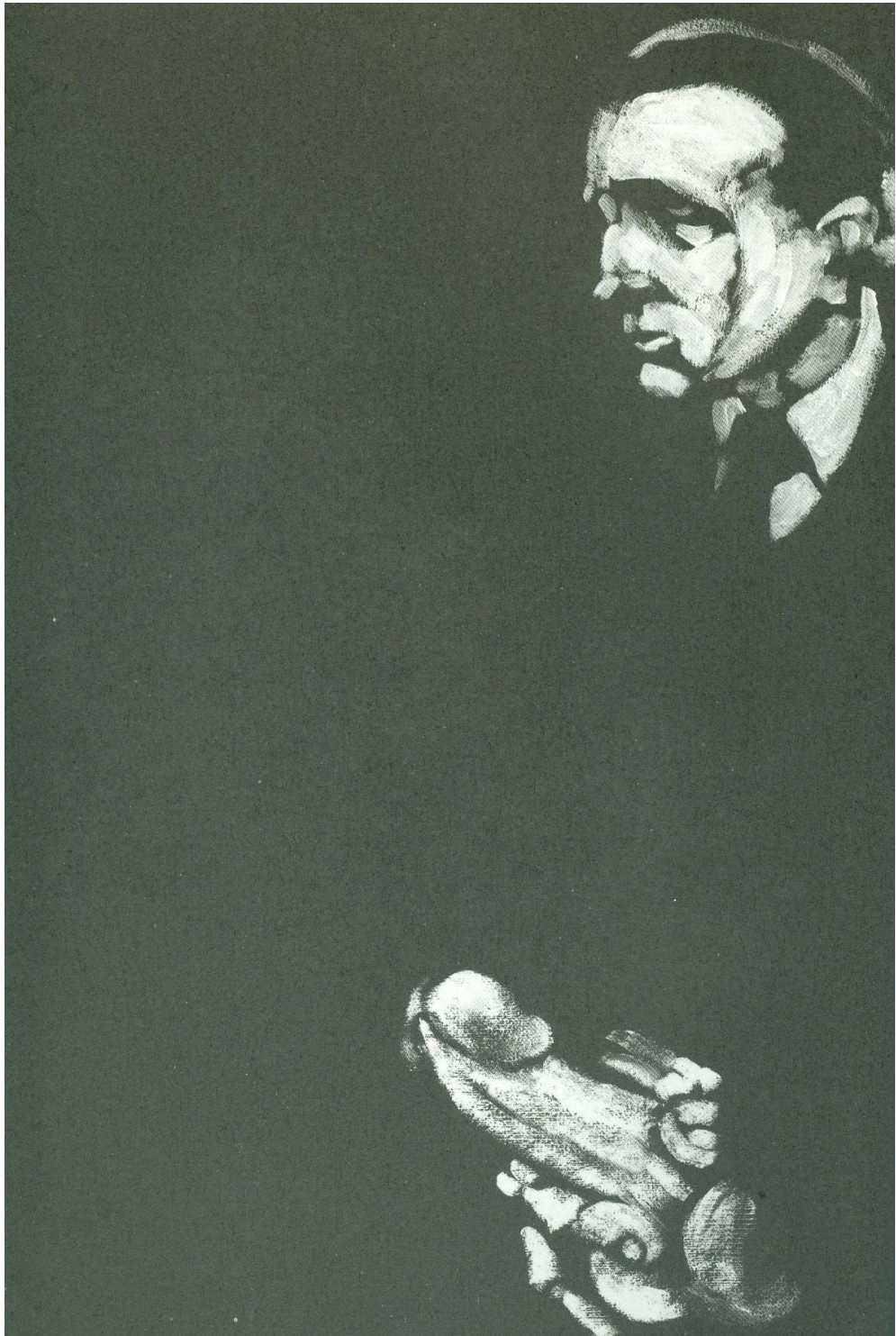
...de copo...

...em copo...

...em copo...



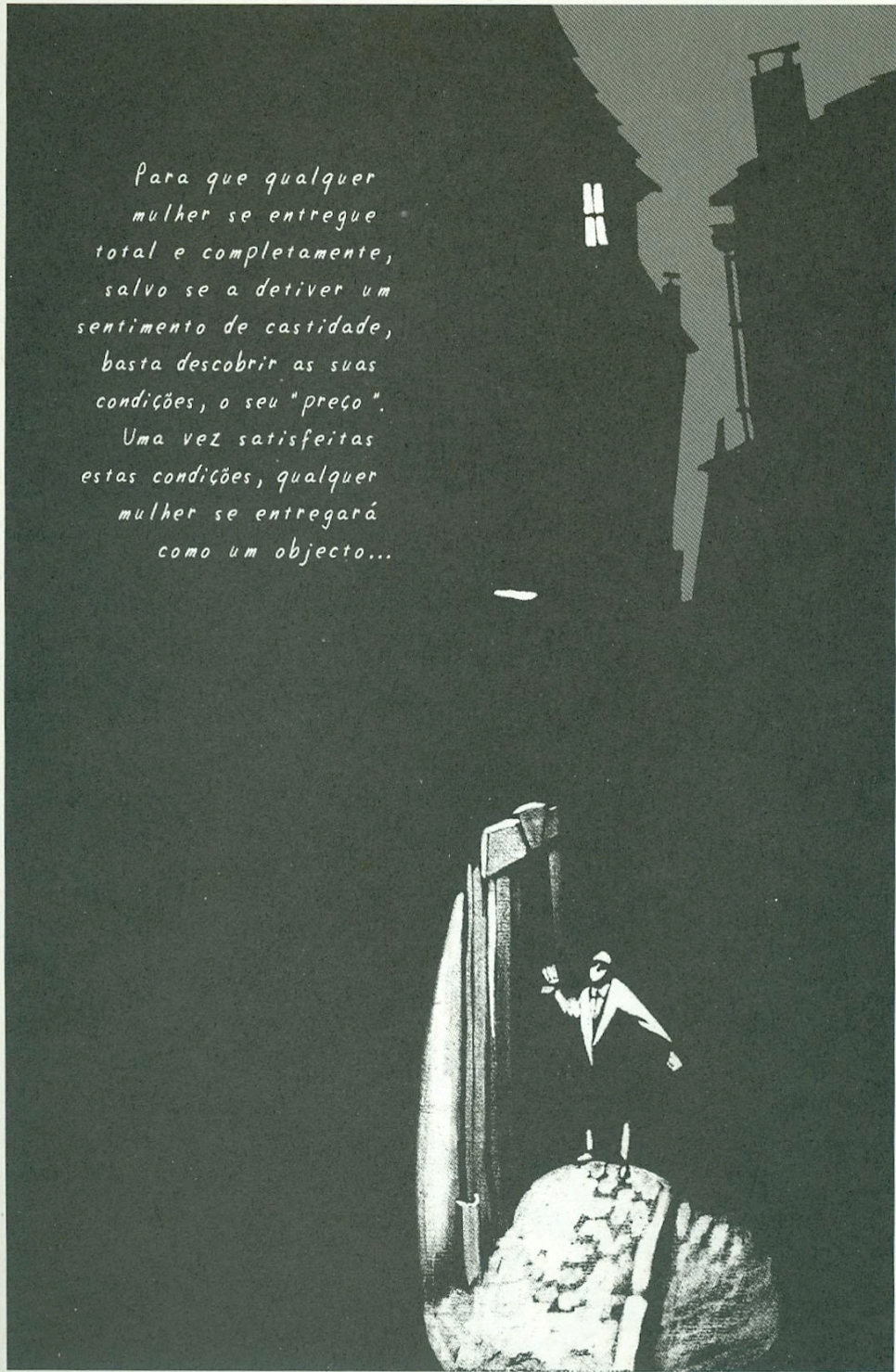




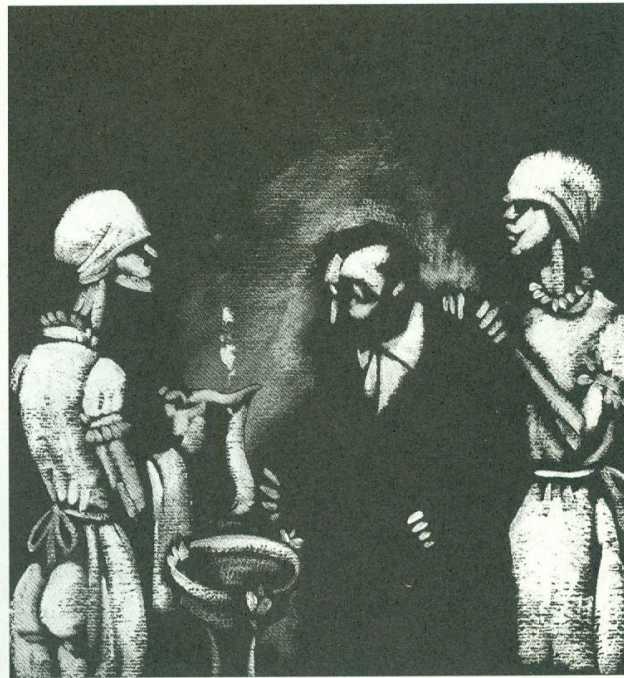
*(A minha entrada no assunto é dura, o começo é sem desvio.
Continuo... Mais duro...)*

Um ruído surpreende-me; Volto a vestir-me.

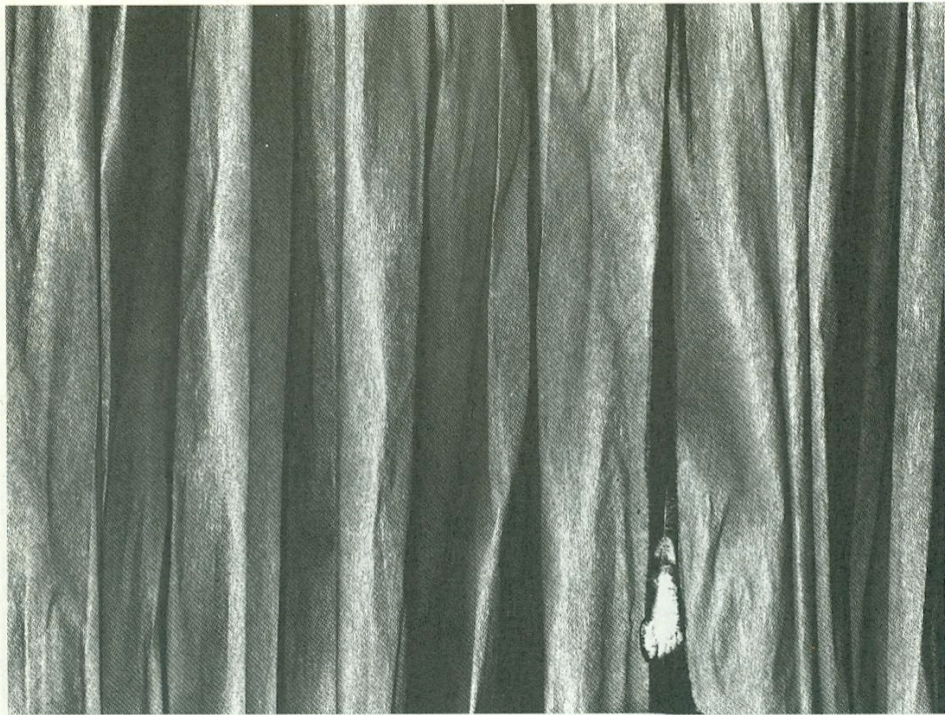
*Para que qualquer
mulher se entregue
total e completamente,
salvo se a detiver um
sentimento de castidade,
basta descobrir as suas
condições, o seu "preço".
Uma vez satisfeitas
estas condições, qualquer
mulher se entregará
como um objecto...*



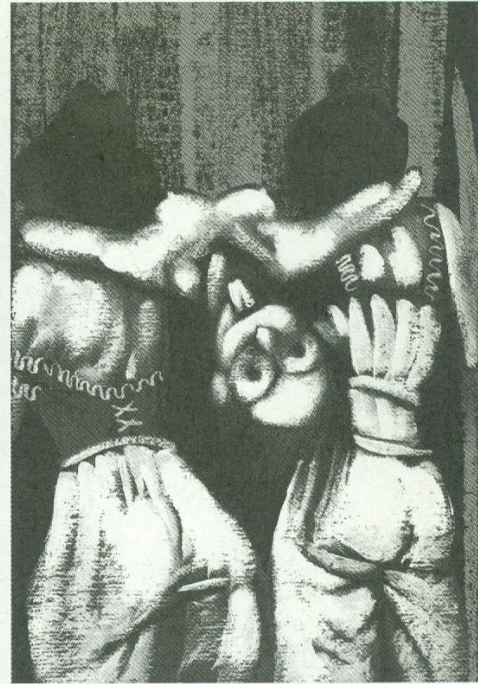
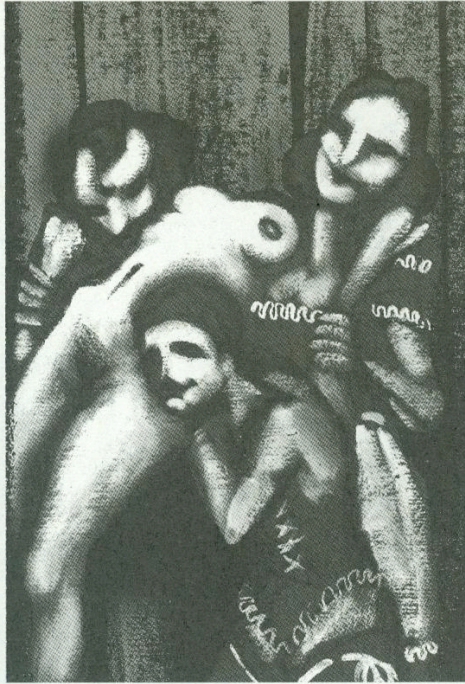
A prostituição
apenas traz
um pouco de
venalidade...



A angústia
troca-se
por umas
moedas.



Nua, Eduarda...

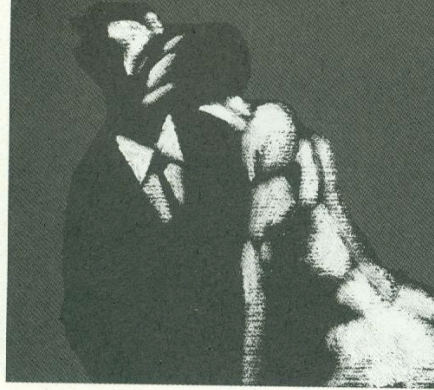


...está como eu gosto, deslumbrante!



A sala abarrotada de gente,
barulho, gestos, cheiros,
homens, mulheres. Ouvem-se
risos através do tumulto
das vozes, das luzes, do fumo...

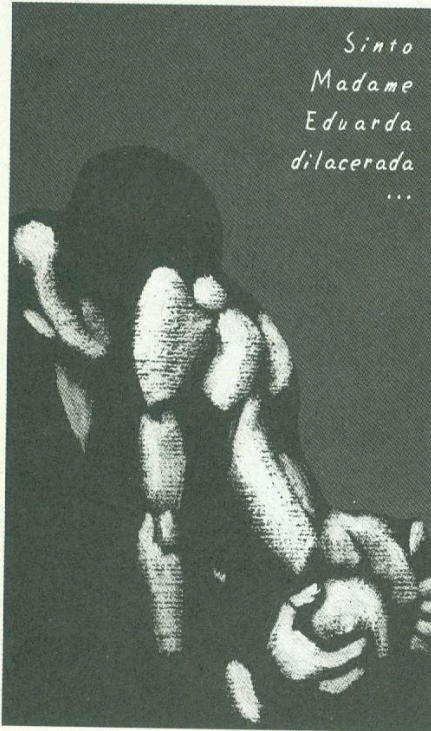
É neste deserto
que o nosso jogo
se prolonga...



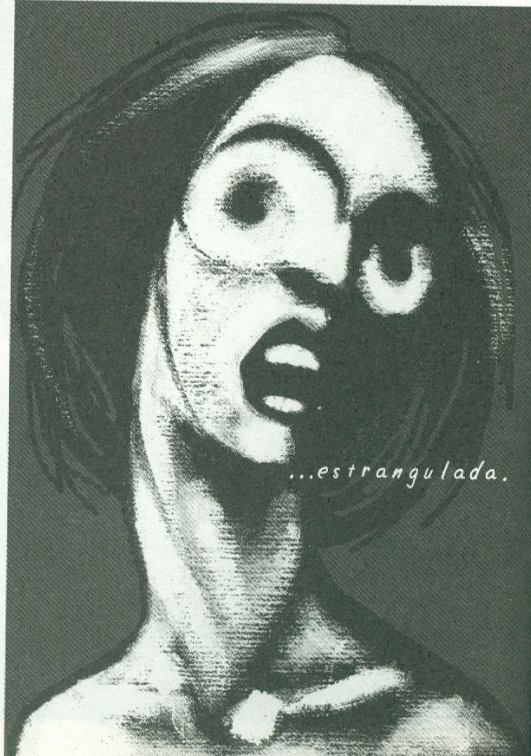
Eduarda baixa a mão...
Quebro-me como um vidro
e tremo dentro das calças.



Sinto
Madame
Eduarda
dilacerada
...



...estrangulada.



Abraco-a...

*Recordo já
ter desejado
ser infame...*

*...ou melhor,
que era necessário
que assim fosse.*

*Transido, sinto em mim um novo choque...
Uma espécie de silêncio vem do alto e gela-me...*

*Estou a pairar num vôo de anjos, sem corpos nem cabeças,
feitos de roçar de asas...
Mas é simples...*

Sinto-me feliz e abandonado...

... como quando estamos na presença de DEUS.

É PIOR E MAIS LOUCO QUE A EMBRIAGUÊS.

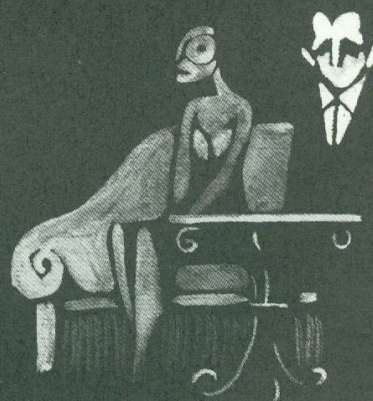
Além de que me entristece...

...a ideia de que esta grandeza...

...me pode roubar aos prazeres que
espero disfrutar com Eduarda.

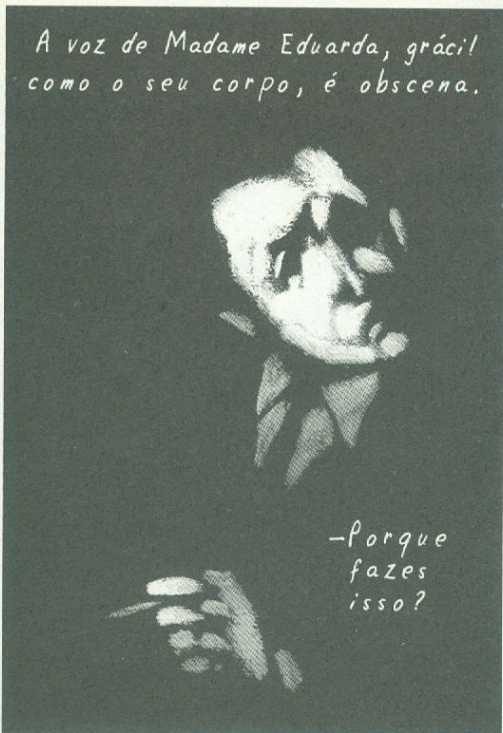
É absurdo: eu e Eduarda não trocámos uma palavra.
Sinto-me mal. Nada pode dizer do meu estado:
no tumulto e nas luzes, a noite cai sobre mim!
Pego na mesa e quero lançá-la pelo ar, vou destruir tudo.
Mas a mesa está fixa, presa ao chão. Uns parafusos...
O mais cómico que um homem pode suportar.
Desaparece tudo, a sala
e Madame Eduarda.

Só a noite...



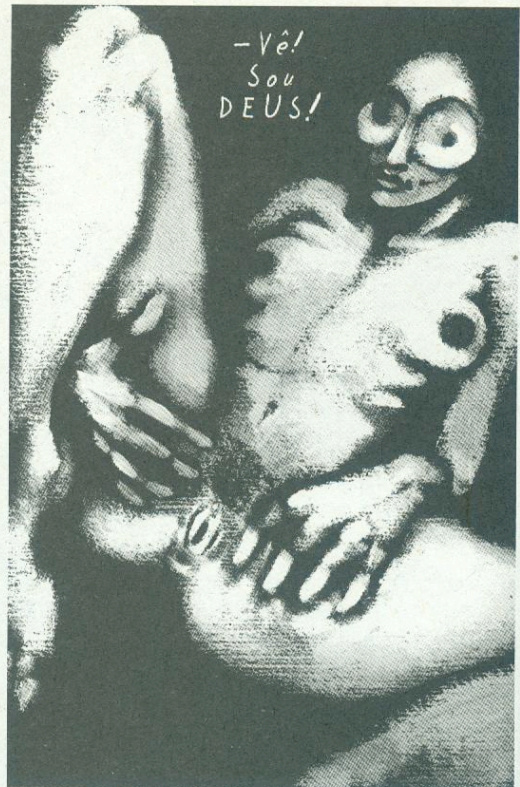
-QUERES VER AS MINHAS PREGAS?

A voz de Madame Eduarda, grácil
como o seu corpo, é obscena.



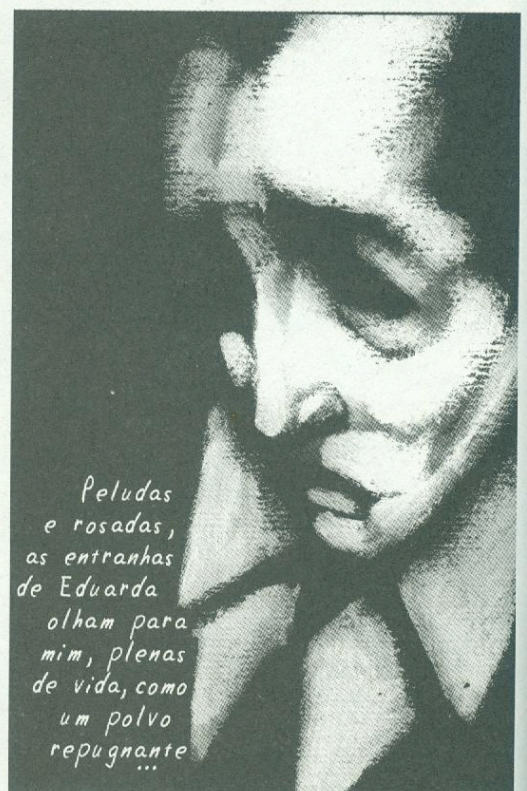
-Porque
fazes
isso?

-Vê!
Sou
DEUS!



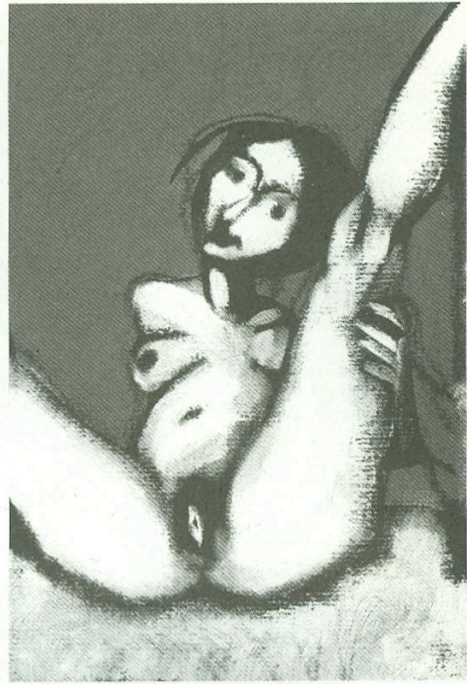
-Estou
doido!

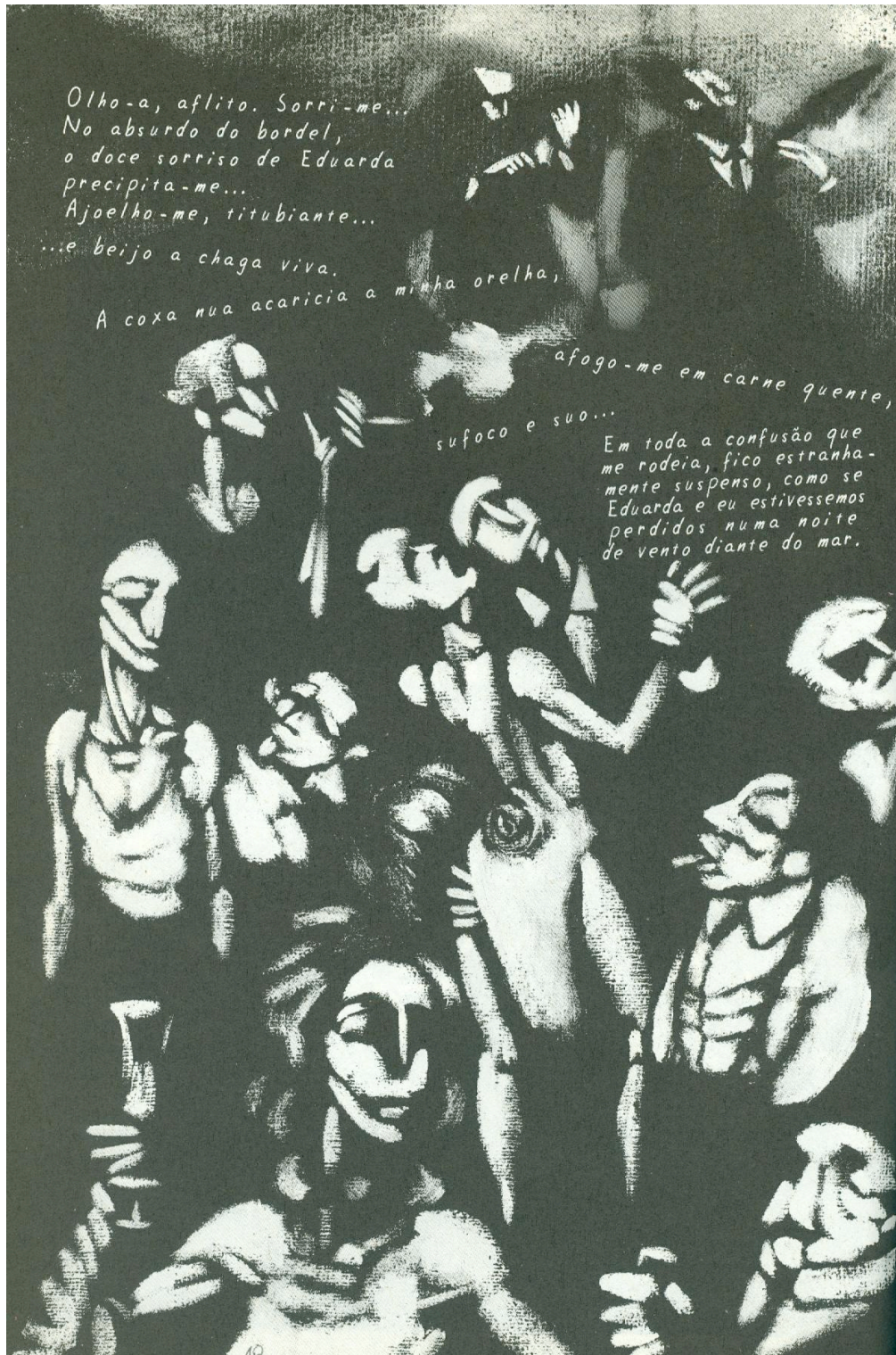
-Nada
disso,
tens
de ver:
OLHA!



Peludas
e rosadas,
as entranhas
de Eduarda
olham para
mim, plenas
de vida, como
um polvo
repugnante...

REPULSA E DESEJO



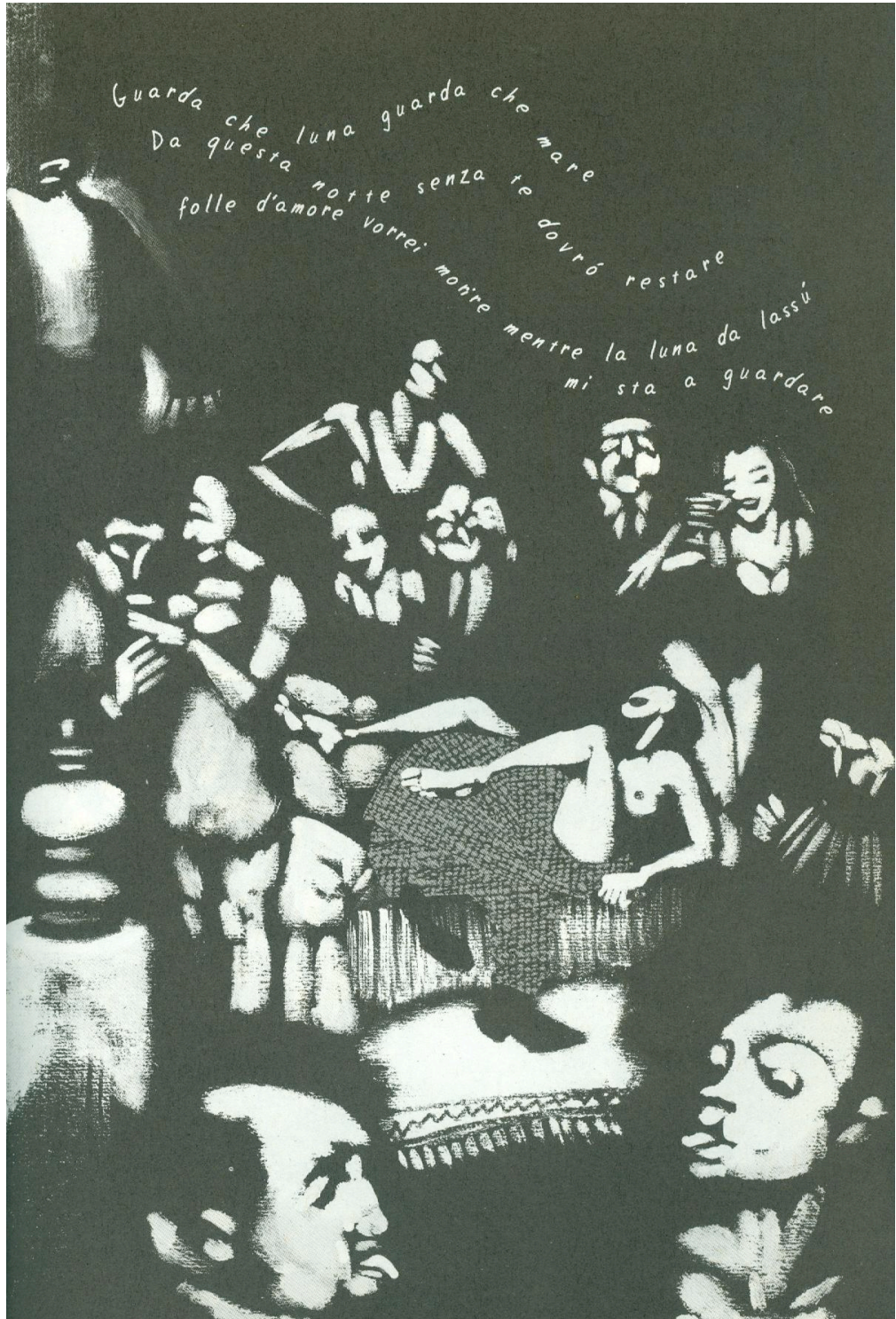


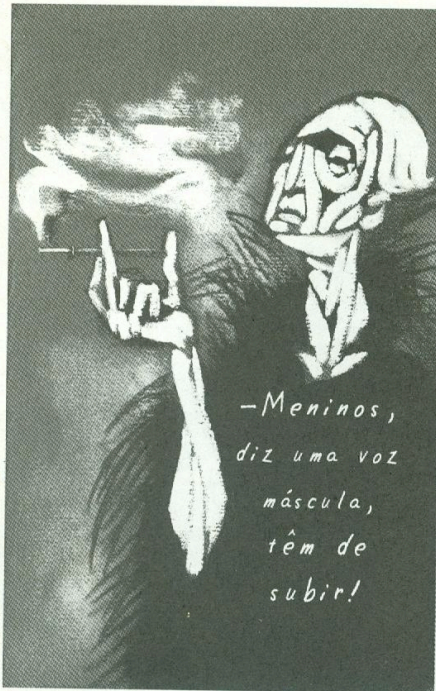
Olho-a, aflito. Sorri-me...
No absurdo do bordel,
o doce sorriso de Eduarda
precipita-me...
Ajoelho-me, titubante...
...e beijo a chaga viva.

A coxa nua acaricia a minha orelha,

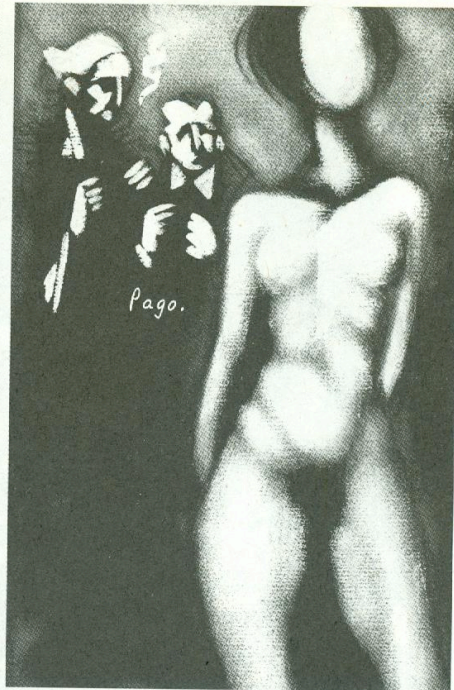
afogo-me em carne quente,
sufoco e suo...

Em toda a confusão que
me rodeia, fico estranha-
mente suspenso, como se
Eduarda e eu estivessemos
perdidos numa noite
de vento diante do mar.

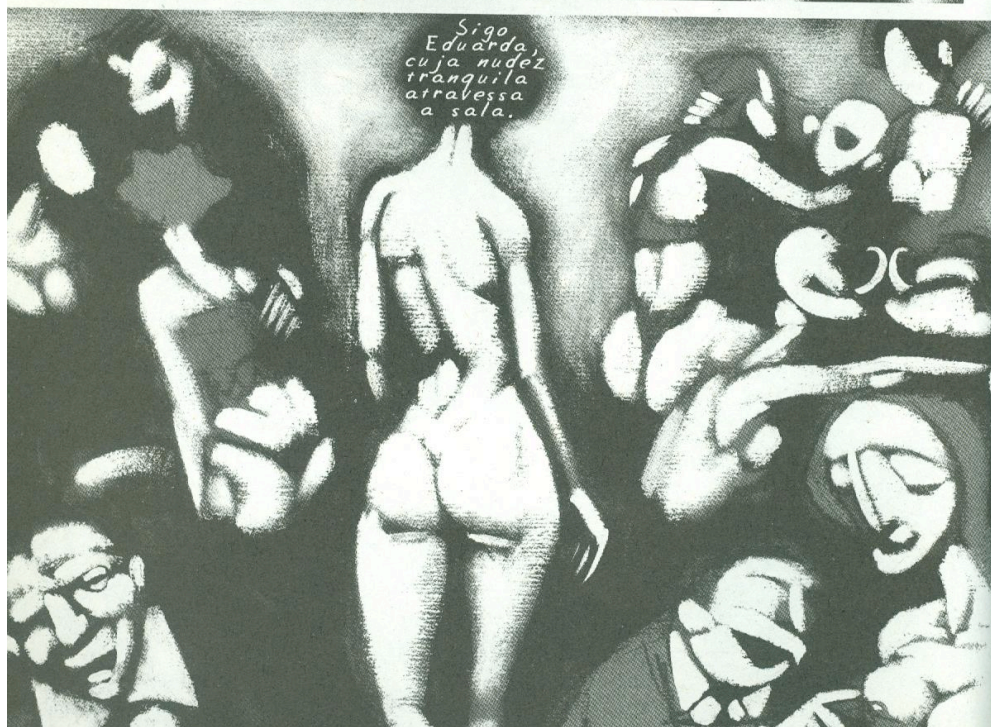




-Meninos,
diz uma voz
máscula,
têm de
subir!

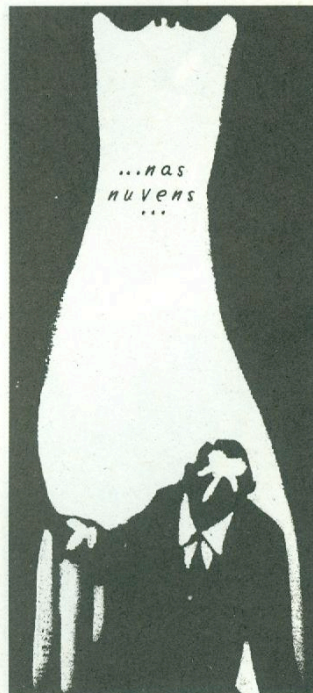
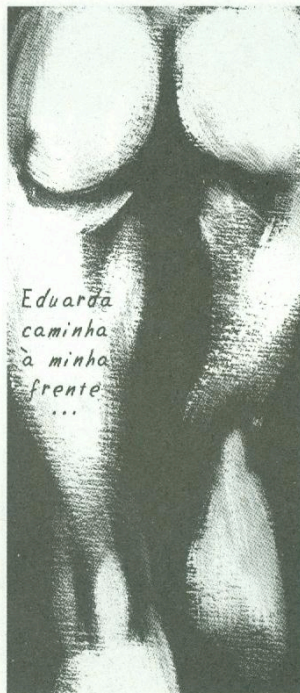
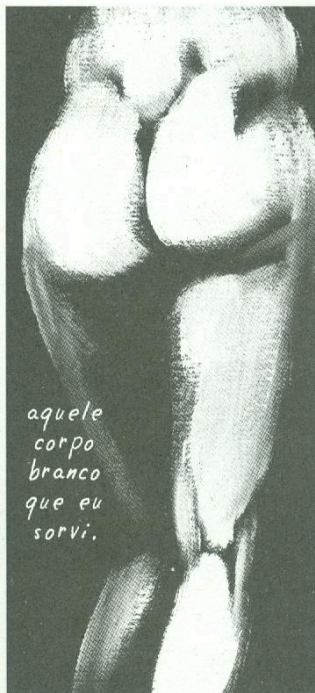
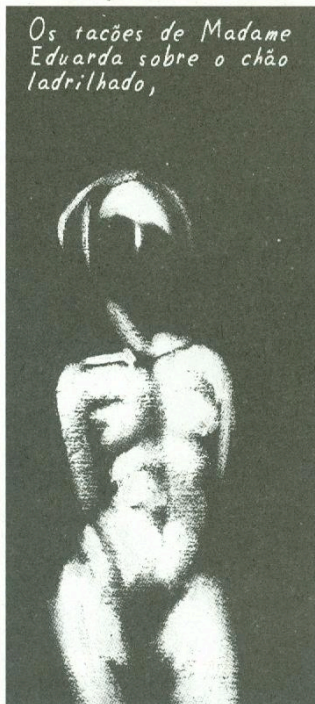


Pago.



Sigo
Eduarda,
cuj a nudez
tranquila
atravessa
a sala.

O rito grosseiro da "menina que sobe".

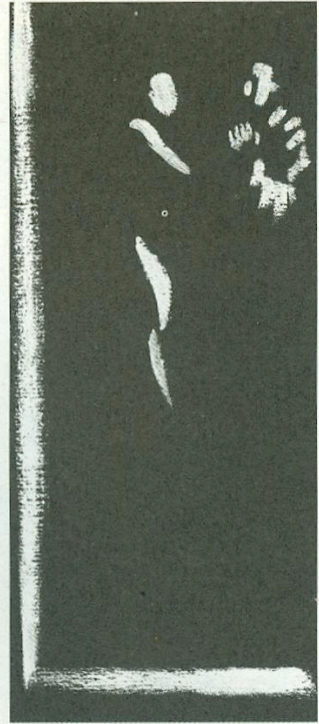


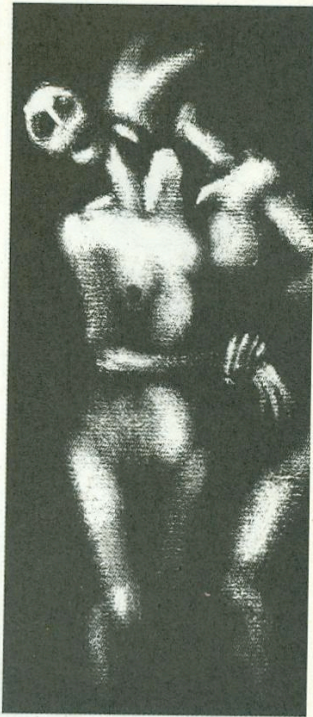
A tumultuosa indiferença da sala à sua felicidade, à grave medida dos seus passos, é uma consagração real, uma festa florida. Tudo isto me parece de uma solenidade alucinante.

Até a morte está presente
na festa, naquilo a que
a nudez do bordel chama:



"A faca do carnicheiro".

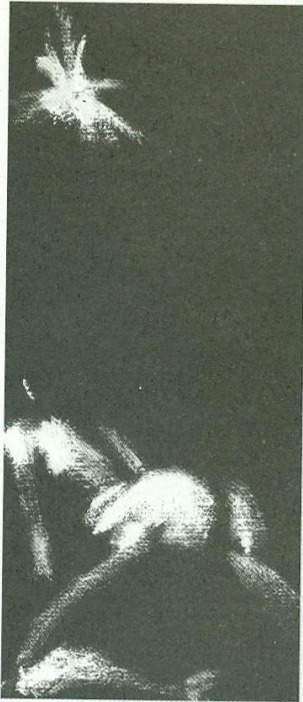




77

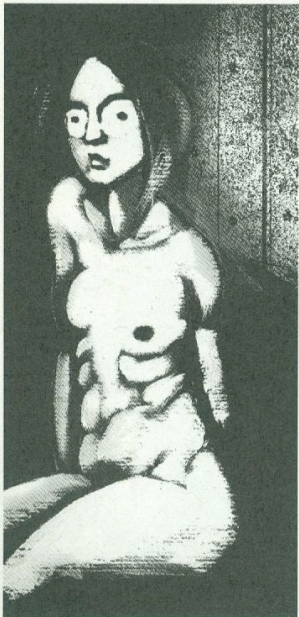


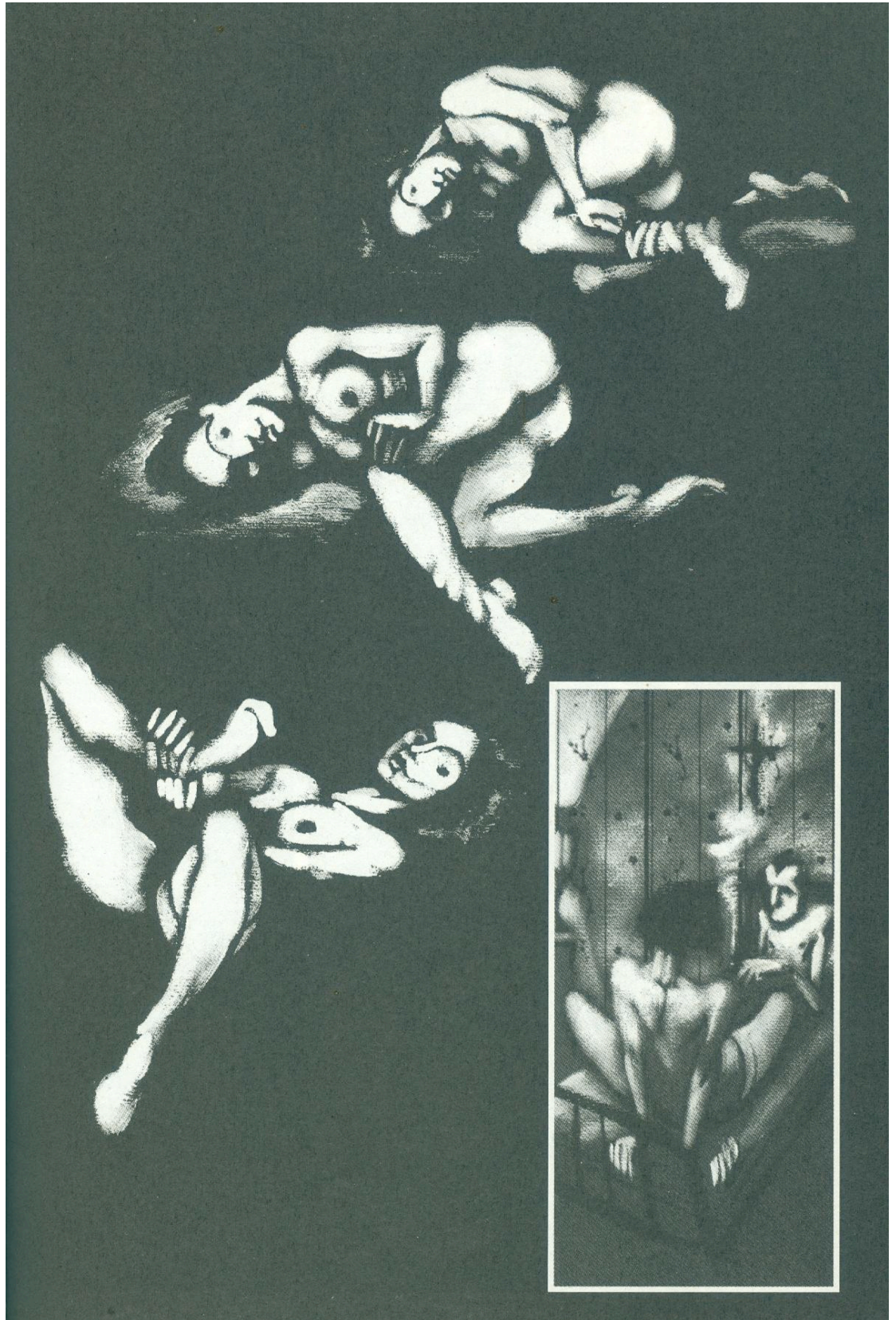
216

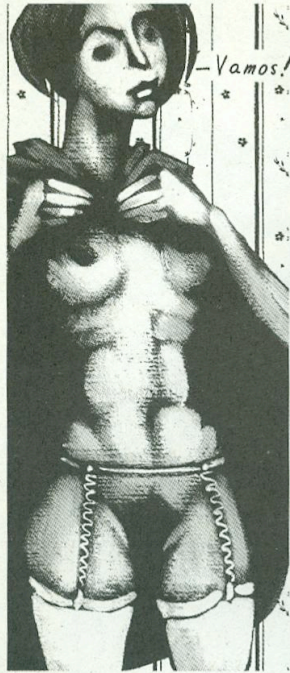




*Olho Eduarda fascinado.
Nunca vi rapariga mais
bonita, nem mais nua.*







-Vamos!



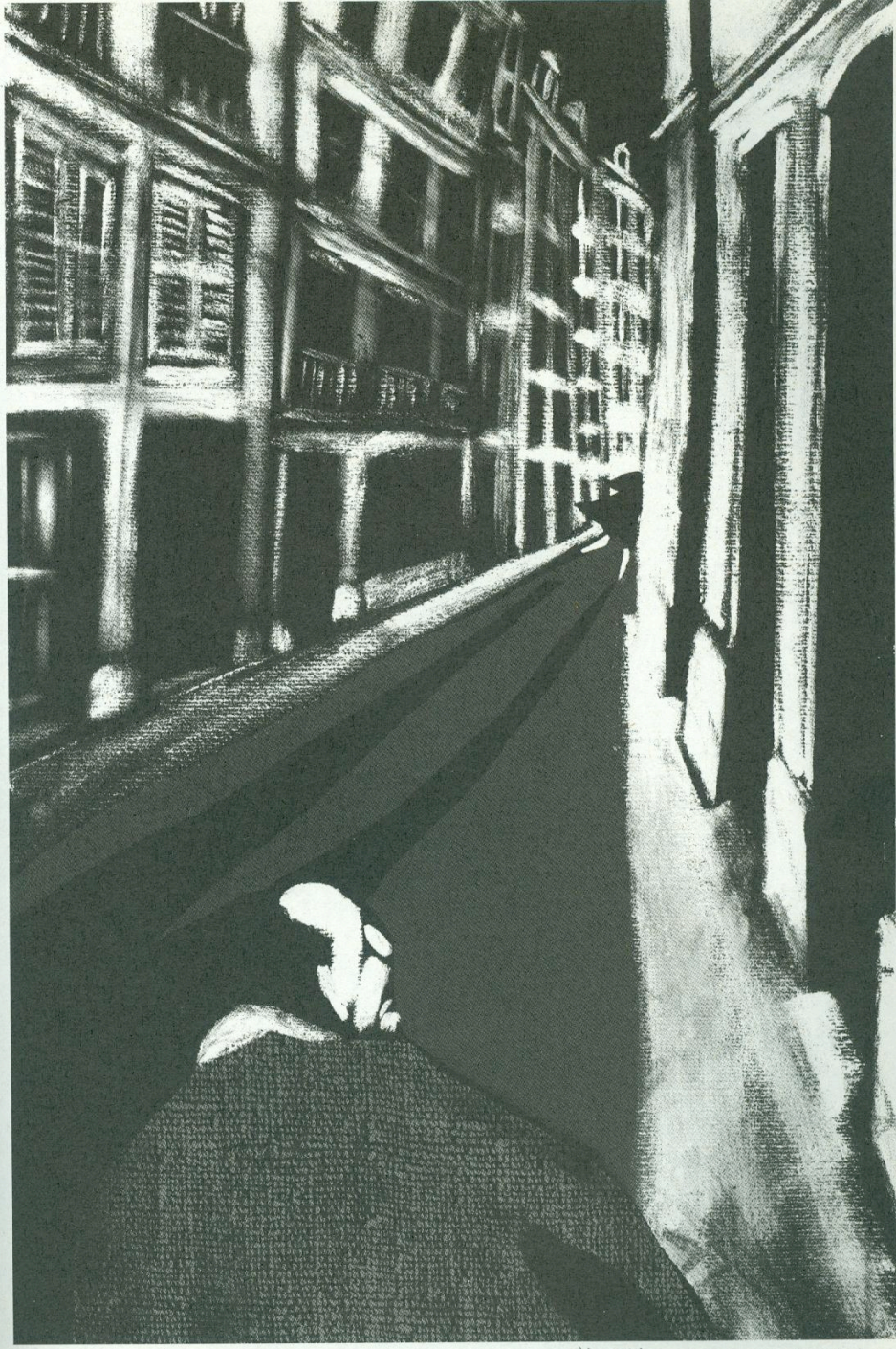
Uma
mascarilha
rendada
oculta-lhe
o rosto.

-Mas...
Podes
sair?

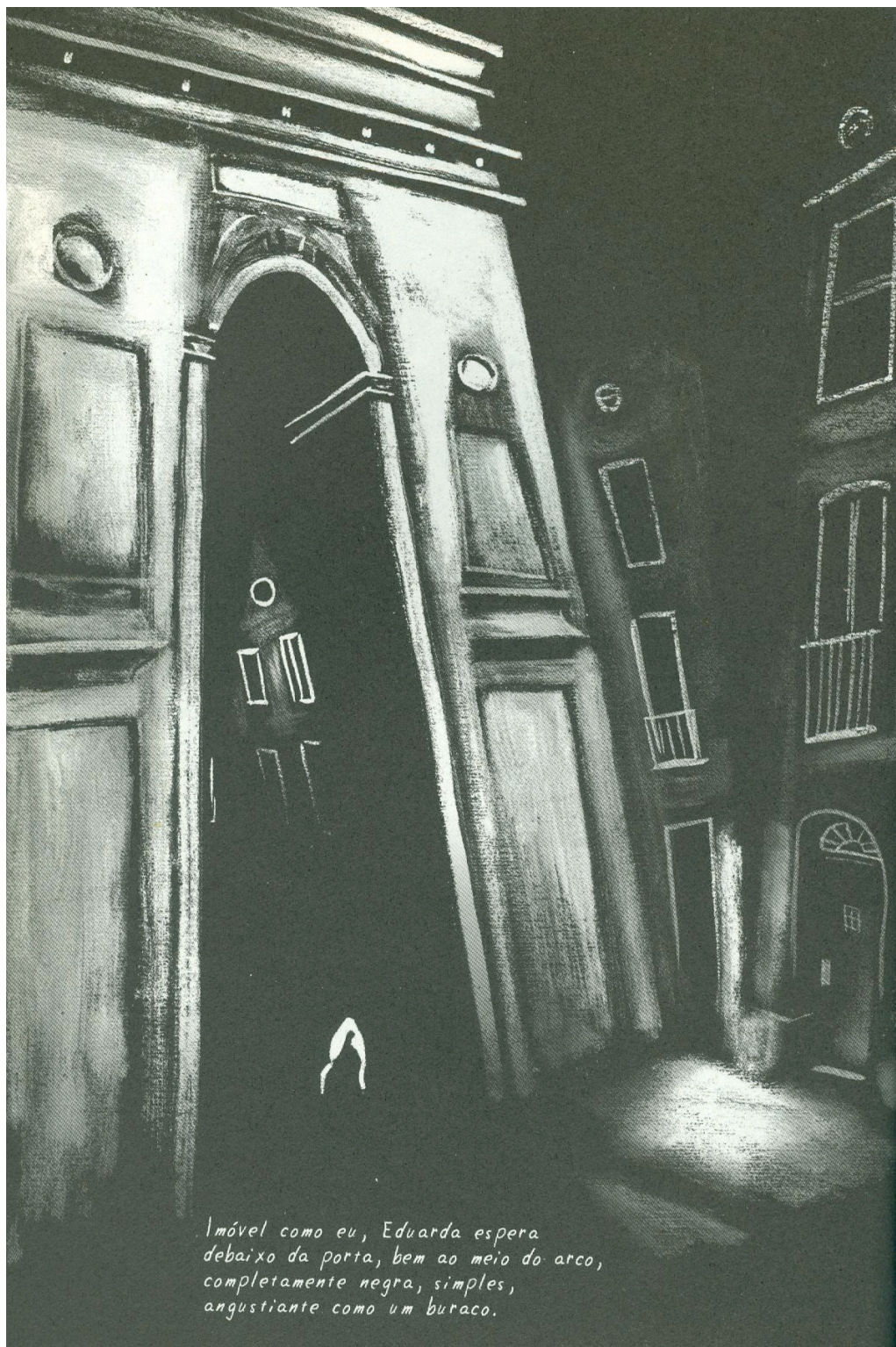
-Depressa fifi,
não podes sair nu!



A noite não está fria.
Ainda assim um arrepio
percorre-me o corpo.



Vacilo, mas continuo...



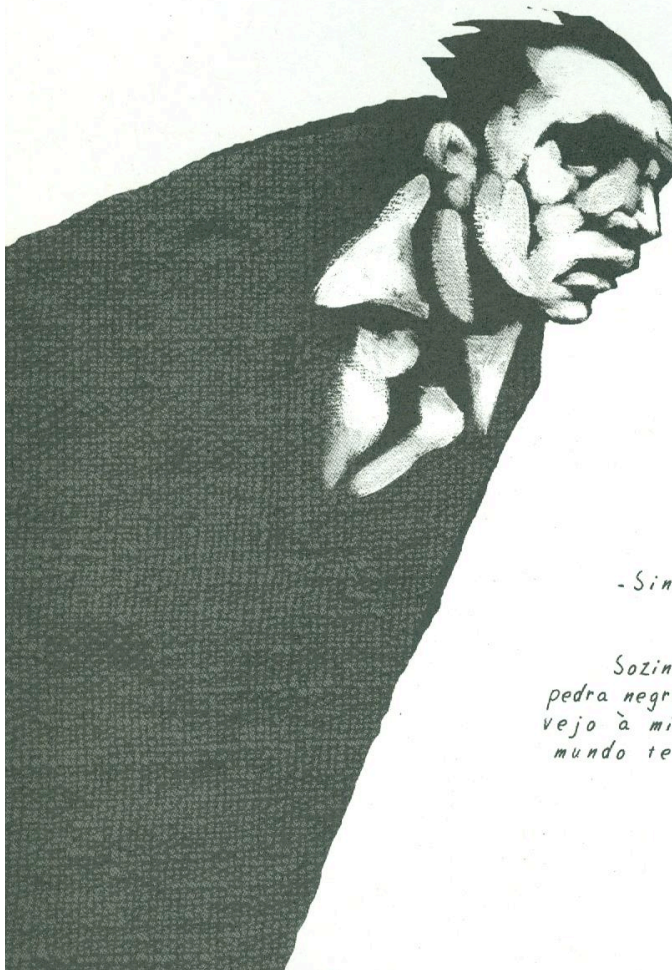


*Não ri. Sinto que,
debaixo da roupa,
está agora ausente.*

*Eu não me
consigo mexer.*

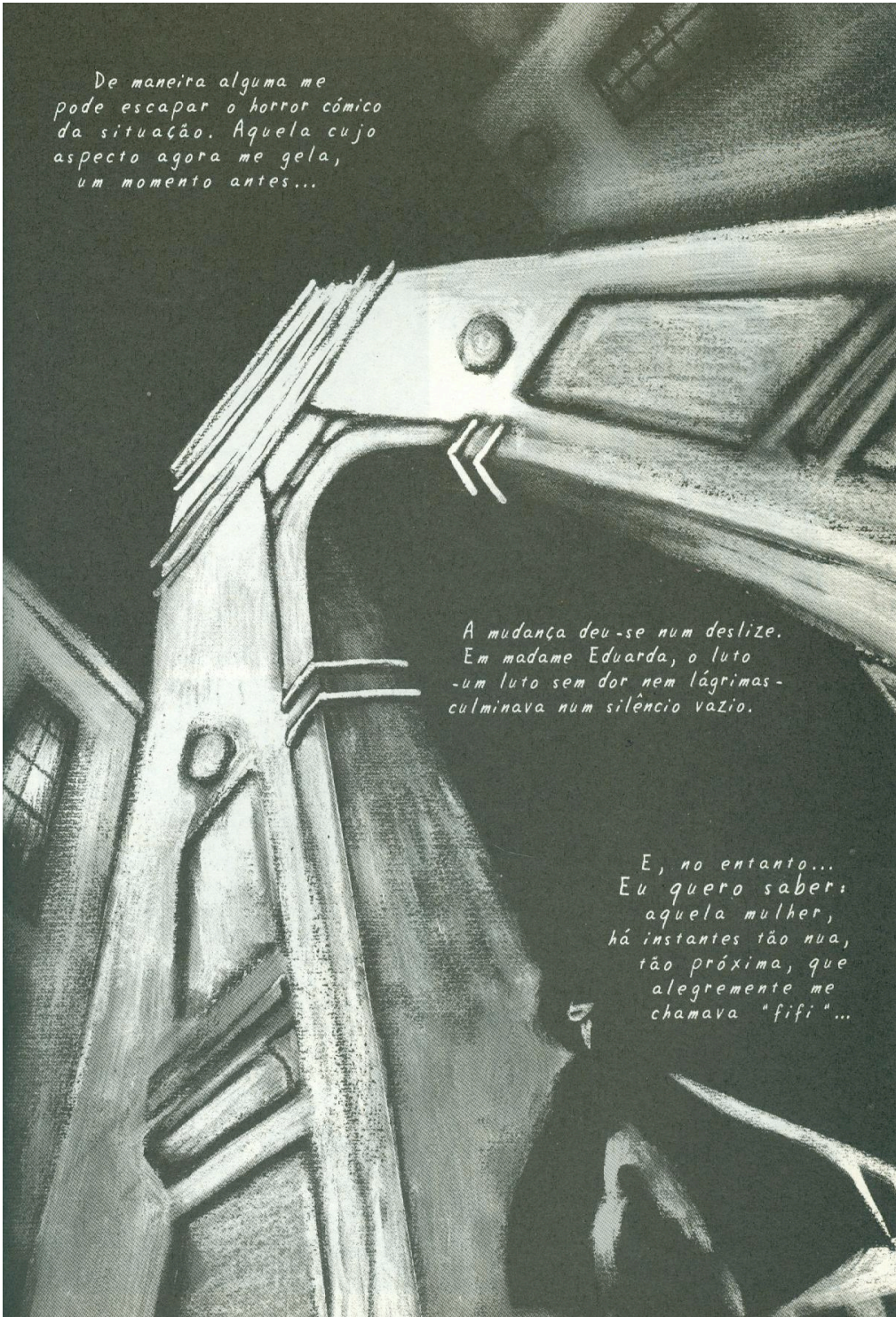
Vejo, dissipada que
está a minha embriaguês,
que Ela não me tinha mentido,
que ela é DEUS.

A sua presença tem a
simplicidade ininteligível de
uma pedra: em plena cidade,
sentia estar à noite numa montanha,
rodeado de solidões sem vida.



-Sinto-me liberto!

Sozinho, diante daquela
pedra negra, estremeço quando
vejo à minha frente o que o
mundo tem de mais deserto.



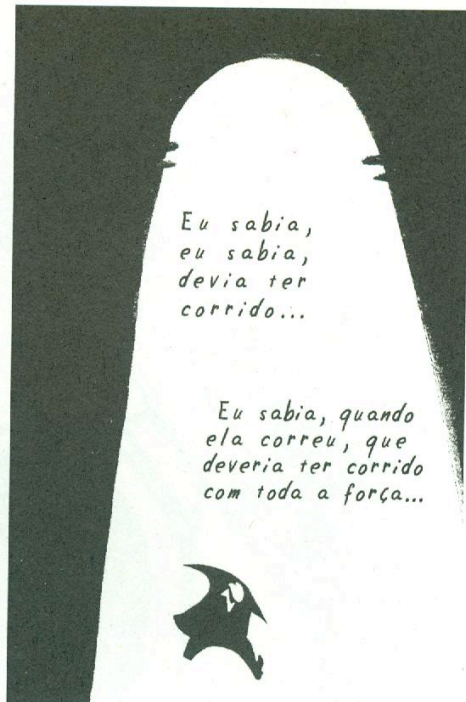
*De maneira alguma me
pode escapar o horror cômico
da situação. Aquela cujo
aspecto agora me gela,
um momento antes...*

*A mudança deu-se num deslize.
Em madame Eduarda, o luto
-um luto sem dor nem lágrimas-
culminava num silêncio vazio.*

*E, no entanto...
Eu quero saber:
aquela mulher,
há instantes tão nua,
tão próxima, que
alegremente me
chamava "fifi"...*

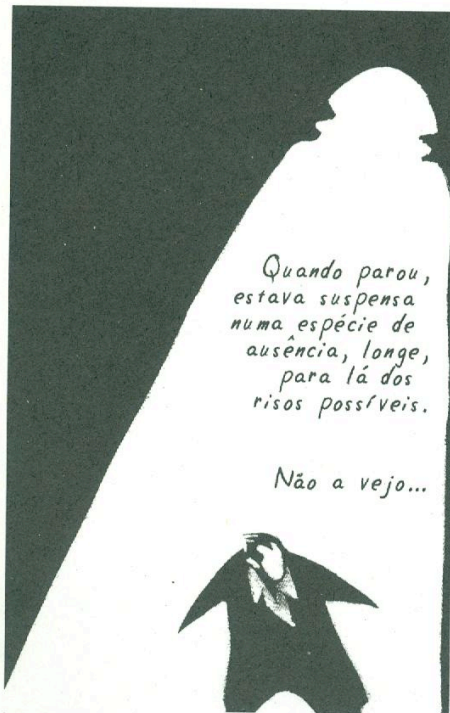


Sem
qualquer
ruído,
desapareceu
o dominó.



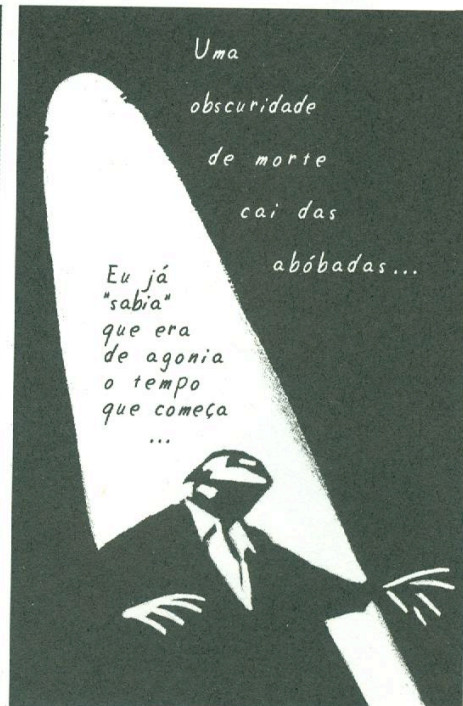
Eu sabia,
eu sabia,
devia ter
corrido...

Eu sabia, quando
ela correu, que
deveria ter corrido
com toda a força...



Quando parou,
estava suspensa
numa espécie de
ausência, longe,
para lá dos
risos possíveis.

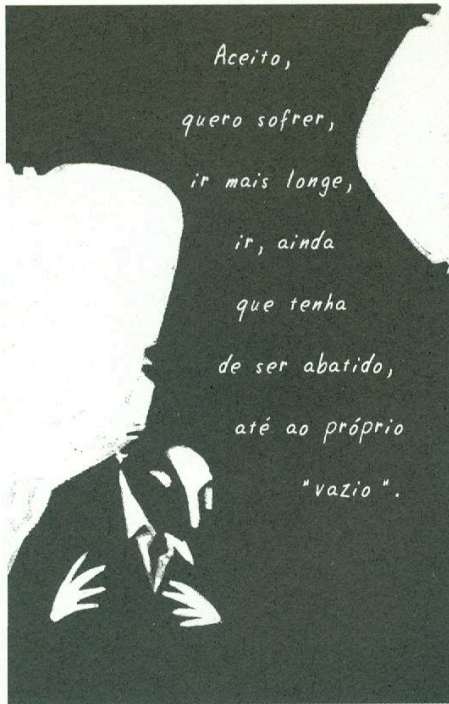
Não a vejo...



Uma
obscuridade
de morte
cai das
abóbadas...

Eu já
"sabia"
que era
de agonia
o tempo
que começa
...

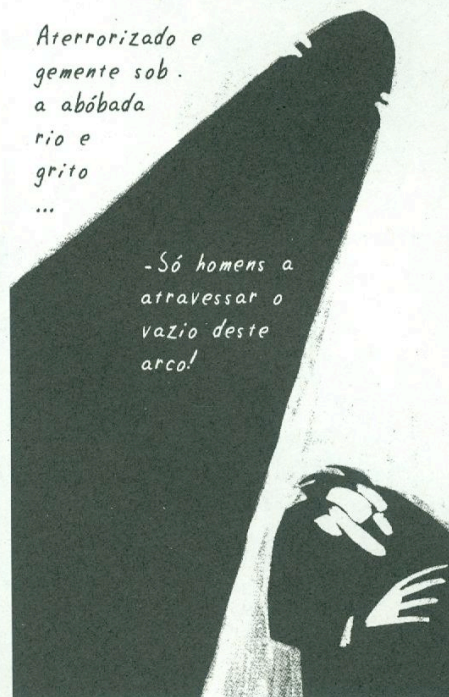




Aceito,
quero sofrer,
ir mais longe,
ir, ainda
que tenha
de ser abatido,
até ao próprio
"vazio".

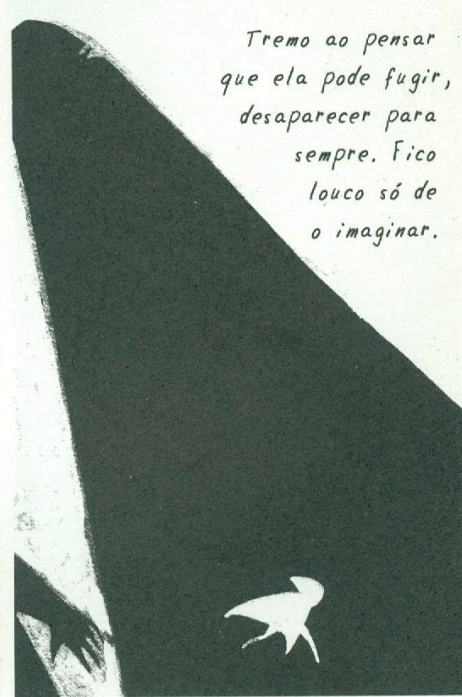


Quero saber,
âvido do seu
segredo, sem
nunca duvidar
que a morte
reina nela...

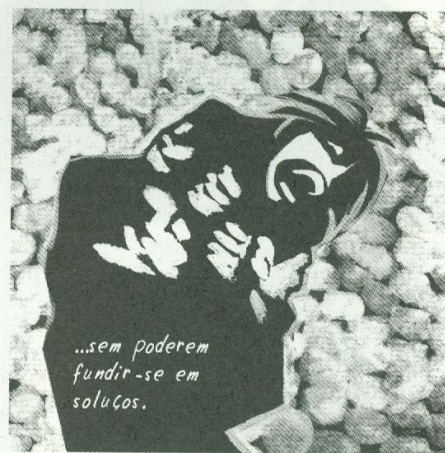


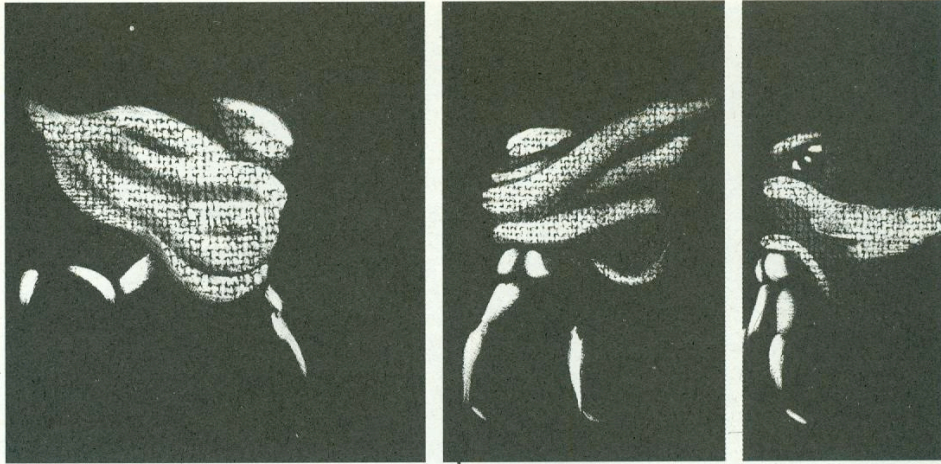
Aterrorizado e
gemente sob.
a abóbada
rio e
grito
...

-Só homens a
atravessar o
vazio deste
arco!

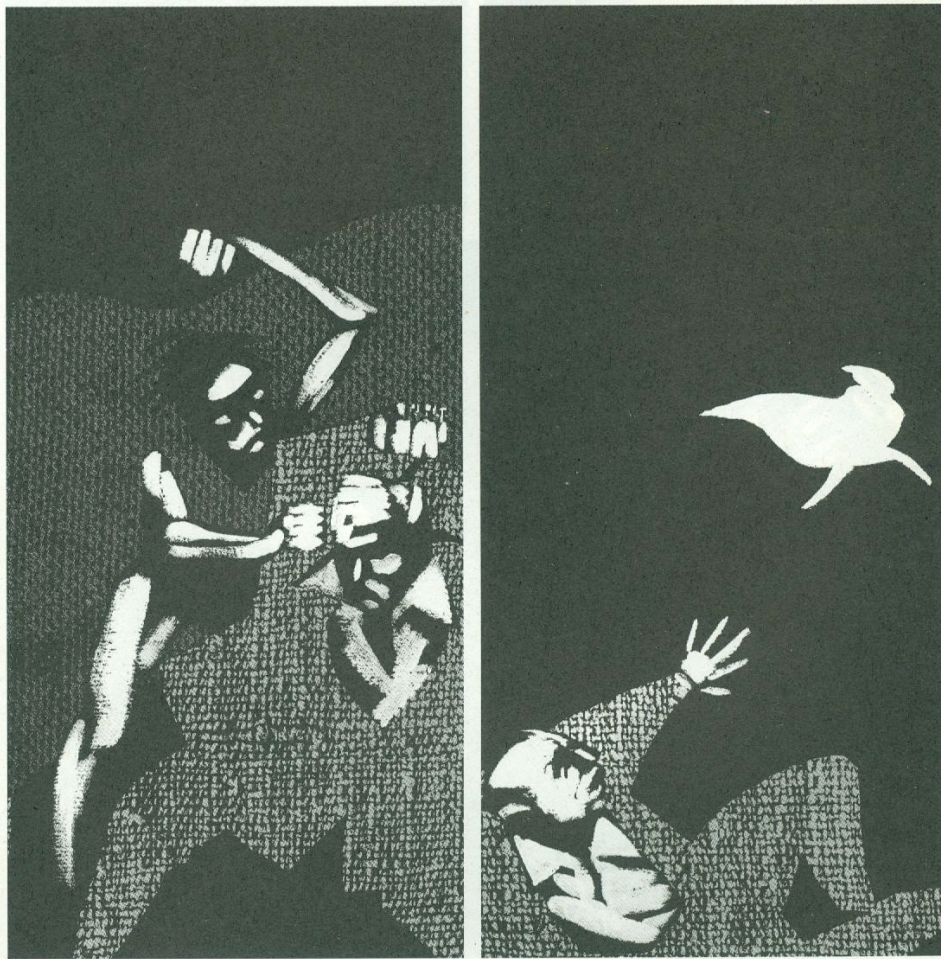


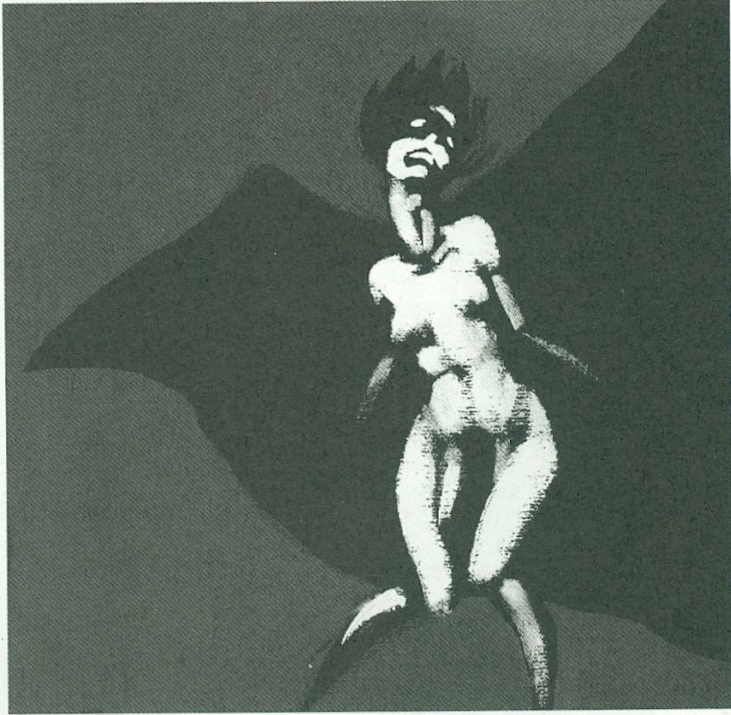
Tremo ao pensar
que ela pode fugir,
desaparecer para
sempre. Fico
louco só de
o imaginar.

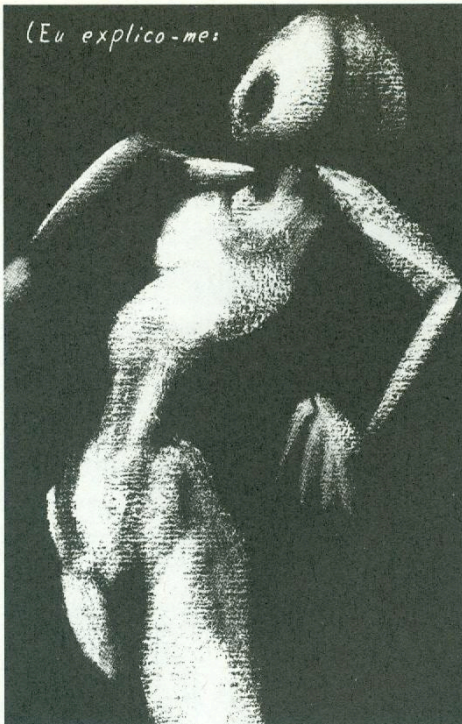




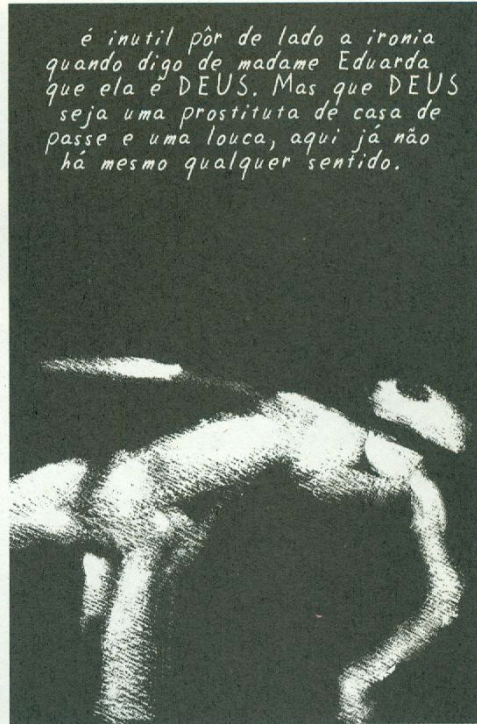
Arrasta-a um vento selvagem...



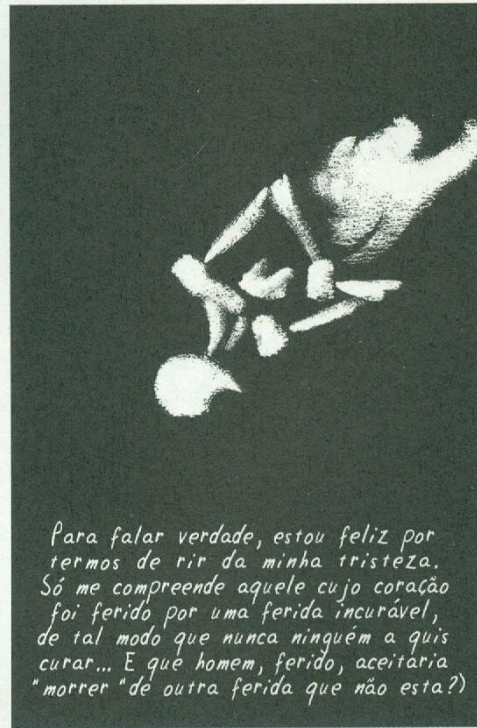
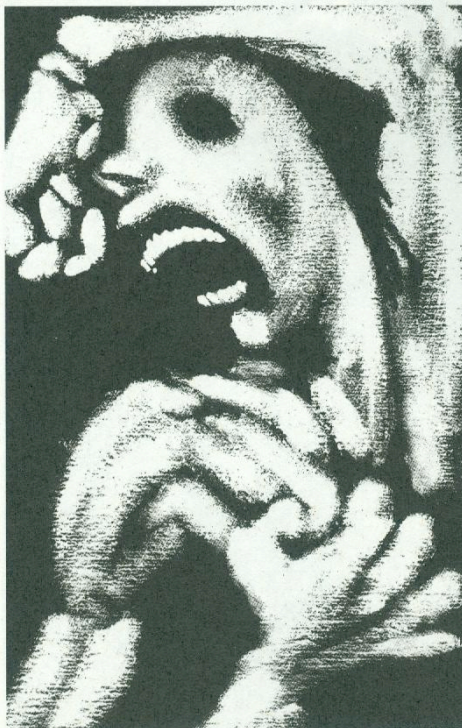




(Eu explico-me:



é inútil pôr de lado a ironia quando digo de madame Eduarda que ela é DEUS. Mas que DEUS seja uma prostituta de casa de passe e uma louca, aqui já não há mesmo qualquer sentido.



Para falar verdade, estou feliz por termos de rir da minha tristeza. Só me compreende aquele cujo coração foi ferido por uma ferida incurável, de tal modo que nunca ninguém a quis curar... E que homem, ferido, aceitaria "morrer" de outra ferida que não esta?)

A CONSCIÊNCIA DO IRREMEDIÁVEL

O seu sofrimento está em mim como a verdade de uma flecha. Sabe-se que ela entra no coração, mas com a morte, na espera do nada, o que subsiste tem o sentido das escórias em que, em vão, a minha vida se demora.

Aquele que se destina ao suplício, quando, depois da espera interminável, vê chegar o grande dia, observa os preparativos. No seu horizonte estreito, cada objecto, cada rosto, reveste-se de um sentido grave e contribui para apertar o nó do qual já não se pode escapar.

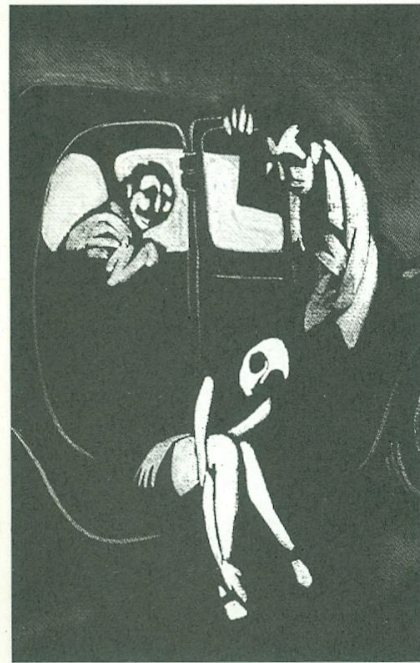
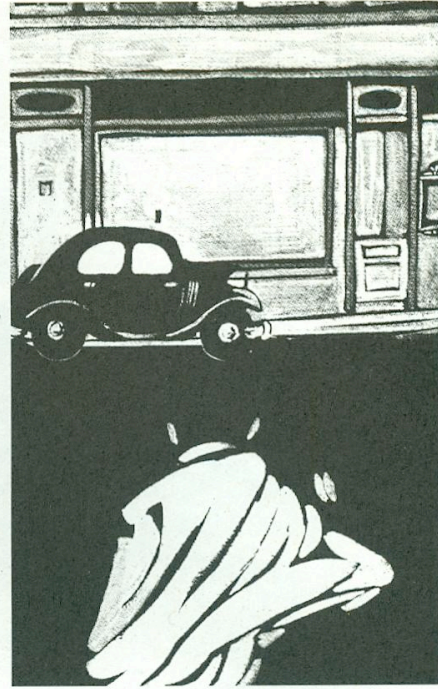
Perante tão negro silêncio, dá-se um salto no meu desespero. As contorções de Eduarda põem-me fora de mim e lançam-me num para lá negro, como quando se entrega ao carrasco o condenado... Impiedosamente!

Entro num estado de absorção comparável ao do condenado. O deslize vertiginoso que me perde, abre-me um campo de indiferença, sem mais inquietações, sem desejo. O êxtase dissecante da febre, a este ponto, nasce da inteira impossibilidade de recuo.



Ainda assim, Eduarda não é
o fantasma de um sonho.
O seu cheiro impregna
a minha roupa, como
se fosse o meu corpo.







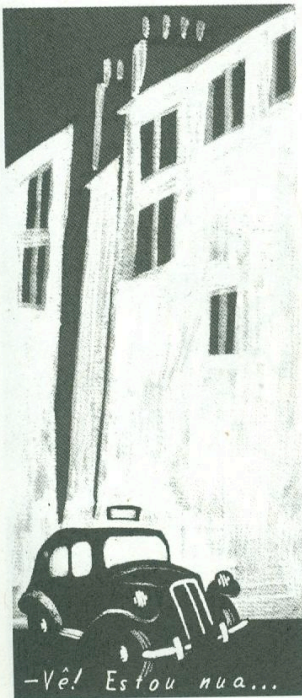
-Diz-lhe que siga para os Halles!



-É para os Halles.



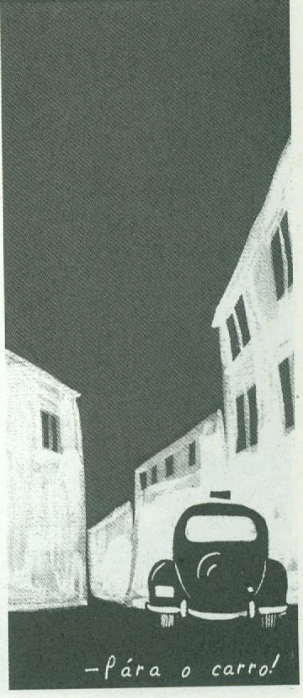
VRRROOOUM



-Vê! Estou nua...

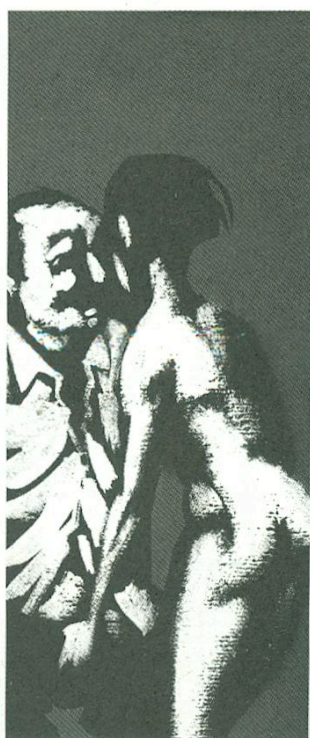
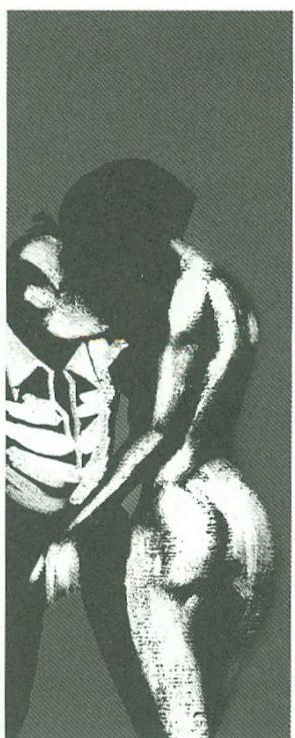
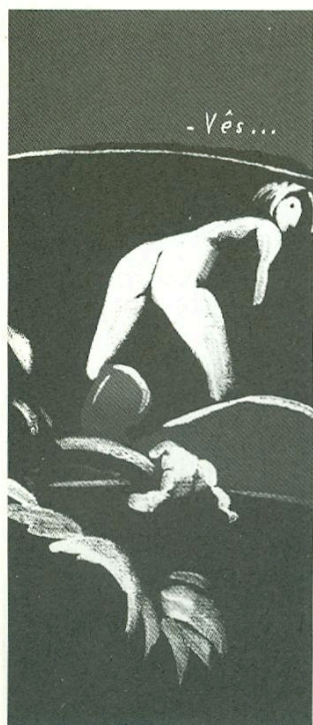


-Nua como uma besta...

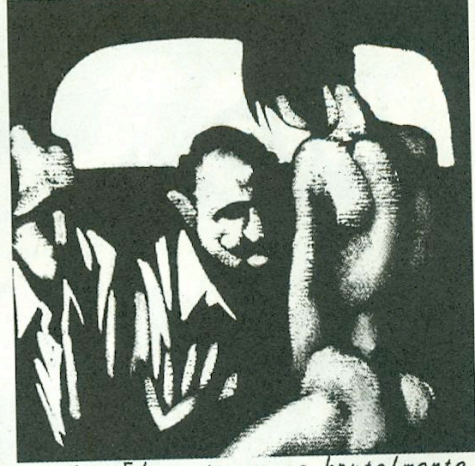


-Pára o carro!

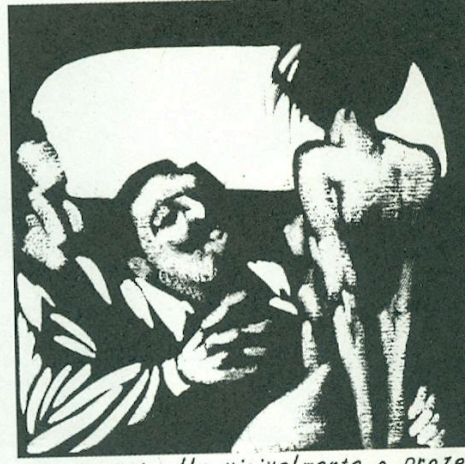
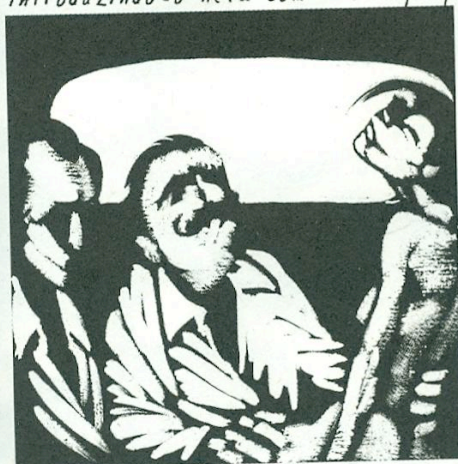
62



O taxista entra transtornado, arquejando. Ela põe-se nele, voluptuosa,



introduzindo-o nela com a sua própria mão. Ele entrega-se brutalmente.



Pego na nuca de Eduarda... Este meu gesto aumenta-lhe visivelmente o prazer.



A cheia que a inundou volta a jorrar, as lágrimas correm-lhe dos olhos... 6



Não deixo de a amparar... O nó desfaz-se e ajudo-a a estender-se; limpo-lhe o suor.
Com o olhar mortiço deixa-se ir e adormece, como uma criança.
Um mesmo sono nos deve ter assolado, a Eduarda, ao taxista e a mim.

(Continuar? Bem o queria, mas não me importa. O interesse não está aí. Disse o que me oprimia. Será tudo absurdo? Ou haverá aí um sentido? Fico doente de pensar nisso. Acordo de manhã - como milhões de raparigas e rapazes, bebês, velhos - de sonhos nunca dissipados... Para mim e para esses milhões, terá o nosso despertar um sentido? Velado? Evidentemente velado! Mas se nada tem sentido, sei o que fazer: recuarei, socorrendo-me de logros. Deveria desistir e vender-me ao não-sentido: a mim é o carrasco quem me tortura e me mata, não uma sombra de esperança. E se houver um sentido? Hoje, ignoro-o. Amanhã? Que sei eu? Não posso conceber qualquer sentido que não seja o "meu" suplício, isso sei-o eu bem. E para já: NÃO-SENTIDO! O sr. não-sentido escreve, ele compreende que é louco. É medonho. Mas a sua loucura, este não sentido - como de repente se tornou sério - será justamente esse "o sentido"? A minha vida não tem sentido senão quando ele me falta. Que eu seja louco... Compreenda quem puder, compreenda quem morrer... Assim aí está o ser, sem saber porquê, parado e tremendo de frio... A imensidade, a noite, envolvem-no e ele está aí para... "não saber". E DEUS? Que dizer, sr. Diserto, sr. Crente? - DEUS, ao menos, saberia ele? DEUS, se ele soubesse, seria um porco*. Senhor (apelo na minha angústia ao "meu coração"), livrai-me, cegai-os! A história, continuá-la-ei?)

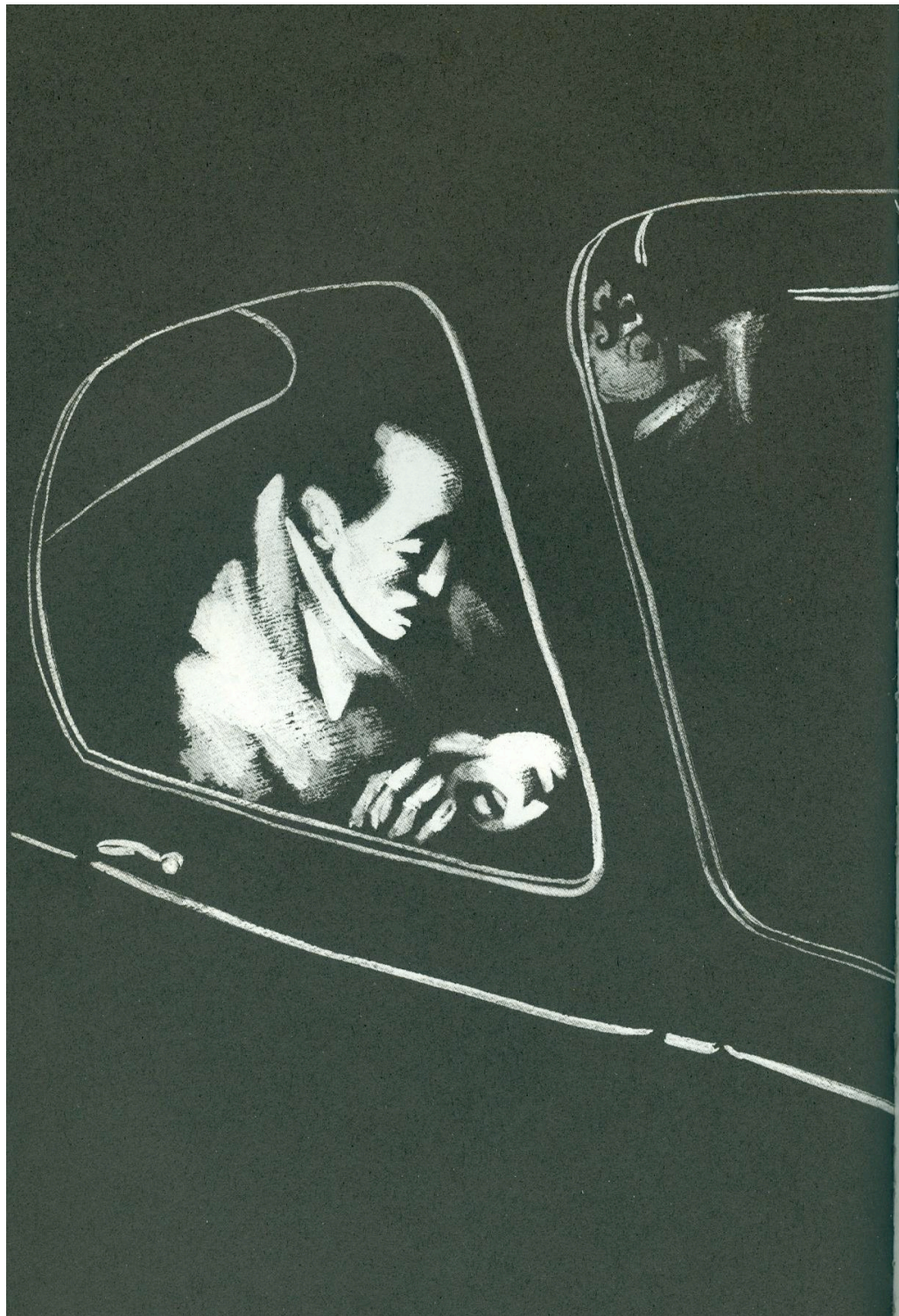


*Notas:

"Deus, se ele 'soubesse', seria um porco."

Aquele que (suponho que, nesse momento, estaria mal lavado, "despenteado") compreendesse a ideia até ao fim, que teria ele de humano? Para lá de tudo... Mais longe e mais longe... E agora? Tremo.

47



Acabei.
Pouco depois, acordo...
Acordo doente daquele sono... Sou o primeiro...
O resto é ironia, longa espera pela morte.

l.a

Anexo 4

Herberto Helder, «(uma ilha em sketches)»

É uma ilha em forma de cão sentado com a cabeça inclinada para perscrutar o enigma da água. O cão tem as orelhas fitas porque recebe notícias de vento ao mesmo tempo que cheira e olha o mar. O cão está sentado no atlântico.

A água cai em cordões verticais e vivos, cantando. Cria-se uma nova, ou muito velha, espécie de solidão em que o súbito gosto da pureza se mistura ao temor. A água é uma delicadíssima e exaltante matéria. Talvez os homens desejassem estender-lhe as mãos voltando-as de todos os lados para ficarem bem molhadas. Uma água vasta e nua, uma água maternal.

As casas tornam-se muito isoladas, a uma severa distância umas das outras. Não é tempo de comércio entre as pessoas, qualquer espécie de fraternidade. Sabe-se pouco a respeito da água da chuva. É uma ilha estéril, fechada em cal e areia. Há as estiagens. E então sucede o absurdo. O talento do absurdo é criar o excesso. Por isso cai às vezes uma chuva avassaladora. A carne concentra-se para recebê-la, aceita-a.

Poder-se-ia sair das casas, e não somente estender as mãos à grande chuva mas deixá-la encharcar as roupas e a pele, deixar que limpasse o homem de uma porção de coisas que não prestam. Seria possível andar nu debaixo da água cantante, as próprias pessoas cantando com alegria e terror sagrado.

Os caminhos confundem-se, aluem os telhados de terra batida, o enxurro ganha os campos. Desaparece a frágil ordem que se cria para andar sobre os abismos. Em dois dias perdem-se todas as pistas do ano. Desapareceram os centros da vida, centros de audaz inteligência onde se teceu, à volta, o pavor da morte — a malícia de enganá-la e a pequena vitória com seu anel de alegria. Absorveu-os a água. Na forma desfeita já se não sabe o lugar dos bichos, da lentilha, dos barcos, O vento bate nas casas iluminadas por candeias de grossas mechas embebidas em gordura de carneiro.

É preciso inventar de novo o edifício palpável das convenções; demarcar os campos de cevada, reparar as empenas dos barcos, amar a vida. Haverá para ajuda uma pobre primavera de ervagem baixa e uns passos de lentilha verde.

Mas os homens da ilha não amam o trabalho. É difícil um pacto com os segredos da terra. As manhãs hesitam com o sol molhado. O céu curva-se para as poças.

No mar áspero ao longe passam cargueiros. De noite são luzes pequenas que se movem. É muito triste.

Tem de se descer fundo na matéria enigmática destes homens, entender a região do seu feroz repouso, tão dramáticas fontes de imobilidade. Estas fábulas são terríveis nos seus enredos e forças.

Os caminhos afogados, as casas destruídas. Toda a gente vem para fora, hesitante, um pouco espantada. Não há lugar para as mãos e os pés. Mas o ar vai-se tornando leve e penetrante. As coisas libertam-se do vasto abraço das águas.

Durante dois meses, na funda solidão subterrânea, preparou-se o tempo que se torna agora exterior e vivo. Talvez a lentilha e a cevada semeadas no outono venham a cobrir as planuras. As sementes dormiram e imaginaram. Talvez acordem para a reconstrução do mundo.

E então um grande silêncio cai sobre os trinta quilómetros quadrados da ilha. Ou vem das coisas, do interior das coisas: um silêncio extremamente doce, um equilíbrio supremo. A ilha adquire uma grave e grandiosa imobilidade. E a luz entra e sai pelas coisas como se elas fossem esponjas. As mãos ficam muito nuas, É dos olhos que primeiro desaparece o sono. E da boca. De cada parte do corpo, lentamente, de todas as partes, até que as pessoas se abram totalmente. Numa ressurreição.

Os campos estão cobertos de erva e, ao meio, vibram na aragem aguda algumas hastes de cevada. Principia a ordenação abstrata das cores — violentas, delicadas — no cheiro estreme da maresia e da areia que já aquece. O céu levanta-se como um animal. A terra pensa em cima dos labirintos da água. E a primavera sobe, fortalece-se, ganha precisão. A cevada amadurece depressa na exaltante transparência do espaço, mexida leve leve pela aragem.

Na atmosfera nítida, cuja intrínseca violência se dissimula, nascem repentinas fontes de júbilo. Desenvolve-se furiosamente no coração um extremo pensamento de perenidade, tão novo e exclusivo que a carne verga ao seu peso. Aspira ambigualmente ao aniquilamento obscuro, rápido, total. Uma colina branca resplandece tão veemente que parece ter levantado voo.

Os homens descem até à praia e estendem-se na areia onde correm centenas de lagartixas fazendo desenhos complicadíssimos e fúteis. Enquanto os homens dormem, os montes ao alto são nus e amarelos. Eles dormem, e os montes ficam sempre vazios e secos sob o sol tranquilo. Com o seu perfume cru o mar invade a ilha. É o perfume do mar na primavera. Ou é o perfume do mar no verão. Os poros ardem tocados pelo ar salgado. A cabeça fecha-se. Vem do fundo um rumor cego. Então os homens vão para casa e fornicam com as mulheres.

Esta gente possui o orgulho firme de quem conhece o poder das coisas, o sentido da inutilidade essencial da vida contra o qual nada mais se deve opor que a força de uma ordem momentânea, estritamente necessária. É preciso comer um mínimo, trabalhar um mínimo, acreditar um mínimo nestas hastes ainda verdes que estremecem ao vento de maio. Depois, tudo quanto se pode fazer é ficar ao sol olhando perdidamente a água do mar, ou ir para as casas mal-reconstruídas, no meio do vento estriado de areia, e fornicar com as mulheres que envelhecem depressa.

Um dia por quinzena os homens descem ao cais de estacas e pranchas de madeira para esperar o barco que vem da ilha mais próxima, É um barco no estilo dos barcos de pesca, com vela e motor. Quase nunca traz passageiros. Às vezes traz lenha ou farinha de milho. Os homens da ilha vêm sempre assistir à chegada do barco. É como os barcos dos pescadores, simétrico, largo ao meio, com a popa igual à proa, amarelo e verde ou amarelo e azul. Eles gostam de ver o barco a entrar na pequena baía. Ficam-se a olhá-lo durante o dia inteiro, rondando-o, deslocando-se de uma parte a outra da praia para vê-lo do maior número de ângulos. Têm a ingenuidade ou a sabedoria de sentir nessas contemplações gratuitas e diminutas a fonte mais certa da verdade do mundo. Gostam de ver as coisas, de esgotá-las. Recolhem-se depois com elas. Vivem longamente com a densidade das suas imagens. Disso tudo apuram um encanta-

mento irónico, uma curta inspiração sem finalidades.

Detestam o trabalho. Vão já querendo aos seus hábitos de renúncia e tédio, à calma subalimentação e à astronomia de imagens essenciais. Falam pouco destas coisas, não são coisas de que se fale, não gostam de falar. Gostam de olhar. Olham as luzes dos navios longínquos, o descarregamento do barco que vem uma vez por quinzena, os desenhos puros e sem sentido que as lagartixas fazem na areia. Também olham para as mãos, as suas próprias mãos, com um desprendimento íntimo, vagaroso, quase sardónico.

Um dia há a fome. Não essa habitual fome surda e continuada, a básica fome da ilha — estilo central com suas tréguas que empenham de novo o homem no ato de viver. Há a fome extrema.

Então as mulheres saem das casas e atravessam os caminhos em grupos mudos. Têm as caras das pessoas velhas embora algumas sejam ainda mulheres jovens. O seu passo é incerto, porque saem pouco. Estão desesperadas e dirigem-se às autoridades da ilha. Cami-

nham num passo sem jeito, vestidas de negro, com aquele pensamento femininamente feroz do pão, a determinação de fêmeas ameaçadas nos fundamentos da vida. É uma fome imediata, um pouco sem dignidade. Não atinge a forma de ideia, uma expressão de silêncio sombrio. É uma fome-fêmea, e por isso será remediada.

Os homens estão deitados na praia, e ir às autoridades é a última coisa, a coisa desesperada, convincente, brutal e eficaz que pertence às mulheres. Esse alarde a que não falta malícia não é dos homens. O orgulho inútil é que é dos homens. Ficam na mesma posição, olhando para o mundo. E, nesse orgulho imóvel de que extraem não se sabe que confusa justificação, sentem toda a fome por todas as partes do corpo. É uma fome-macho, e por isso não seria remediada se a seu lado se não tivesse desenvolvido, com toda a ignóbil e engenhosa energia, a fome das mulheres. É a salvação.

As autoridades redigem um apelo às ilhas vizinhas, mais férteis, e depois chega um barco com farinha de milho e barricas de carne seca.

Alguns homens fazem-se ao mar e trazem peixe. Trazem pouco, trazem aquilo apenas que é preciso para acalmar a fome. Não está neles trazer para guardar. Não

há dia seguinte. Isso não está neles. Só é preciso trazer dois ou três ou quatro peixes para um dia. Guardar não está nos homens. Trazem três peixes, e depois chega o carregamento de milho e carne seca.

As mulheres tranquilizam-se, os dias da primavera cobrem os campos de pequenas folhas verdes. Ou são os dias do estio, e as lagartixas correm silenciosamente,

as pupilas enchem-se de ofuscação. Ou os dias do outono espalham um lento e obscuro apaziguamento sobre a terra.

Os homens olham para todas as coisas com a sua desapaixonada mas firme, meticulosa, fruidora curiosidade. Enriquecem o já vasto tesouro das imagens. Sobrecarregam o seu silêncio quase sem intenção, tornando mais apta a gratuita, embora nunca cínica, capacidade de destruir a verdade mais acessível da vida em que os seres se esgotam e são felizes ou infelizes.

Principia o estio com o sol sem margens, a luz ilimitada. E a multidão das lagartixas distribuindo na areia a rede das pistas imperscrutáveis até ao absurdo. O verão de mar imóvel, áridos montes vermelhos e cinzentos pousados abstractamente em torno das planuras. No meio dos trevos, meia dúzia de ventres de um verde brutal: as melancias da fome.

A cabeça do cão continua virada para as águas. Ninguém presume o que vê ou sabe. É um bocado de pedra com a forma de uma cabeça de cão. Apenas intrigante. Está ali. Está inclinada para os abismos da água, para os enigmas.

O vento corre pela areia fora. Os homens voltam-se ligeiramente, sorriem, são de novo devorados pela concentração interior, a indiferença. Durante um instante recolhem o violento azul do espaço, o mar fixo e as cores primárias dos barcos. As lisas imagens dos dias instalam-se neles como figuras abstratas e completas. Sobem e descem dentro deles. Respiram dentro deles.

À volta as crianças fazem a vida das lagartixas, copiando-lhes o quotidiano de sol, fugas precipitadas, atenta imobilidade e combates incompreensíveis. Nos campos e montes, seguindo pistas, as mulheres procuram a bosta seca dos animais, para combustível. Os homens ruminam as imagens, os esquemas. As crianças movem-se no seu universo reptilíneo.

As lagartixas vivem cercadas pelas crianças. Delas esperam tudo: o alimento e a morte. É um pacto, um comércio tácito cheio de enigmáticas intenções. Uma linguagem de dádiva e crueldade pela qual pessoas e bichos fascinadamente se conhecem. Porque as crianças são lagartixas fortes que decretam as leis de relação. No silêncio amarelo e saturado da praia, iniciam o jogo ritual da cidadania. Atraem as lagartixas, mexendo de leve na areia, distribuindo num sábio acaso miolo de pão, insetos mortos, pedacinhos de gordura. Podem afugentá-las de repente com um gesto inimigo. Ou cortar-lhes as caudas num golpe rápido, e dar-lhes depois uma bolinha de pão. Ou prender na mão fechada os corpos frios e aterrados. Ou matá-las, libertá-las.

Mas as crianças pagam os direitos do poder. Sujeitam a atenção: a fisionomia do seu mundo tem de adaptar-se a certas leis profundas dos bichos. Armam-se então de uma grande paciência animal, uma secreta humildade para com as forças que demarcam e condicionam o teor das suas próprias regras.

Todas estas regras se elaboram e exercem na inspiração do terrível, mas o terrível possui a sua doçura oblíqua, uma lírica sumptuosidade, uma exaltação muito pura.

As crianças amam as lagartixas com uma crueldade cheia de paciência e pormenorizado arrebatamento.

Há uma centena de maneiras de assassinar lagartixas. Foi isto que os carrascos aprenderam com as vítimas. Por cima de cada morte urde-se um jogo subtil, cada propósito cria a ambígua antecipação que abre portas imediatamente fechadas. E depois possivelmente reabertas. As invenções bebem no gosto da dor, das pequenas catástrofes. A fúria corre silenciosamente para as mãos sábias, uma fúria inteligente e mesquinha, invenções e mãos que nunca se aplacam. A crueldade inventa sem parar. Aperfeiçoa instrumentos e métodos num estilo cada vez mais cerrado, límpido, tenebroso. Um estilo de propósitos severos, quase místicos.

Na manhã aberta por todos os lados morre um homem. Um cancro devorou-o de dentro. Mero símbolo, porque a morte nasce e floresce dentro de cada criatura, espalhando morosamente as finas e frias ramificações. A raiz estava cravada nos pulmões, e na manhã branca a devoração atingiu a sua forma terminal de flor.

O cadáver é lavado, envolto num lençol, posto sobre quatro bancas baixas unidas umas às outras. Do corpo só se vê a cabeça azulada.

Uma a uma são retiradas do quarto todas as peças. Nem um móvel, uma estampa, um objeto. Apenas as paredes grosseiras caiadas de branco, o chão de terra batida, e o corpo nu e limpo do morto embrulhado no seu lençol.

Quando abrem a porta, a luz irrompe violentamente e bate nas paredes despidas e no lençol. A cabeça azulada

do morto tem um peso quase obsceno no meio da clareza explosiva.

Entre o corpo e o lençol colocam a navalha de barba que pertenceu ao homem.

As mulheres gritam à porta da rua.

Lá dentro, no abismo luminoso, a cabeça do morto parece negra.

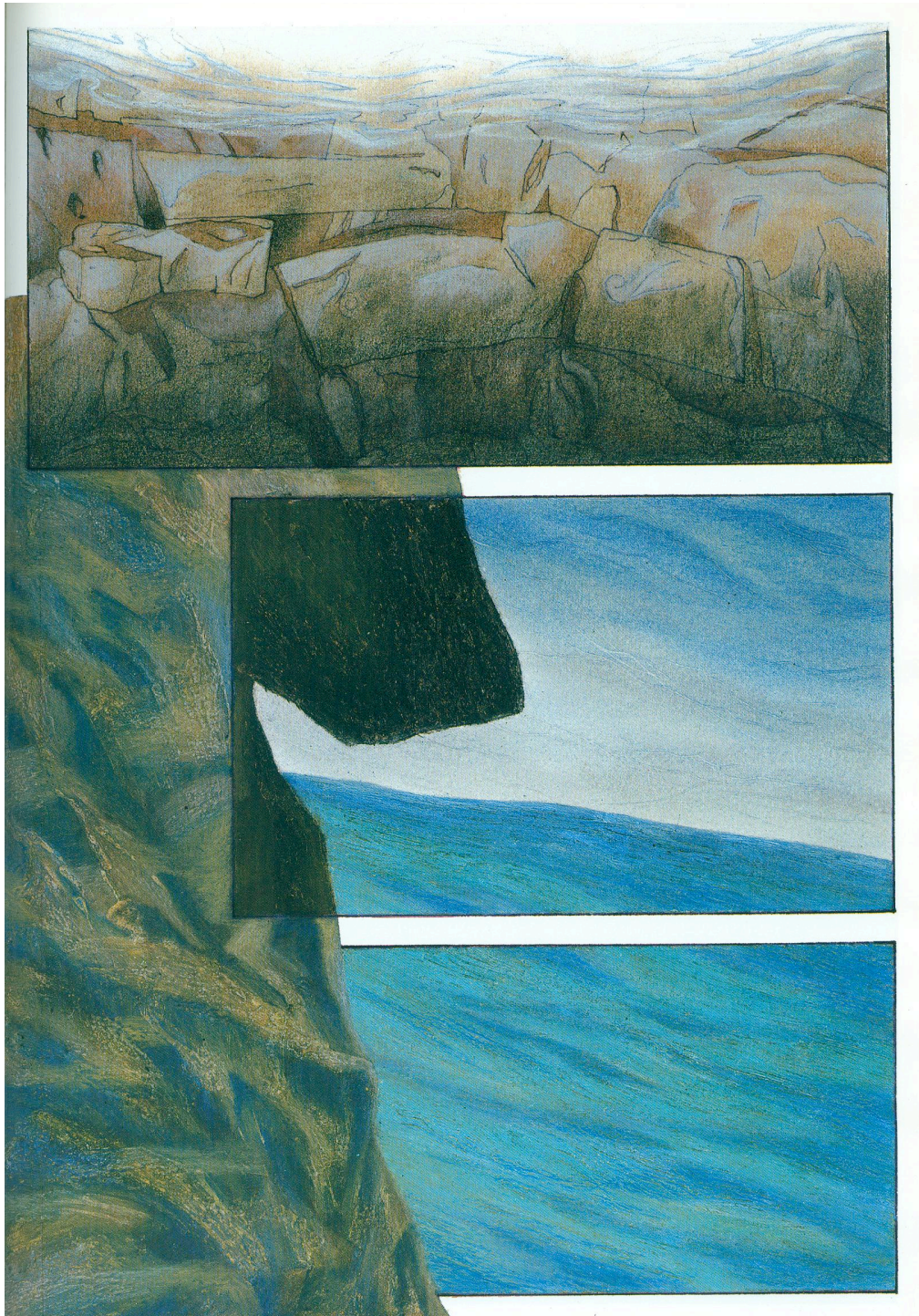
O mar rumoreja nos troncos de madeira que servem de pilares ao cais, arrasta-se pela praia e molha os pés escuros dos homens deitados. O sol cai sobre os campos onde as mulheres recolhem a bosta ressequida. As crianças matam, as lagartixas morrem. É uma ilha em forma de cão sentado².

² Herberto Helder, *Photomaton & Vox*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995, 3.^a ed., pp. 13-22.

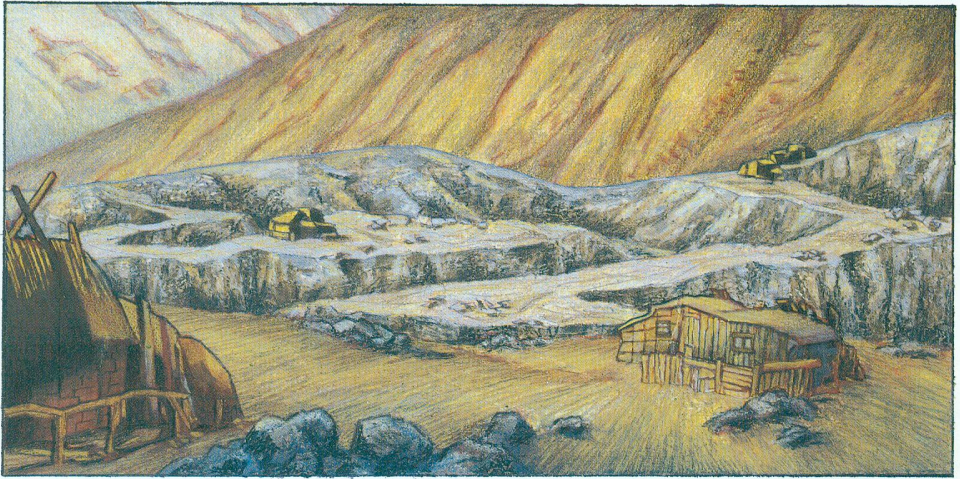
Anexo 5

Diniz Conefrey, «*uma ilha em sketches*»



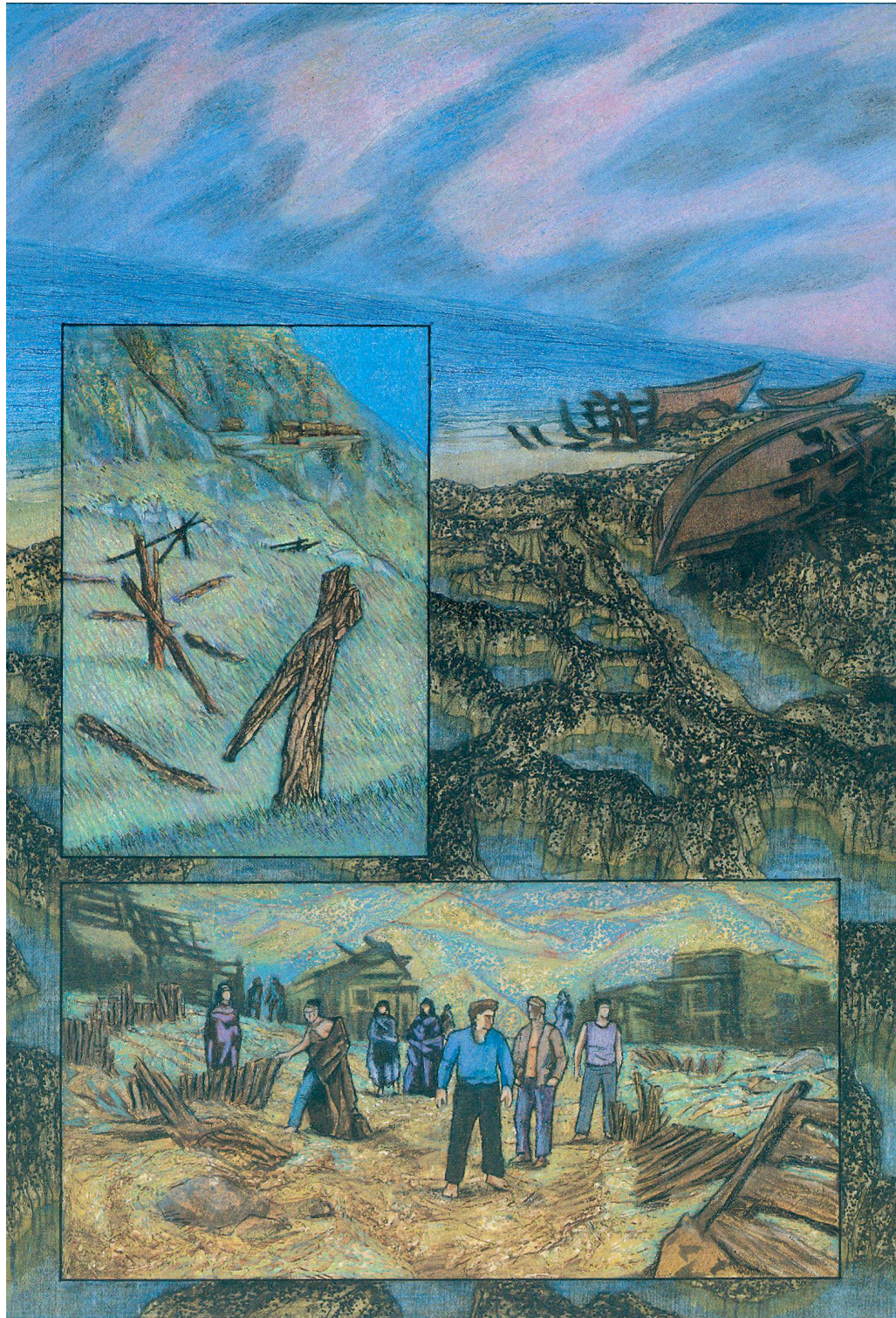


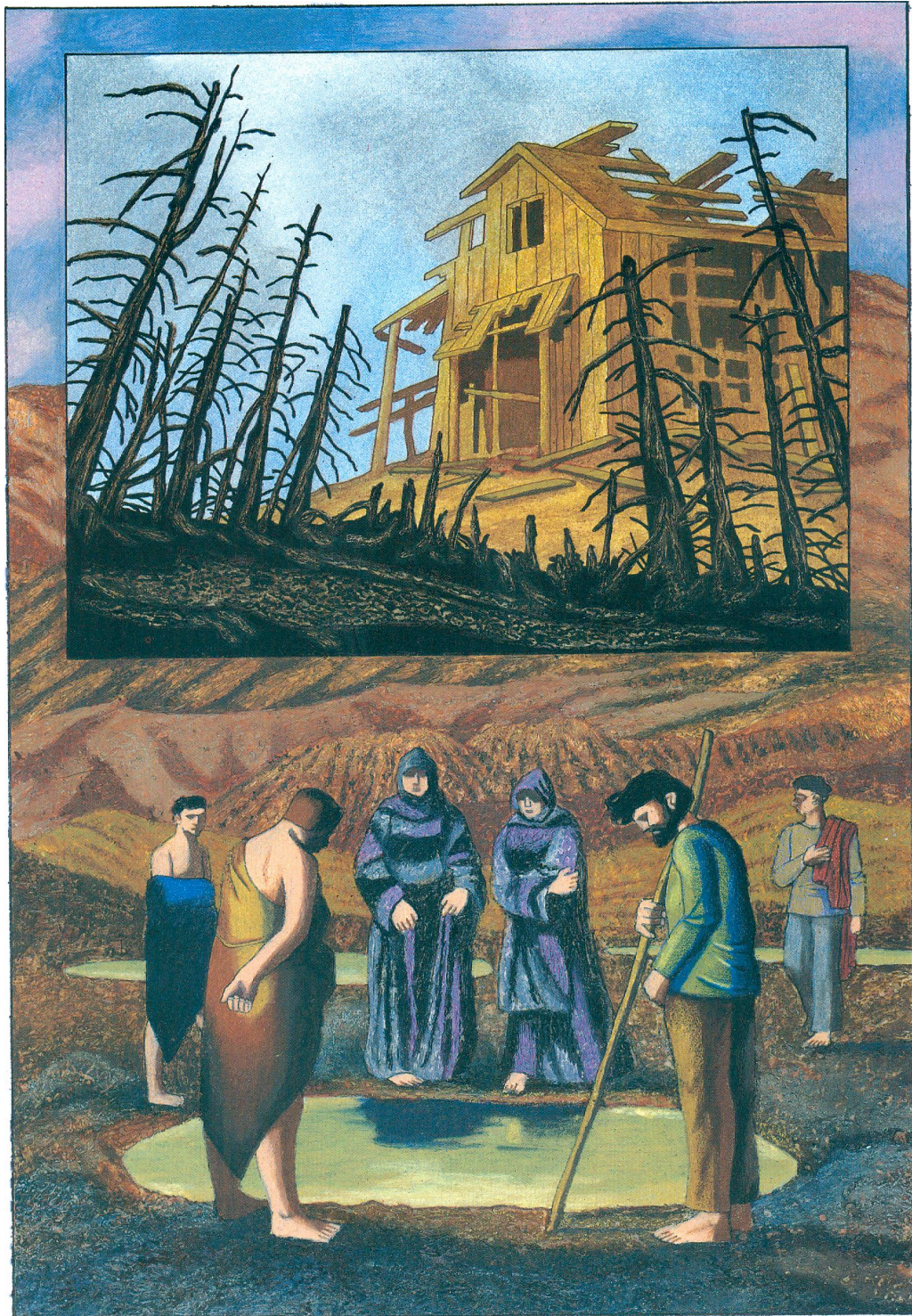


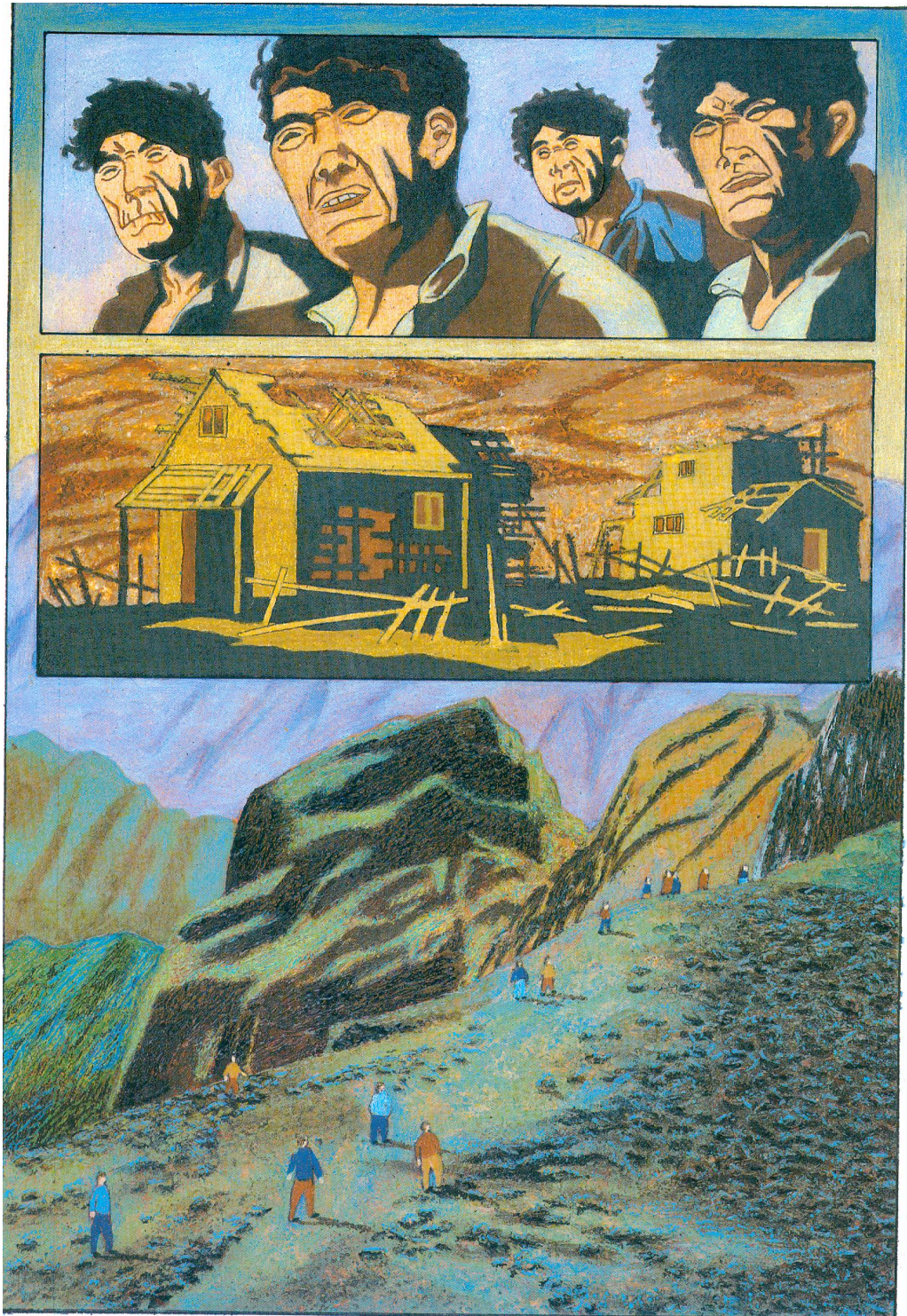


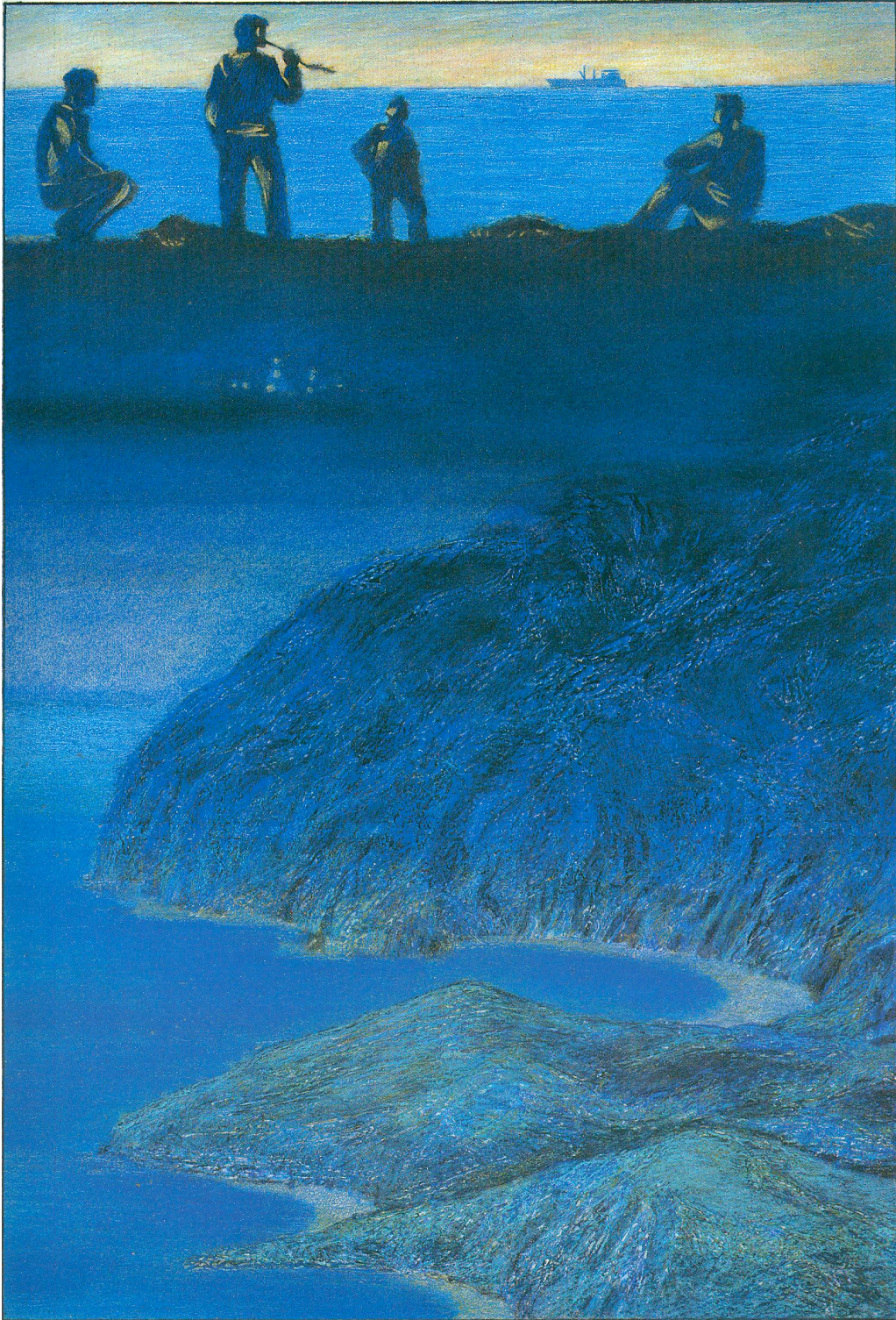


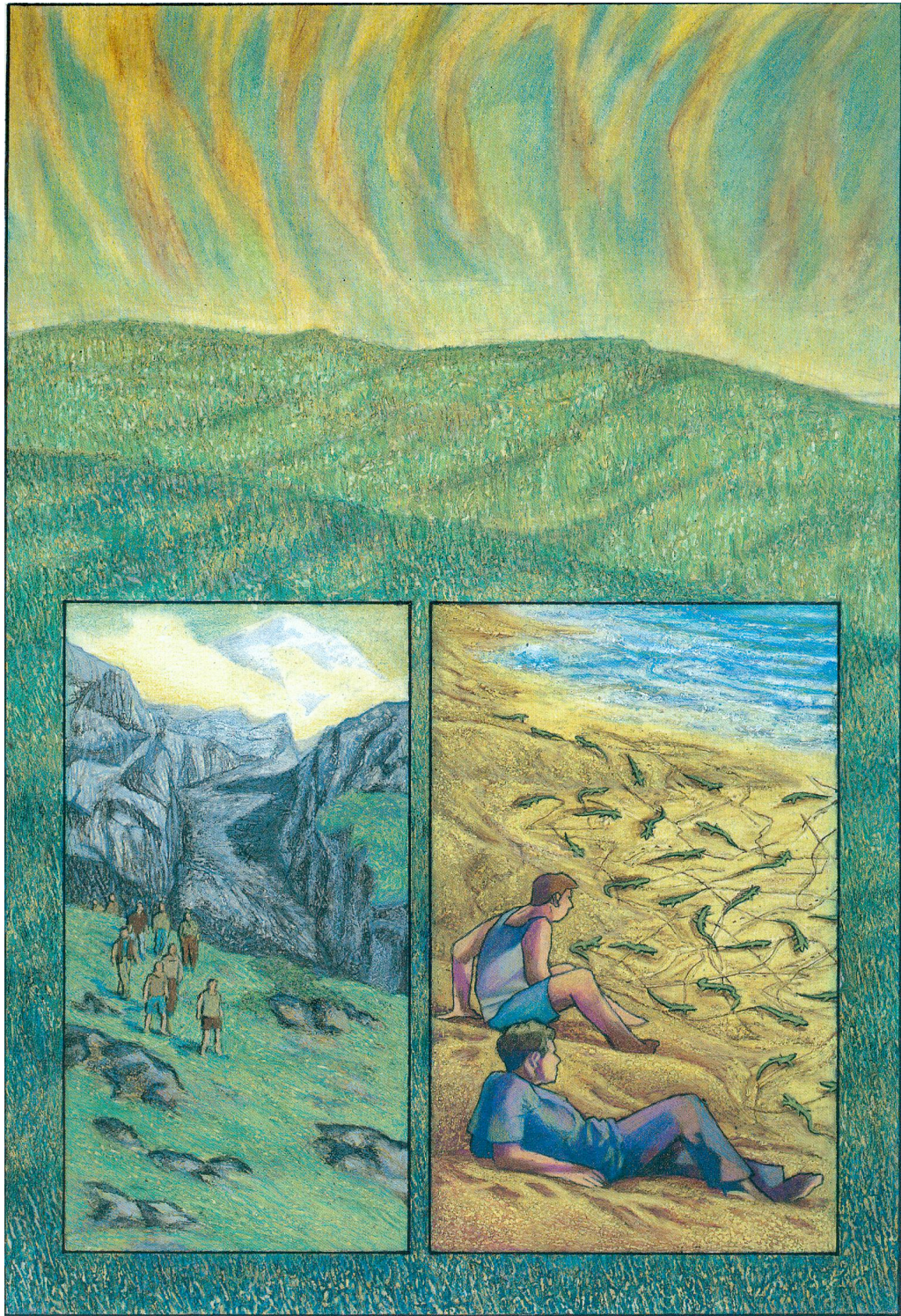


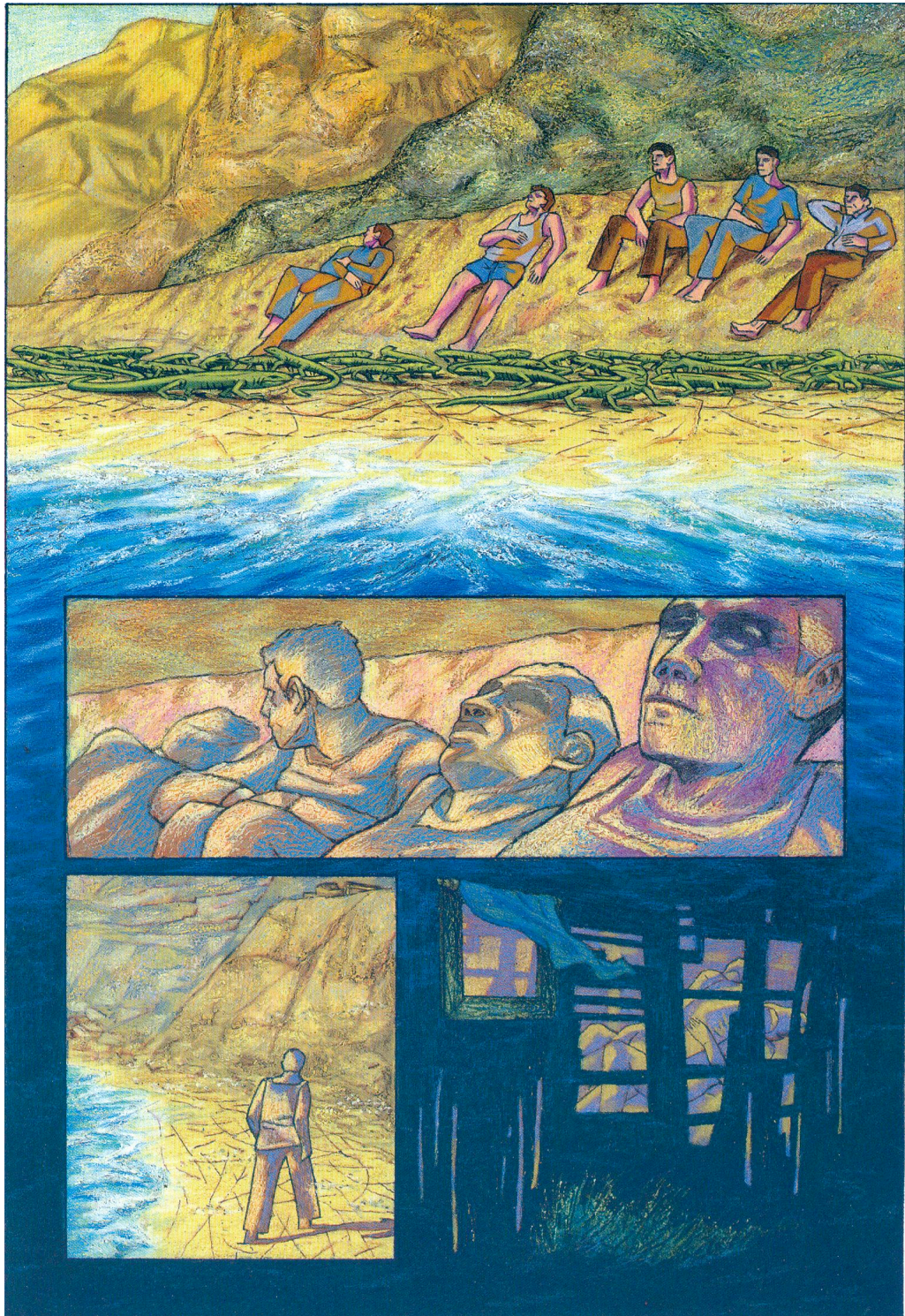


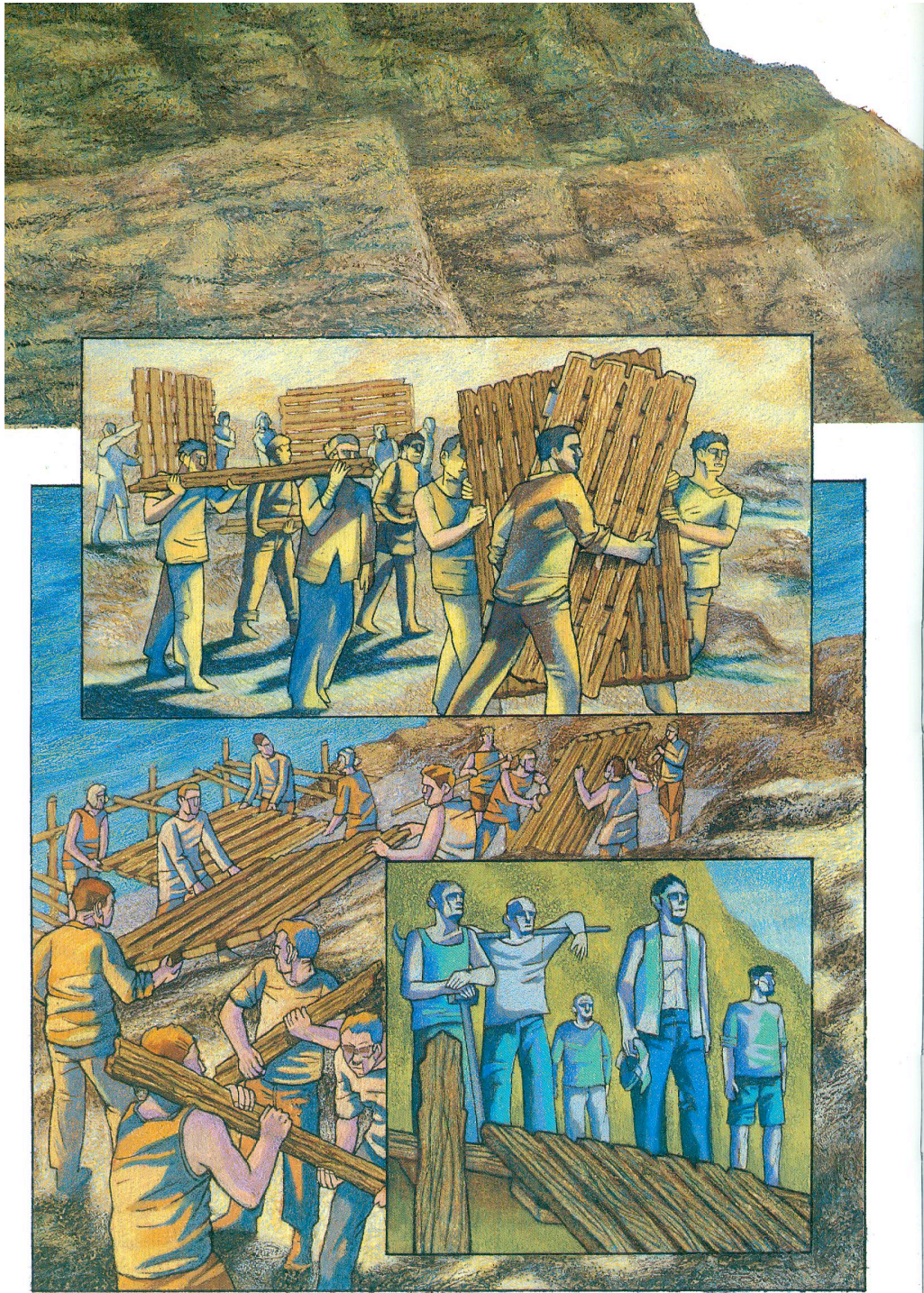


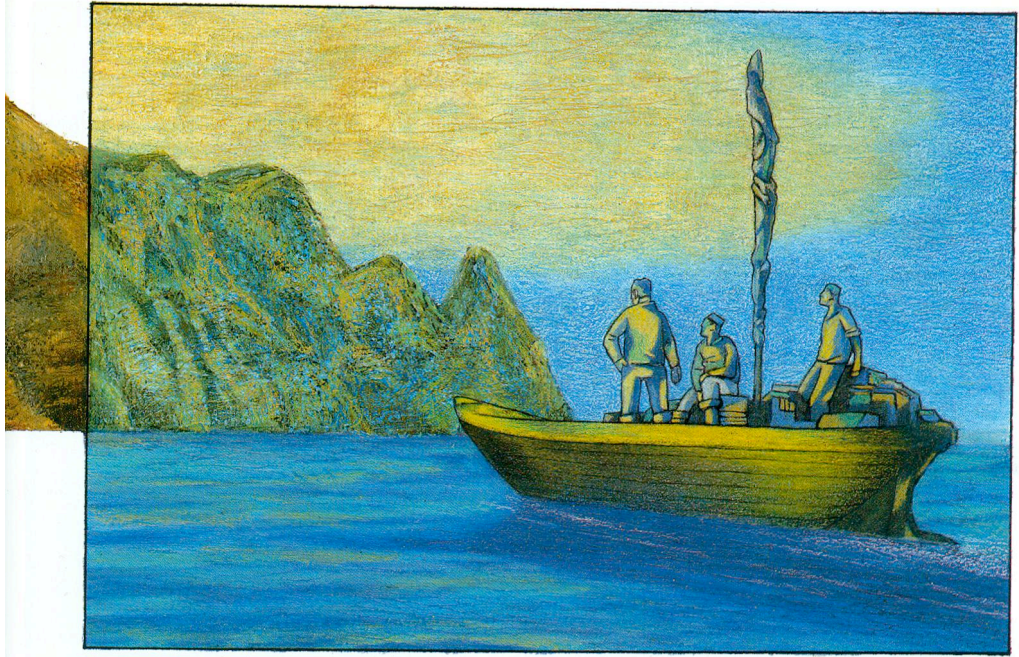


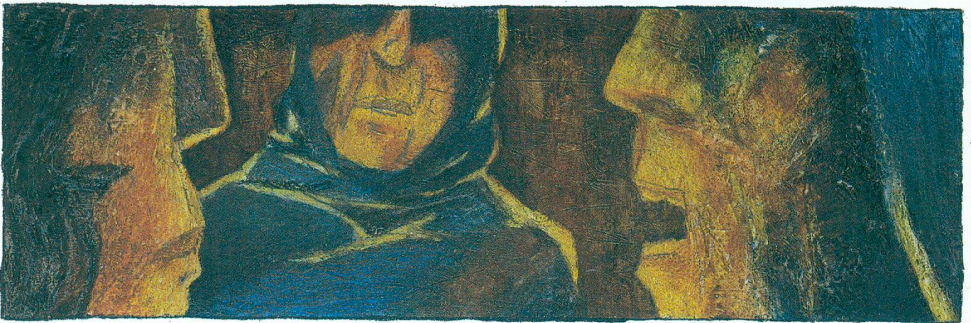


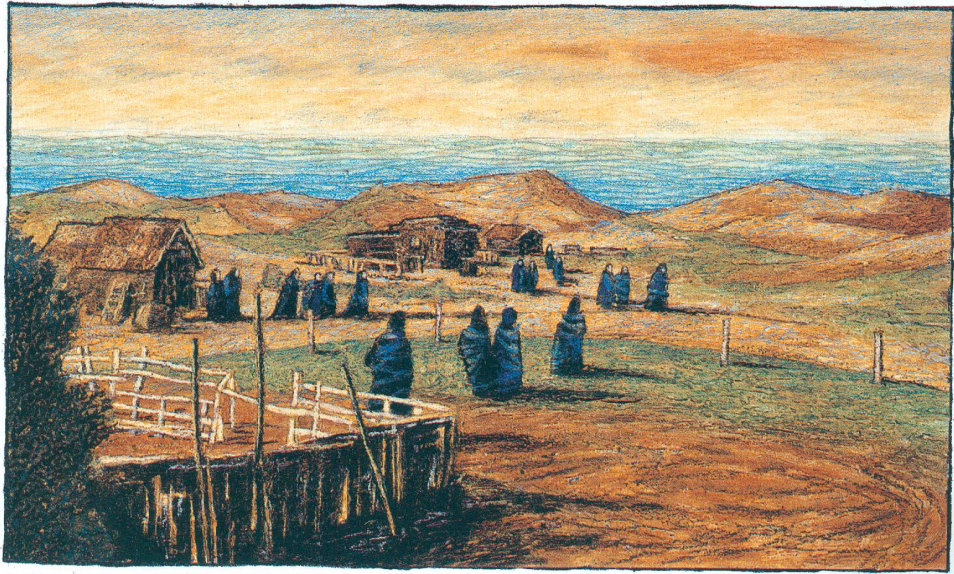


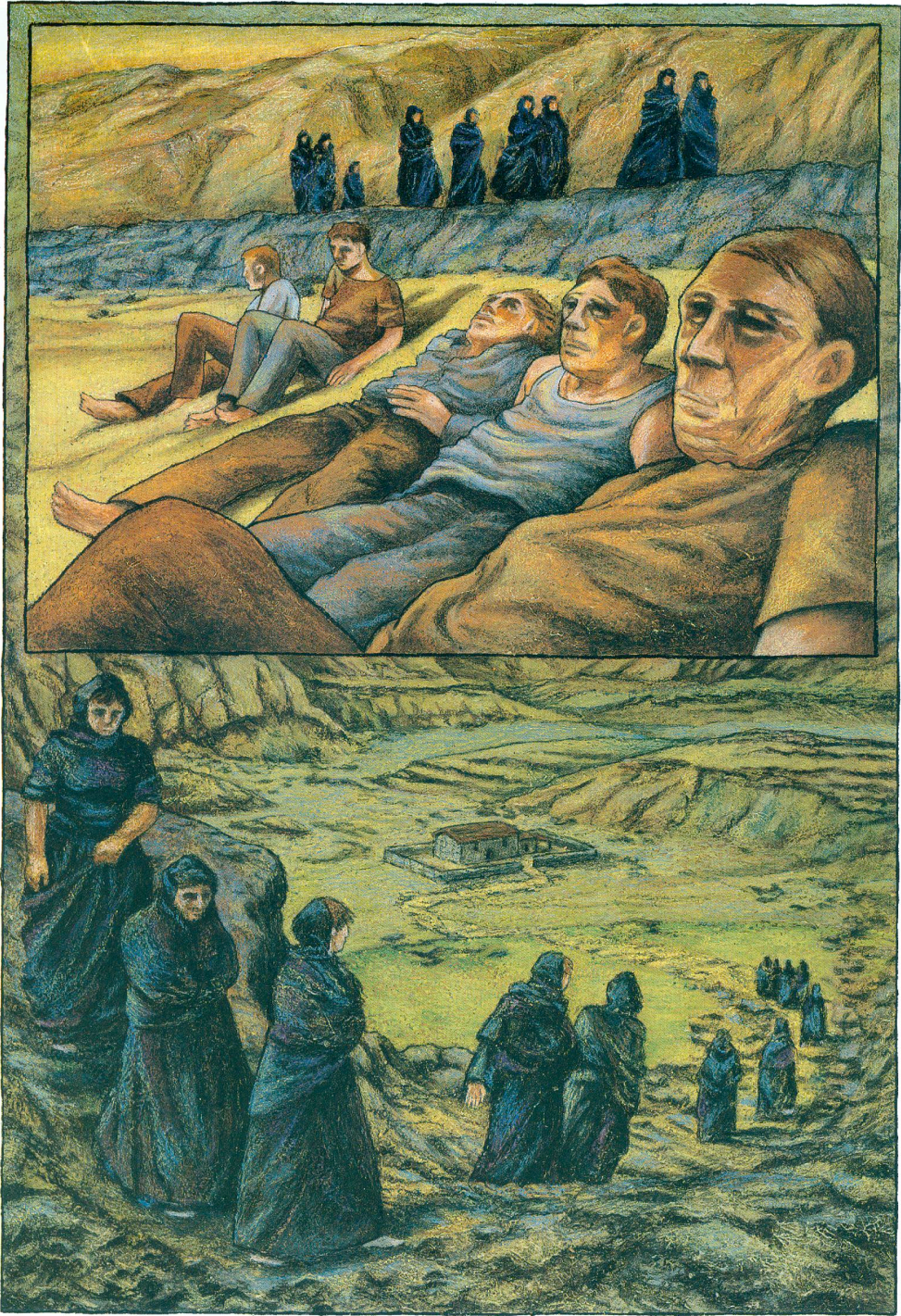




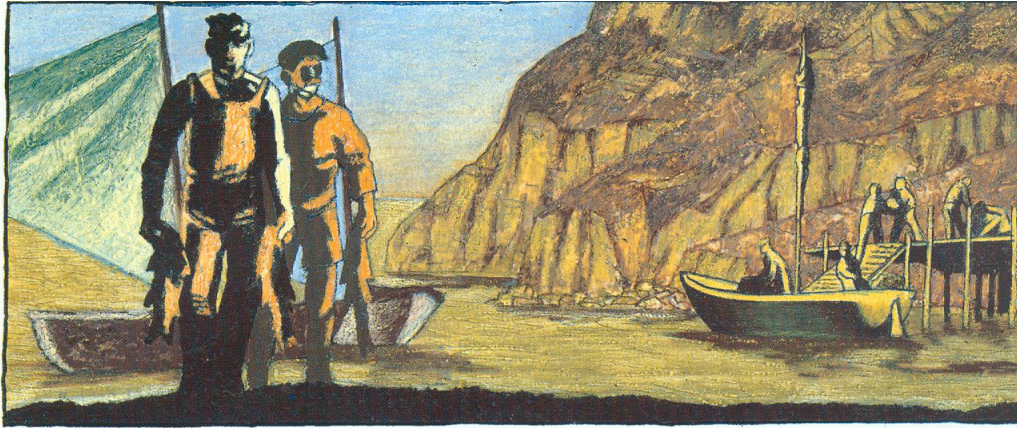


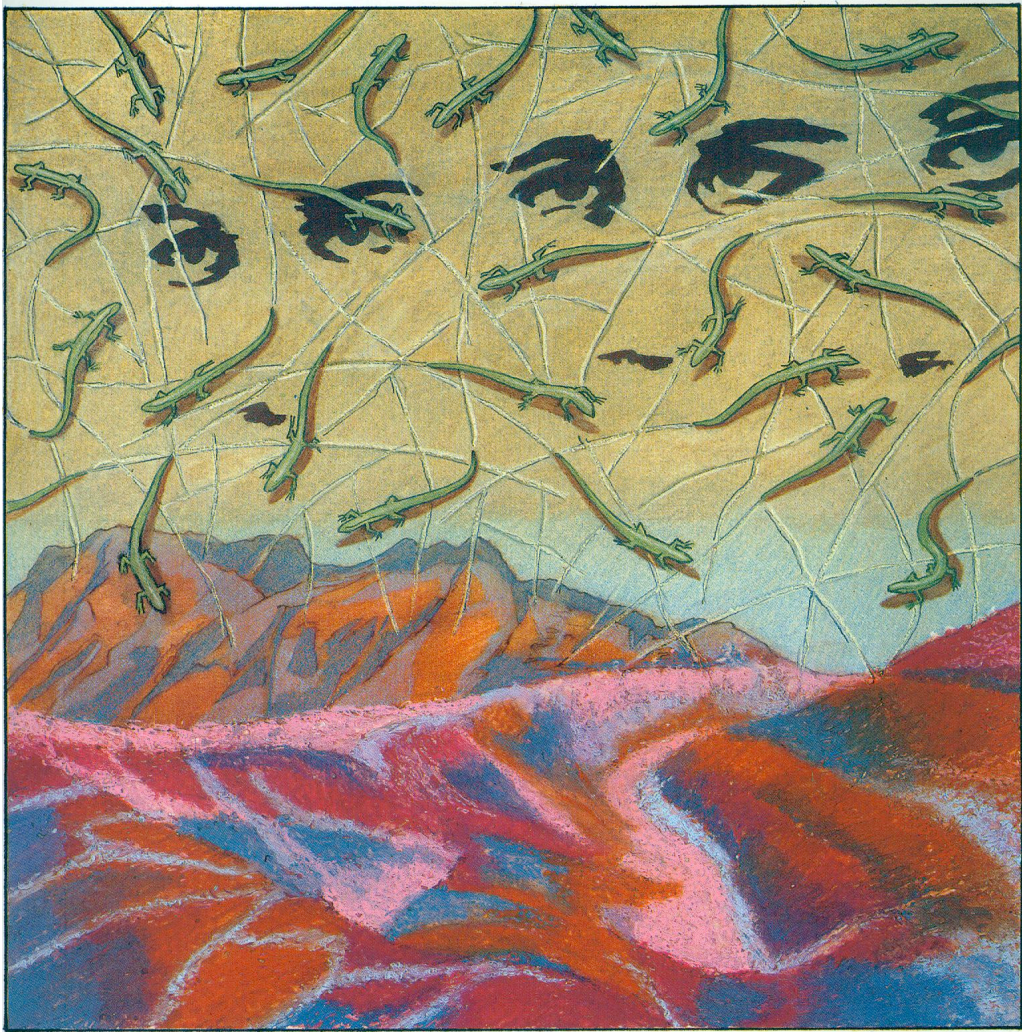


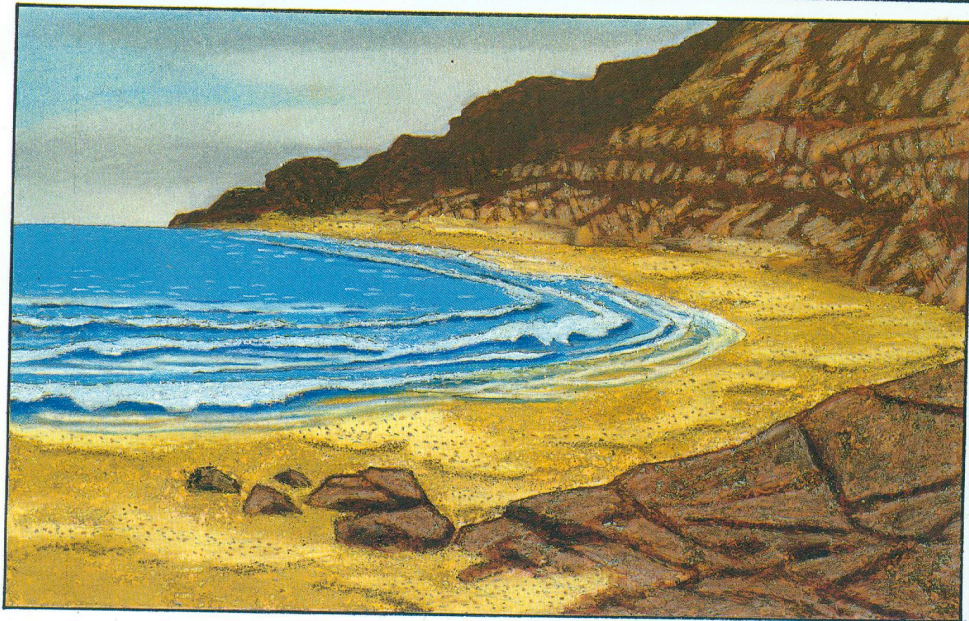










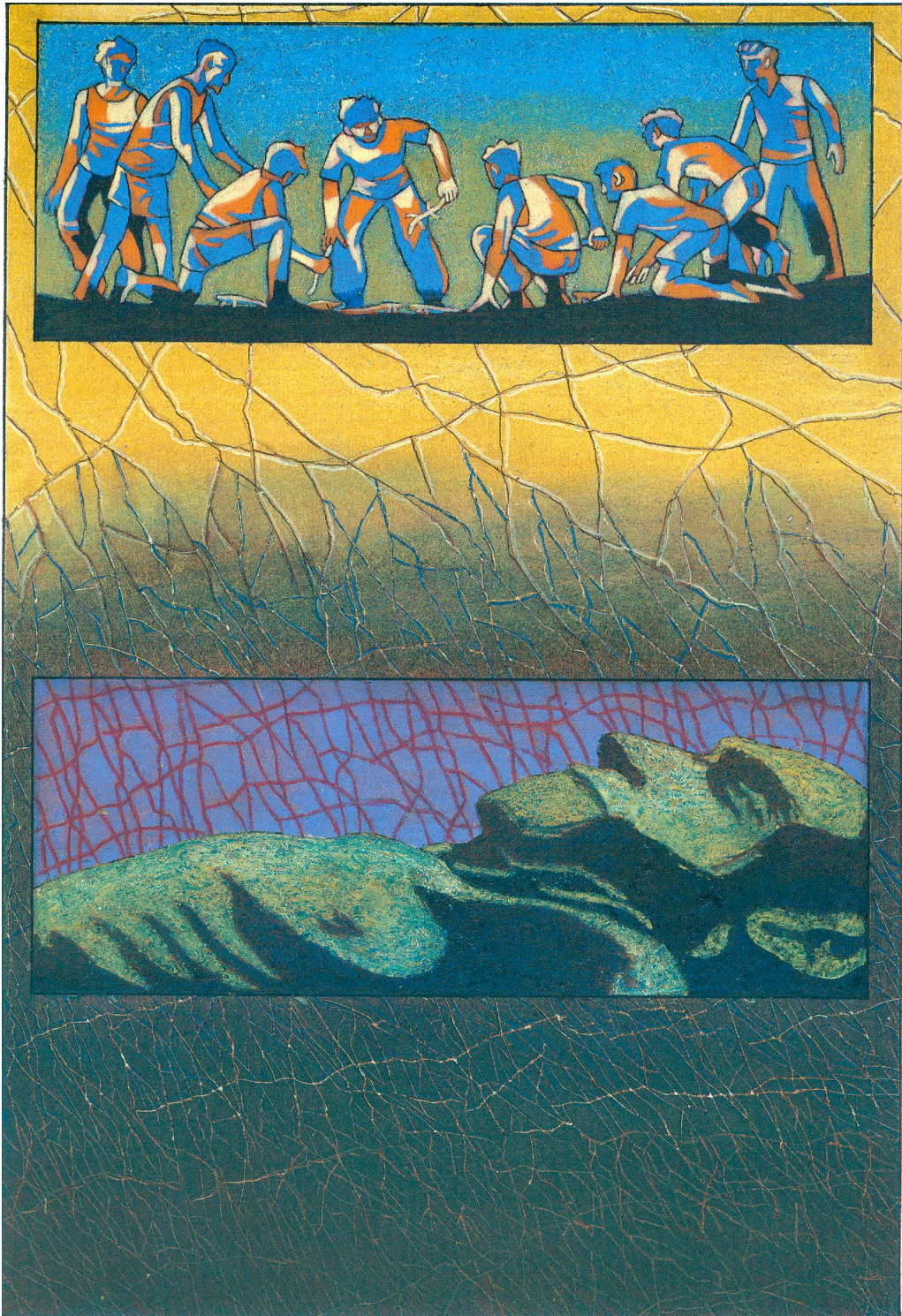


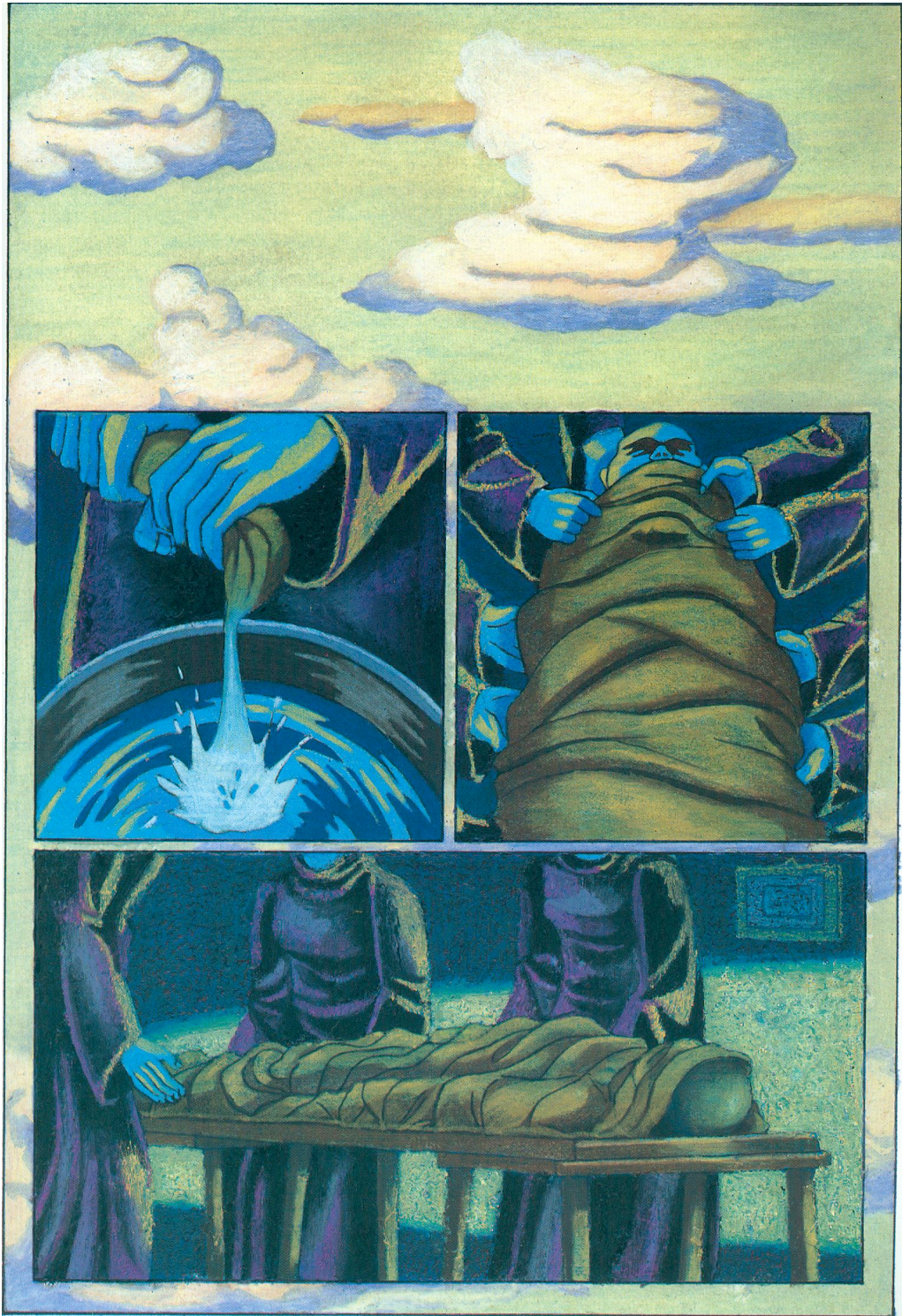


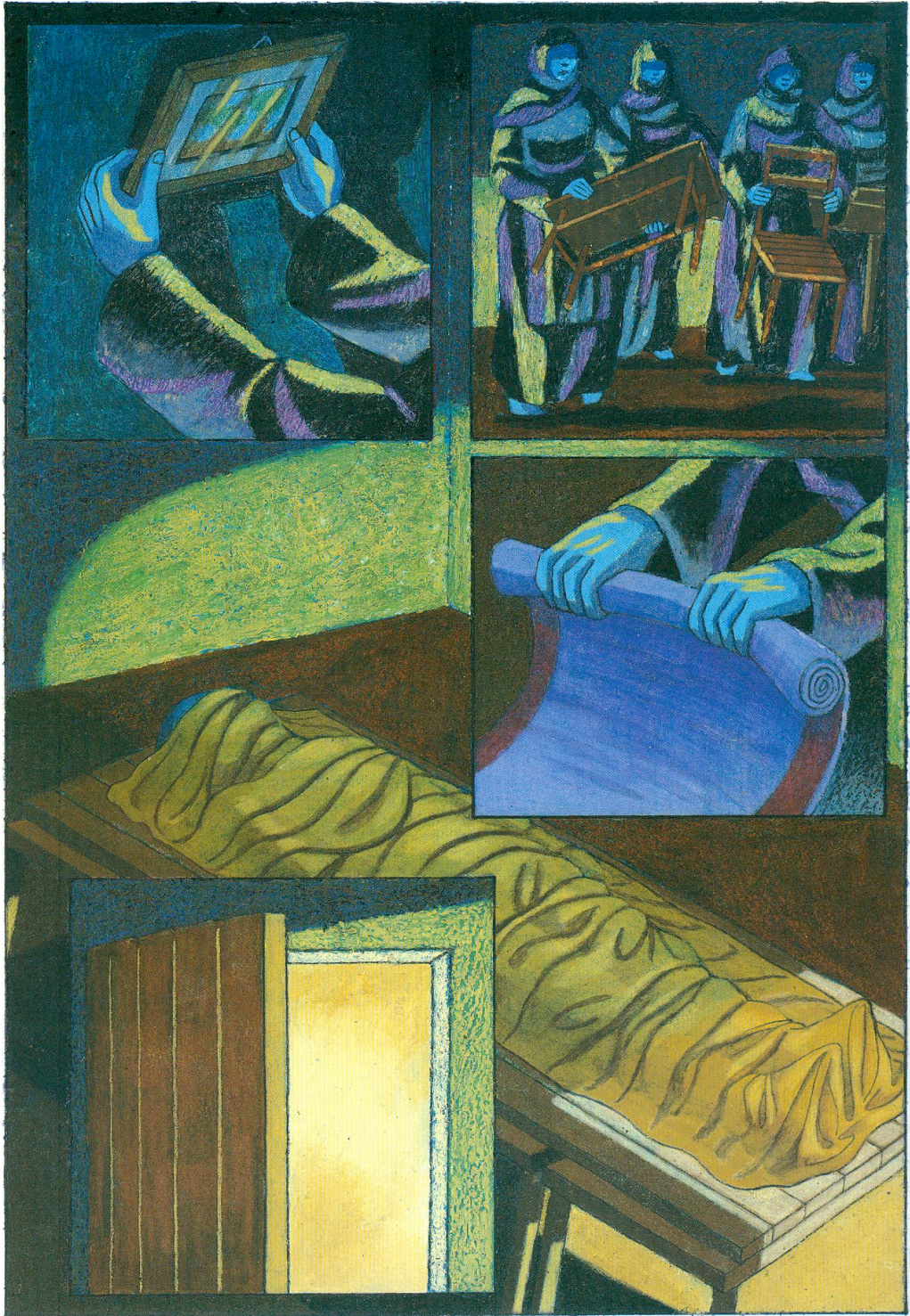




















ÍNDICE

1.º Volume

INTRODUÇÃO	6
1 – LITERATURA EM ESTAMPAS	24
1.1 – A invenção de um género	26
1.2 – Uma nova linguagem	44
1.3 – A escrita por imagens	63
2 – O GÉNERO NOVELA GRÁFICA	74
2.1 – Géneros: evolução e transgressão	76
2.2 – O género narrativo	107
2.3 – Da novela à novela gráfica	122
3 – EDUARDA	159
3.1 – A transcrita de Madame Edwarda	160
3.2 – O encontro da opacidade	177
3.3 – Dialogismo e polifonia	190
4 – AS POMBINHAS DO SR. LEITÃO	205
4.1 – Ficção literária em banda desenhada	206
4.2 – As instâncias narrativas da enunciação gráfica	220
4.2.1 – O Narrador	220
4.2.2 – Mosaico narrativo: a carta; as personagens; o milagre	228
4.3 – Regimes da paródia	238
5 – ARQUIPÉLAGOS	248
5.1 – A quietude do movimento: a palavra desenhada	249
5.2 – Uma Ilha em Sketches: Herberto Helder em BD	259
5.2.1 – O instante silencioso	264
5.2.2 – Narração visual	268
CONCLUSÃO	274
BIBLIOGRAFIA	278

2.º Volume

ANEXOS

Anexo 1	
Eddie Campbell's (Revised) Graphic Novel Manifesto	3
Anexo 2	
Miguel Rocha, <i>As Pombinhas do Sr. Leitão</i>	5
Anexo 3	
Miguel Rocha, <i>Eduarda</i>	52

Anexo 4	
Herberto Helder, « <i>uma ilha em sketches</i> »	103
Anexo 5	
Diniz Conefrey, « <i>uma ilha em sketches</i> »	110

